Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

ANO 55.º / N.º 18894 4$00

QUINTA-FEIRA 16 OUTUBRO 1975

MERCENÁRIOS RECRUTADOS EM LISBOA

CONTRARIANDO AS DETERMINAÇÕES DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA ESTÃO A SER CONTRATADOS EX-"COMANDOS" E PRESUMÍVEIS "ELP's" NUMA "AGÊNCIA" DE LISBOA. POR QUEM E PARA QUÊ?

Fontes dignas de todo o crédito lançaram um alerta às forças progressistas denunciando a gravidade do que está a passar-se em relação à formação do chamado A. M. I. e muito especialmente do recrutamento de comandos mercenários para essa força cujo carácter repressivo tem sido amplamente denunciado não só a nível militar como por diversas forças políticas progressistas.

Por outro lado, ao que parece, estão a ser interpretadas de uma forma perigosamente incorrecta as instruções emanadas do Presidente da República. Este teria autorizado o recrutamente de 400 elementos para formarem companhias destinadas a seguirem para Angola a fim de assegurarem esta última fase do processo de descolonização. Tais determinações, segundo nos assegura essa mesma fonte não estão a ser respeitadas tendo sido feito já um recrutamento de 300 elementos através da Associação dos ex-Comandos segundo um processo selectivo que só permite a entrada de elementos reconhecidamente mais reaccionários e comprometidos com a guerra colonial. Consta mesmo que, infiltrados, existem entre os já recrutadoss, alguns elementos referenciados com ligações ao E. L. P. Aos ex-comandos recrutados é feita uma proclamação em termos que não escondem um espírito profundamente reaccionário. Por outro lado sabe-se também que o recrutamento está a ser feito pelos elementos mais reaccionários que se encontram metidos na Associação dos ex-Comandos.

A mesma fonte indicou-nos também que o centro de recrutamento está a funcionar num prédio da Avenida Duque de Ávila e apresenta o aspecto de qualquer agência de mercenários.

Embora ainda não estejam integrados e uniformizados os vários elementos recrutados terão já entrada nas instalações do Regimento de Comandos, na Amadora, onde espalham uma ideologia que já não oferece dúvidas a ninguém.

Em diversos círculos militares o facto é já conhecido e está a suscitar preocupação e indignação. Embora não nos tivesse sido possível confirmar junto destes oficiais, parece que tanto o general Otelo Saraiva de Carvalho, comandante do Copcon, como o general Fabião, chefe do Estado-Maior do Exército, estão à margem de toda esta movimentação que, obviamente, não aprovam.

Espera-se que na reunião de hoje do Conselho da Revolução este caso venha a constituir um importante assunto a ser discutido. A ameaça às forças progressistas e revolucionárias é mais que evidente e nem sequer o facto de tal corpo armado ficar directamente dependente do Presidente da República constitui factor tranquilizante pois uma força recrutada desta forma e assente em tais princípios ideológicos facilmente se insubordinará contra qualquer chefe democrático logo que veja que a correlação de forças lhe pode ser favorável.

CONSELHO DA REVOLUÇÃO REVÊ CAMINHOS?

A reunião de hoje do Conselho da Revolução, que teve início a meio da tarde, poderá trazer novas indicações quanto ao desenvolvimento e tentativa de superação da crise político-militar do País. Para além das questões de Angola e Timor (a F.N.L.A. aproxima-se de Luanda e a Indonésia prepara-se para resolver a seu contento o problema Timor), a situação em Portugal será, certamente, o tema principal.

A maioria de que os «nove» dispunham no Conselho da Revolução parece um tanto ou quanto abalada e tal facto, a concretizar-se, poderá ter efeitos positivos, a curto prazo, no sentido de uma saída revolucionária para a actual situação. Otelo e Pezarat Correia aparentam já desconfiança face aos reais objectivos do citado grupo. Aliás, o comandante da Região Militar do Sul terá já considerado que o «trairam». Do mesmo modo se encara a firmeza do general Carlos Fabião perante a clara indisciplina do Comando Militar do Norte (que teria decidido, de início, obedecer apenas às directivas dos «nove»). Por outro lado as alterações às ordens de Costa Gomes no tocante à criação e objectivos do AMI (falamos disso noutro locaal desta edição) e o carácter acentuadamente direitista que alguns conselheiros do C.R. e o Governo pretendem imprimir ao processo português, não encontram apoios seguros em grande número de membros do C.R.

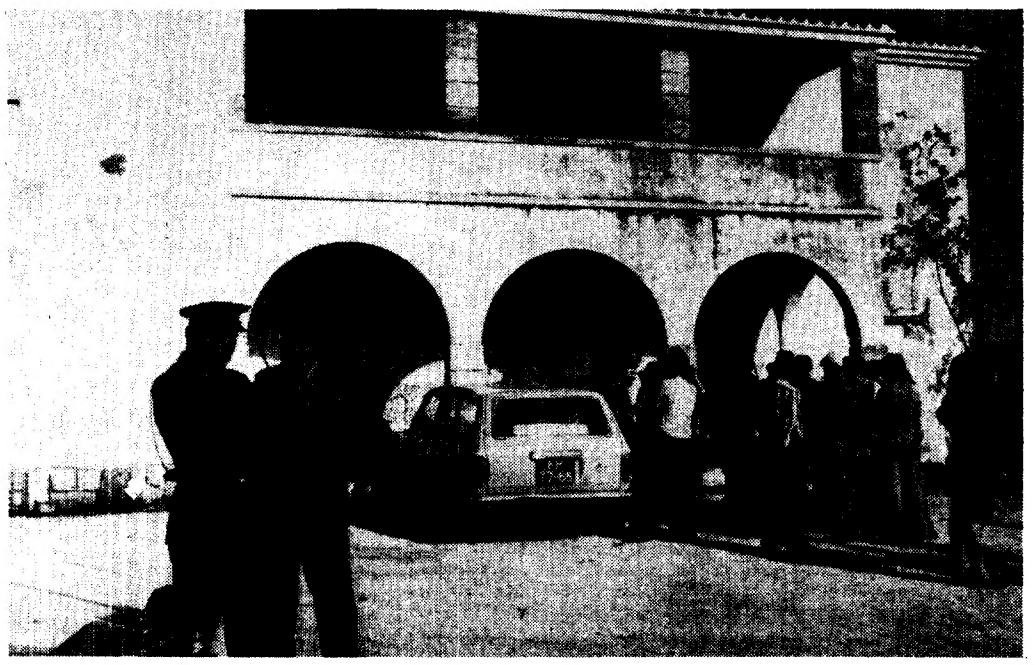
Neste contexto tem sido decisiva a ofensiva das massas populares que a nível de todo o País têm afirmado, inequivocamente, a vontade de não ceder perante a manobra social-democrata a nível político e militar.

Manifestações por todo o País visando o Poder das organizações populares e o controlo operário e o sanemento de reaccionários nos quartéis tem sido a resposta adequada ao capital.

A presença de Álvaro Cunhal ontem em Belém originou especulações. O secretário-geral do P.C.P., perante a pergunta de Costa Gomes face à posição do seu partido dentro e fora do Governo, foi peremptório:

. «Também nos foi perguntado qual a posição do P.C.P., com membros dentro do Governo e, depois, com uma actividade fora do Governo. Claro que nós temos a mesma posição dentro e fora do Governo. Aquilo que dizemos nos campos e nas fábricas é o mesmo que dizem os meus camaradas no Conselho de Ministros, no Governo e em qualquer circunstância e qualquer responsabilidade que tenham no aparelho de Estado. Nós temos sempre a mesma política. Portanto, aquilo que dizemos nas fábricas e nos campos é o mesmo que eu como membro do partido digo no Palácio de Belém».

Entretanto a presença ontem do capitão Durand Clemente em Belém nada teve de «estranho». Segundo apurámos, a conversa, de hora e meia, foi bastante serena e o Chefe do Estado terá insistido na necessidade de disciplina e de uma plataforma unitária no Exército. Por sua vez o capitão Clemente terá referido ao Presidente a sua experiência pessoal junto do Povo, a qual segundo teria dito, ensina muito mais que os gabinetes.



Esta manhã, na Buraca: dois agentes da P.S.P. que substituiram os «comandos» após a selagem misteriosa do posto emissor da Rádio Renascença; e os populares que começaram a juntar-se na expectativa de medidas oficiais, por um lado, e prevenindo-se contra provocações reaccionárias, por outro

MISSÃO DA O.U.A. EM NOVA LISBOA

VIOLENTOS COMBATES NA ÁREA DO CAXITO

. LUANDA, 16 — (R/FP) — A Comissão de Conciliação da Organização da Unidade Africana (O. U. A.) chegou ontem a Nova Lisboa, a segunda maior cidade de Angola, para contactos com a U. N. I. T. A.

A comissão é presidida por Paul Etiang, ministro de Estado e conselheiro junto da Presidência da República do Uganda. A capital do Huambo, centro de uma rica região agrícola, situa-se a uns 600 quilómetros a sueste de Luanda.

Miguel Nzau Puna, secretário-geral da U. N. I. T. A., disse aos membros da comissão, ao dar-lhes as boas-vindas, que o seu movimento procurava um Governo «socialista» e continuaria a lutar contra o M. P. L. A., se não puder ser encontrada uma solução política.

O grupo da O. U. A., que procura uma solução para o conflito entre os movimentos nacionalistas antes da independência de Angola, prevista para 11 de Novembro, deve ter conferenciado ainda ontem com o dr. Jonas Savimbi, o presidente da U. N. I. T. A.

Espera-se que os membros da Comissão permaneçam dois dias na região dominada pela U. N. I. T. A., no sul e no centro de Angola, antes de seguirem de avião para o Uíge, a noroeste, a fim de se encontrarem com dirigentes do terceiro movimento, a F.N.L.A.

A sua partida de Angola está prevista para 20 de Outubro, seguindo-se a apresentação de um relatório da sua missão ao presidente da O.U.A., o marechal Idi Amin, chefe de Estado do Uganda.

Afiguram-se, entretanto, remotas as possibilidades de conciliação entre o M.P.L.A. e os outros dois movimentos de libertação. Círculos próximos da missão da O.U.A. consideram, com efeito, bastante improvável que o M.P.L.A. aceite negociar com os seus dois ri-

Continua na pág. 18

20 PAGINAS

SELADA NA BURACA...

RÁDIO RENASCENÇA NA EXPECTATIVA

Quem mandou selar o posto emissor da Rádio Renascença na Buraca?

A interrogação pairava, esta manhã, naquele local, para onde se dirigiram, correspondendo aos apelos nesse sentido lançados pelas unidades militares progressistas, comissões de moradores e comissões de trabalhadores e numerosos operários apostados na marcha da revolução.

Foram dois os soldados — ou como tal disfarçados — que ontem, negando identificar-se aos trabalhadores que se encontravam na Buraca, selaram o posto que «irradia» toda a programação daquela estação radiofónica, de há meses a esta parte gerida pelos trabalhadores em luta com o episcopado. Quando o VI Governo, com o Presidente da República ausente, se tentou apoderar das estações radiofónicas, a R.R. foi silenciada.

O Comando Operacional do Continente nega categoricamente que tenha partido do Alto do Duque a ordem de selagem da Rádio Renascença. O Conselho da Revolução, por seu turno, parece ter telefonado, pressuroso, para se pôr ao corrente do que se passava.

Os trabalhadores da R.R. ainda esta manhã procuravam indagar de onde partira a ordem que levou ao encerramento do posto da Buraca e, por reflexo, de toda a estação.

Continua na pág. 18

Nacional

ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

O REQUERIMENTO

. Três horas gastaram ontem os deputados para entenderem paternalmente, que «o acesso à Universidade deve ter em conta as necessidades do País em quadros qualificados de modo a estimular e favorecer a entrada dos trabalhadores e dos filhos das classes trabalhadoras» e ainda para aprovarem que «o Estado fiscalizará o ensino particular supletivo do ensino oficial».

E foi práticamente tudo em matéria de ordem do dia. E as sessões vão-se arrastando, de tal modo que ninguém acredita já que se aprove qualquer Constituição até 5 de Dezembro. O que era um bem...desde que Costa Gomes não se lembrasse de conceder mais tempo para aprovações de normas que nada têm a ver já com o Pacto Constitucional — assinado entre o M. F. A. e cinco dos partidos presentes em S. Bento. Normas enfim que pouco ou nada já têm a ver com uma «Revolução» em transição para o socialismo.

BURBURINHO

O ponto quente da sessão ocorreu porém antes da ordem do dia. Vamos relatá-lo o mais possível na íntegra e os leitores ajuizarão: por um lado da atitude dos deputados do C. D. S. do P. P. D. e de uma boa parte do P. S.; por outro, verão do teor do próprio requerimento do representante da U. D. P., dirigido a Costa Gomes, e que esteve na origem da enorme efervescência de ontem no hemiciclo.

Uma nota: nos diálogos que vamos transcrever onde estiver vozes, deve entender-se deputados do C. D. S., do P. P. D. e uma parte do P. S. Da bancada do P. C. P. o silêncio apenas. Os deputados do M. D. P. não estavam presentes.

Presidente: — Ora, temos presente na mesa um requerimento apresentado pelo sr. deputado Américo Duarte da U. D. P.. A mesa entende não dever ler esse requerimento que é dirigido pessoalmente ao sr. Presidente da República, e em termos que a mesa não considera próprios e que ela não desejava de maneira nenhuma, mesmo através de simples leitura, associar-se. (Aplausos).

—Vozes. (Comentários). — Assassino!

. Peço a atenção. Entretanto sr. deputado do seu lugar tomando portanto ele a responsabilidade, sem qualquer ainda que muito indirecta cumplicidade da nossa parte, poderá ler o requerimento.

Américo Duarte: — A classe operária já sabe que para a burguesia são assassinos...

Burburinho na sala.

Vozes: — Assassinos!

Orador: — E para os fascistas, tambem, aqueles que defendem os «pides».

Burburinho na sala

Vozes: — Assassino!

Presidente: — Eu refiz o meu apelo porque essas intervenções só vão atrasar os nossos trabalhos. Pedia portanto o favor...

O orador: 1 — Considerando que a falta de ordém, de autoridade e de disciplina têm sido as constantes nos discursos do Sexto Governo Provisório, até aos discussos de Charais e Veloso.

2 — Considerando que essa ordem é a de bandos de provocadores andarem durante a noite a rasgarem a propaganda de organizações revolucionárias. **(Burburinho. Assassino!)**

.3 — Considerando que essa autoridade é a de o Governo Provisório antes de ouvidos os nossos camaradas presos fazer sair um comunicado onde mentirosa e provocatoriamente os acusa de assassinos a frio. **(Burburinho).**

4 — Considerando que essa disciplina é a do Governo Provisório que passa por cima das suas próprias leis e dos seus tribunais que afirmam que ninguém pode ser declarado culpado de um crime antes de tal ser provado **(Burburinho).**

Orador — Eu pedia ao sr. presidente se fazia o favor de dizer se eu poderia continuar a ler o requerimento. **(Burburinho.).**

Vozes: — Assassino!

O Presidente: — O presidente repete o seu apelo para deixarem o sr. deputado ler o requerimento tomando dele toda a responsabilidade.

B**Vozes:** — Ah sim?

Burburinho.

O orador: — 5 — Considerando que essa disciplina é a de deputados do C. D. S. do P. P. D. e do P. S. nesta Assembleia Constituinte falarem provocatoriamente em «assassinato», «crime» e «carrascos» àcerca do incidente em que lamentavelmente morreu um jovem estudante. **(Burburinho).**

Orador — 6 — Considerando que essa autoridade é de o Governo negar a responsabilidade evidente do P. P. D. dos incidentes junto ao RASP, quando é claro como a água que foi a manifestação do P. P. D. que se dirigiu para o RASP para provocar os soldados e a população que lá se encontravam.

7 — Considerando que essa ordem é a do cacete sobre os manifestantes antifascistas e antifranquistas em Santa Apolónia.

8 — Considerando que essa autoridade é a do Jaime Neves mandar carregar sobre os deficientes das Forças Armadas. **(Burburinho.)**

Orador — 9 — Considerando que essa ordem é a de bandos fascistas do ELP e M. R. P. P. atacarem durante cerca de cinco horas a sede da U. D. P. no Porto sem que a tal disciplina do comandante Pires Veloso actuasse para reprimir os fascistas e provocadores.

Vozes — Reaccionário! assassino!

. **Orador** — 10 — Considerando que essa autoridade é a do comandante da Região Militar do Norte, quando ao fim de cinco horas vê que os fascistas não conseguem entrar na sede da U. D. P. manda o capitão Rocha entrar na sede com o compromisso de nada ser destruido.

11 — Considerando que essa disciplina é a do capitão Rocha quando chega à Praça D. João 1 em vez de virar os canhões contra os fascistas aponta-os para a sede da UDP que estava a ser atacada. **(Vozes — burburinho** — comentários: Manuel Alegre ri-se. Amaro da Costa ri-se.)

. **Orador** — 12 — Considerando que essa ordem defendida pelo capitão Rocha que autorizou que 10 fascistas entrassem na sede da U. D. P. e seguidamente a virassem de pernas para o ar partindo máquinas e móveis. **(Burburinho).**

13 — Considerando que essa autoridade é a de terem escrito nas paredes da sede da U. D. P. «Viva o E. L. P.», «Viva o M. R. P. P.» sem que as forças da tal ordem conseguissem vislumbrar os autores de tais provocações.

O Presidente: — Fazem favor de deixar concluir.

Américo Duarte: — Eu dá-me a impressão de que o Porto é que foi enganado...o coro está é desafinado. Ali os fascistas do C. D. S. falam de uma maneira!

. **O Presidente:** — Não. O senhor não faz comentários. **Burburinho.**

O Presidente: — Leia o requerimento. **Burburinho.**

Vozes: — Rua! Assassino!

. **O Presidente:** — Não faz comentários. Leia o requerimento.

Orador — Requerei que o Presidente da República esclareça:

. 1 — Quais os dados e elementos concretos que o Governo tinha em seu poder sobre a lamentável morte de um estudante para mentirosa e provocatoriamente fazer sair um comunicado em que fala em assassinato quando os nossos camaradas presos nem sequer tinham sido ouvidos pelo juiz de instrução.

2 — Quais as razões porque as forças de ordem só intervieram passado cinco horas quando a sede da U. D. P. no Porto estava a ser atacada por fascistas.

3 — Quais as razões porque a P. S. P. disparou uma rajada de metralhadora contra a sede da U. D. P. no Porto.

4 — Se o E. L. P. ainda é proibido porque é que as forças da ordem que tomaram conta da sede da U. D. P. não prenderam quem andou dentro da nossa sede a escrever «Viva o E. L. P.», «Viva o M. R. P. P.».

5 — Quem são os responsáveis pela destruição dos móveis e máquinas que se encontravam na nossa sede.

6 — Onde está o inquérito sobre o assassinato de Vitor Bernardes no Rossio pela P. S. P. em meados de Agosto de 1974 aquando de uma manifestação anticolonial.

7 — Onde está o inquérito sobre o assassinato a tiro do camarada João Manuel Lopes, militante da U. D. P. em Setúbal, nas vésperas do 11 de Março nos acontecimentos provocados pelo P. P. D.

Vozes: Rua! Fora! Assassino!

. **O Orador**(olhando para a bancada do P. S.): O coro aí está desafinado...o requerimento vai ser entregue à mesa.

Burburinho. Apupos. Assobios. Vozes: Rua! Rua! **Assobios.**

Seguidamente o presidente considerou que o requerimento não devia ser entregue a Costa Gomes. José Luís Nunes (P. S.) disse que os termos «eram insultuosos, provocatórios injuriosos» de teor «manifestamente subversivo» e que portanto não devia ser dado seguimento ao requerimento.

Teve aplausos do P. S., do P. P. D. e do C. D. S..

Votou-se o requerimento — entre gritos de «fora! rua! fascista! assassino!» ao deputado da U. D. P.. Os deputados do C. D. S. P. P. D. e P. S. pelo não seguimento. Os representantes do P. C. P. abstiveram-se por considerarem (Vital Moreira) que «a Assembleia não podia pronunciar-se sobre o tema, limitando-se a cumprir o requerimento». Ou seja, o requerimento deveria seguir para o Presidente da República. Declararam ainda que a abstenção não se dirigia «à matéria de fundo».

Costa Andrade (P. P. D.) diria ainda que a linguagem de Américo Duarte «ultrapassara aqueles limites mínimos da convivência e da adequação social». Teve os mesmos aplausos de José Luis Nunes. Finalmente Carlos Lage, com idênticos aplausos, afirmou-se indignado e resolveu misturar toda a questão com «nós dizemos não à morte e não aceitamos o slogan de «viva a morte» que os fascistas utilizavam em Espanha» e acabou por dizer que tudo aquilo era «um insulto à consciência revolucionária e ao humanismo do povo português».

E. A.

COSTA GOMES ENCONTRA-SE COM O PAPA EM ROMA

. Foi definitivamente marcada para os dias que vão de 22 a 26 do corrente a viagem que o Presidente da República Portuguesa, general Costa Gomes, deve efectuar à Itália e à Jugoslávia.

Sabe-se entretanto de alguns encontros que Costa Gomes vai ter e deles ressalta, naturalmente, um, no Vaticano com o Papa Paulo VI. Foi o prório Presidente da República Portuguesa quem manifestou interesse neste encontro, revela a agência Anop, recorrendo ao embaixador de Portugal junto da Santa Sé, dr. José Calvet de Magalhães. Outro encontro que Costa Gomes terá em Roma é com o seu homólogo italiano Giovani Leone. O encontro com o Papa deve ocorrer no dia 22.

REABRIU O R.A.S.P.

PORTO, 16 (Delegação) — Após a visita do general Carlos Fabião ao Porto, o R. A. S. P. reabriu ontem de manhã, como era habitual, as suas portas ao público.

As barreiras que os populares haviàm feito junto ao quartel desapareceram. E os grupos de pessoas que ali permaneciam dia e noite em manifestação de apoio à posição dos militares que se encontravam naquela unidade, abandonaram, por sua vez, o local.

Entretanto, a guarda às instalações do C. I. C. A. P. está a cargo de militares desta unidade.

REUNIÃO DE OFICIAIS

Suspensas há algum tempo, foram agora reatadas as reuniões de oficiais que vinham a realizar-se desde 25 de Abril do ano passado no Quartel-General da Região Militar do Norte.

Apresentados pelo capitão Martelo, oficiais estiveram ontem reunidos no Q. G., em encontro informal e sem agenda, que terá servido, ao que se supõe, para fazer ponto dos recentes acontecimentos ocorridos no C. I. C. A. P. e no R. A. S. P.

OS AMERICANOS ATÉ AS SETAS ROUBARAM

Os americanos eram muitos. Numerosos. Tinham grandes chefes. Os índios em minoria lutavam pela liberdade,,, em cavalos bravos, com setas, que o dinheiro era metal arredio. Não tinham subsídios internacionais ou de tribos algures mais prósperas. Os americanos votavam o massacre. Os índios defendiam-se com as setas. Por fim, os americanos até as setas usurparam aos índios. «Nós somos pioneiros da liberdade», gritavam os americanos. Quanto aos índios, mais apagados, não diziam nós somos. Lutavam **apenas** pela liberdade. Quando as setas foram roubadas aos índios porque a maioria (os americanos) ainda tinha um (ou dois) braços para erguer na **hora da decisão** (que interessava o resto se o chefe erguera o braço?) foi a grande desolação no regimento.

..Ontem, à Assembleia Constituinte faltou o «Bufalo Bill». Quem o não esperava?! Mas gostei (digo-lhes) de fumar o cachimbo com o guerreiro índio Américo Duarte e o outro de duas penas Vital Moreira.

..Ontem, a batalha campal aconteceu nos arrabaldes da cidade (implantada no deserto) do ensino. O guerreiro deposto, António Hespanha, no lugar reservado à população, assistia à refrega. E vai de escrever como estretega (como ele devia ter rido com a anacrónica Bisâncio na Constituinte!) para as páginas do «Diário de Lisboa». Americanos havia (por exemplo o P. P. D. esquadrão de reserva avançou para as linhas de combate) que defendiam o ensino **livre** ou seja, a criação de fundações (beneméritos, partidos, cooperativas, etc., e eu sei lá). Para haver fundações é necessário quem funde, para fundar é necessário muito dinheiro (garanto-lhes que segundo o P. P. D. o ensino **livre** nunca será comercial) e muito dinheiro (privado, privadíssimo) não é amendoim vulgar em sociedade em transição para o socialismo, muito menos em sociedade socialista. Muito deputado estudou filosofia: o cavalo é branco, o homem é branco **ergo**: o homem é um cavalo. A liberdade passa pelo acto. O silogismo constitui a Constituinte. Mas os americanos têm as suas divergências. Problemas de origem. A migração pode ser de nações diferentes. Tão só. Pensem nos pesquisadores. E no «Mundo de Aventuras».

O P.S. com aquele «eminente filósofo» (palavras de deputado) Sottomayor Carreia à cabeça, insistiu na Concordata. A religião católica é privilegiada em matéria de ensino. Tem mais **liberdade.**

..A propósito, quando é que o Américo Duarte pergunta quais as mensalidades que os alunos do ensino privado têm pago e vão pagar? A propósito: o C. D. S. permitiria a existência do Freinet? Que saibamos nenhum Marcelo jurista nem feitor Salazar «desfrenou» freinets.

..A propósito: haverá entre os deputados proprietários (ou ex) de estabelecimentos de ensino particular? Não é preciso sermos exagerados como o sr. deputado do P. P. D. que perguntou (à guisa de resposta) se havia algum patrão de colégio que se tivesse tornado monopolista e latifundiário? Nós somos mais modestos: só perguntamos se não foram capitalistas ou as suas bordas ou permissão do sistema que fundaram colégios particulares? Mais modestos só perguntamos as mensalidades.

..Enfim: não é imitar Portela Filho mas ontem lembrei-me de Eça de Queiroz. Que me desculpem os «conselheiros» constituintes que homéricos (Horácio foi um ponto) dormitando esperavam pelo intervalo. Os peles-vermelhas hão-de ressuscitar.

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Dário de Lisboa» encontra-se àvenda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras

post scriptum

Para onde foi o dinheiro?

Como de costume estavámos os três sentados, na esplanada do modesto café, a ler o jornal da tarde. E, como sempre, vieram á baila os casos dos últimos tempos, recordando o afastamento de Vasco Gonçalves, com a queda do V Governo, do brigadeiro Corvacho, de Costa Martins e de outros oficiais progressistas. Enfim, de todos os saneamentos feitos à esquerda, provocados pelos «pepedês», «cedeésses» e «peésses».

Nesse momento caiu-nos sob os nossos olhos a notícia do comício do P. S. em Coimbra, no dia 8, em que o seu secretário-geral afirmou «ter sido o seu partido que provocou a queda do Governo de Vasco Gonçalves. Recordámos logo aquele telegrama do Rio de Janeiro, de 31 de Setembro, segundo o qual «a C. I. A. — como se soube no Congresso Norte-Americano — deu a soma de dez milhões de dólares às forças que se organizaram e derrubaram o Governo de Vasco Gonçalves». Logo...

Seria curioso saber-se quais as forças (ou partidos) pelas quais foi dividida aquela bonita soma. E também aonde foram parar os tais 5.600 contos enviados pelos trabalhadores belga.

Tudo isto é bastante estranho e curioso, ao vêr-se que há pessoas que procuram ocultar a verdade, aquela verdade que Platão, já no século quinto, antes de Cristo, afirmava que devia dizer-se, ainda que custasse a vida, aquela verdade que levou Giordano Bruno à fogueira de Santa Inquisição. Se não estou em erro, um jornal da tarde trazia por baixo do título aquela sentença de Platão, mas que há alguns anos foi riscada prudentemente do cabeçalho.

Ah! Como é bom recordar estas coisas, para podermos tirar ilações dos casos que têm ocorrido presentemente. É que essas recordações são como as cerejas. Sucedem-se umas às outras. E foi esta circunstância, a propósito do V Governo, que me trouxe à memória um facto ocorrido há mais de 50 anos, quase há 60. Eu conhecera no R. I. n.º 11 em Setúbal, um capitão, Felisberto Alves Pedrosa, que mais tarde já coronel se meteu na política e pretendeu ser ministro, creio que do Governo de António Maria da Silva. Alguém do Partido Socialista observou: — «De que percebe ele?! Que vá cavar batatas?» — Com efeito o nosso homem foi mesmo ministro...da Agricultura.

Edmundo Motrena (Moscavide)

Como quer sua Exª que o Povo tenha confiança?

A necessidade de divisas e as ameaças de separatismo de parcelas inalienáveis do território nacional, tem sido a jogada constante dos geopolíticos da rapina burguesa interna, em conluio com a judiaria internacional.

Agitação política constante, manipulação da ignorância, fugas de capitais, boicotes, externos e internos, fúria incendiária, etc., etc., com a clara intensão de impedir o arranque da economia sob gerência das massas trabalhadoras, provocando no País prejuízos de milhões e milhões de contos, muito para além dos prometidos pela sua mendicidade e subserviência. Mendicidade, a pagar com língua de palmo pelo Povo português, os trabalhadores e a pequena burguesia.

A permitirmos que os senhores sociais plutocratas persistam na sua acção criminosa, então, sim, seremos mesmo obrigados a comer o pão que nos têm amassado. Que remédio...

O País está na penúria, todos nós o sabemos. Ainda que acreditando nas boas intensões do sr. almirante Pinheiro de Azevedo, pergunto: Como quer Sua Ex.ª que o Povo português, isto é, as massas trabalhadoras, tenham confiança no VI Governo se ele saiu directamente da acção criminosa, incendiária, que devastou o País. O que a meu ver, lhe retira qualquer legitimidade.

A. Palmeiro - Cascais

Os homens não podem esquecer, para julgar

Os jornais anunciaram agora que o bastonário da Ordem dos Advogados protestou publicamente contra os desmandos praticados por alguns indivíduos no Tribunal de Lisboa. Acho que se justifica o protesto, porque nada se pode construir sob o signo da anarquia e da desordem.

Só num país sem qualquer preparação cívica, a que conduziram 48 anos de fascismo, se podiam verificar tais desmandos, conduzidos muitas vezes por pessoas sem a mínima consciência política. É uma amostra da miséria total a que chegámos depois de meio século (de séculos) de obscurantismo.

Mas, por outro lado, quais foram as medidas que o mesmo bastonário tomou o promoveu para a necessária (imprescindível) punição dos criminosos que, em Famalicão, Braga, Leiria, Viseu, etc., destruíram e mandaram destruir processos judiciais e delapidaram escritórios de confrades seus, incluindo alguns com os mais altos cargos da dita Ordem?

Será o que o dr. Raposo já se esqueceu quando e onde começou a anarquia e a desordem, de que tão tardiamente se lamenta? Os homens não podem esquecer, para julgar.

A. Matos de Castro - Coimbra

O VIETNAME NA PAZ

I — HANÓI 1975 OU A HOSPITALIDADE DOS POBRES

Por VERCORS

Quando há vinte e tantos anos fui um dos primeiros franceses a visitar a China Popular, prometi a mim mesmo não escrever nada sobre a China, visto dois meses serem insuficientes para fazer uma ideia justa de tal país.

Após uma única semana gasta entre Hanoi e Saigão, por ocasião do trigésimo aniversário da proclamação da República. Fiz a mim próprio a mesma promessa. E depois, assim como não pude manter a primeira (durante dois anos não falei senão da China), também não pude manter a segunda. Resolvo-me pois a contar o que vi e ouvi — sem, está bem de ver, predender extrair daí conclusões arriscadas. E falando mais de Saigão que de Hanói, embora tenha passado menos tempo na primeira destas cidades. O que nela se vê, é, porém, menos conhecido.

Hanoi foi acima de tudo uma cidade em festa. No que vou dizer deve ter-se isto em conta. No centro da cidade — foi para mim uma bela surpresa, — os bombardeamentos, apesar da sua violência, não deixaram grandes marcas.

As largas avenidas que os franceses traçaram continuam a ser belas. As pequenas ruas da cidade velha mostram poucas cicatrizes. A mais visível ainda é o buraco histórico, feito no século passado por uma bala da artilharia francesa, na muralha da cidadela. A animação é grande em toda a parte. Um de nós, que viveu há alguns anos em Hanoi, sente-se triste com o desaparecimento dos artesãos, substituídos por um pequeno comércio de lojas modestas. O grande mercado coberto, que cheira fortemente a especiarias, parece-nos bem provido. Ao lado, velhas camponesas vendem os seus produtos no mercado livre. Há aí muitos legumes e fruta, mas menos compradores do que no interior.

Certa manhã, em que me levantei ao nascer do Sol, para passear um pouco antes de ser apanhado pelo «programa», vi chegar essas camponesas, de tábua aos ombros, um cesto pendurado em cada ponta. Tão carregadas que — sei-o por experiência visto ter querido saber como era a China — a mim me custaria levantar tudo aquilo do chão. E essas mulheres vêm do seu campo até à cidade.

Quer dizer que, observada do exterior, a vida quotidiana de Hanoi parece ser o que sempre foi. Não tivemos tempo de ir ao campo a fim de ver como nele se inscreve o socialismo. Mas aqui ninguém esconde os erros passados da política agrícola, demasiado rápida nas nacionalizações. Tiraram-se lições. Até que ponto? Não sei. Só me parece que o sector privado conservou um lugar substancial para os pequenos cultivadores.

Nunca encontrei em parte nenhuma tantas bicicletas, nem mesmo em Pequim ou em Amesterdão. As grandes avenidas são riscadas por multidões densas de ciclistas. Na mais completa desordem. Mas com bom humor. Todos fazem o que querem e não ligam nenhuma aos automóveis (é certo que há muito poucos), voltam à direita ou à esquerda, sem prevenir, sem ligar importância aos sinais.

Armas ensarilhadas à beira de um arrozal: imagem que acabou

Muitas vezes uma criança, duas e até três vezes vão atrás do pai ou da mãe e na maior das calmas. Sorriem-nos para além do vidro do nosso carro. Porque toda a população é sorridente, bem disposta. É agradável de ver, apesar da sua probreza, visto que ainda é pobre, mas de uma pobreza que nada tem a ver com a miséria. E as humildes palhotas são o contrário de um bairro de lata. É uma pobreza digna e sorridente. E surpreende-nos ver sair de alojamenttos a que em França chamaríamos pardieiros, raparigas muito bem aranarranjadas sob o seu chapéu cónico, de túnica extremamente branca e acabada de passar a ferro. Há uma elegância inata em todo este povo que logo me seduz pela sua gentileza e pela sua doçura.

UM MAUSOLÉU MONUMENTAL

Mesmo quando chove (é a monsão) a multidão continua a ser agradável. Veste-se então de nylon azul ou branco. Não se trata de impermeáveis mas de quadrados transparentes habilmente drapeados à volta do corpo e da bicicleta, que também protegem da chuva. É um belo espectáculo.

Tudo isto é tão agradável que damos connosco esquecidos de que esta população, muito jovem, não conhecera até este ano senão a guerra; que ela viveu no heroismo e suportou até há pouco tempo os bombardeamentos mais violentos de toda a História humana: três vezes mais bombas só em algumas semanas, do que toda a Europa onde grandes cidades foram completamente destruídas, durante a Segunda Guerra Mundial. Lembro Hanover em cinzas, Berlim de pé mas fantasmáticas, toda ela fachadas com janelas esburacadas. Destruições semelhantes, em pior, vê-las-hei mais tarde, de avião, sobre a região de Da-Nang, Hué, Quang-Tri. Mas Hanoi coberta de bombas parece ter milagrosamente escapado à destruição. E a sua beleza, a sua graça intactas conservam uma aura misteriosa.

Na véspera do desfile, a animação torna-se ainda mais eufórica. Desta vez os nossos carros quase ficam paralisados. As pessoas aproveitam o facto para nos sorrir mais do que nunca. O menor gesto de mão desencadeia o entusiasmo das crianças.

Não posso dizer grande coisa do desfile porque não aprecio muito as manifestações militares. Ele era, porém, o primeiro depois da vitória. E contam-nos, sorrindo, como foi difícil aos guerrilheiros aprender o passo cadenciado. Na pista Ho Chi Minh não se conheciam as belas paradas. Foram necessárias semanas, melhor, meses, de treino. Aos nossos olhos de ocidentais essas paradas podem parecer de grande banalidade. A emoção nasce, porém, quando pensamos no seu significado, e essa emoção aumenta ao ver desfilar os batalhões de mulheres-soldados. E, mais ainda, uma formação de veteranos, velhos camponeses de barba branca que se parecem, todos eles, com Ho Chi Minh. A própria velhice deles ilustra a que ponto esta guerra foi a guerra do povo.

A parada decorre junto ao mausoléu (inaugurado na véspera) construído à glória de Ho Chi Minh, e onde este repousa, embalsamado como Lenine. A modéstia do Tio Ho teria aprovado esta construção de mármore preto (fornecido pela União Soviética) e ainda mais monummental do que o mausoléu de Moscovo? Não sei. Mas explicam-me que isso era actualmente necessário, como manifestação de um Estado soberano, demasiado jovem para não precisar de um símbolo de unidade e de poder, e o Tio Ho era indiscutível e adorado, tanto no Sul como no Norte. A sua memória e o seu culto são pois o primeiro traço de união no país. E depois, sentimo-nos culpados por não aprovar aquilo que, pela sua própria dimensão deve encher de merecido orgulho o coração desses combatentes, desses vencedores de uma guerra de trinta anos, vencedores da maior potência do mundo e que se mantêm ascéticos e pobres. Mas generosos e hospitaleiros, como todos os que nada têm.

Somos seus convidados e nem sequer nos deixam pagar os nossos selos, os nossos telegramas — e como não recordar certo congresso literário num país muito opulento cujo nome não digo, e certo banquete final para que fôramos generosamente convidados, mas cuja conta de bebidas nos seria apresentada após os discursos de despedida... Este país quase nada tem mas oferece o pouco que possui.

Mais um motivo de surpreza: não encontrei nas ruas de Hanoi crianças nem adultos mutilados, como vi, e em grande número, na Alemanha, quatro anos depois da guerra. Quanto aos adultos, sei onde se encontram. Levaram-nos a uma das oito cooperativas da região de Hanoi (claro que há muitas outras, nas províncias) onde centenas de mutilados de guerra trabalham e produzem segundo as suas possibilidades. Vivem lá com as famílias e não se sentem excluídos da vida social, pelo contrário encontram nessa vida a sua dignidade. A produção é artesanal (aqui trata-se de isoladores — e outros objectos — de porcelana), pouco rentável, ou antes, só rentável num regime socialista.

OS LETRADOS DO TEMPLO

Tinha grande desejo de ver o templo da Literatura, um velho e belo templo de que me haviam falado. Como ainda se estava em festa, havia muitos visitantes. O templo é formado por uma sucessão de pequenas construções de telhados em pagode, separados por pátios, pequenos jardins, lagos. Os méritos dos grandes letrados e poetas de outrora, são recordados por colunas alinhadas. A construção central pareceu-nos estranhamente povoada. Entrámos.

Crianças, velhos, gente de todas as idades, sentados em cadeiras ou no chão, ouviam recitar poemas.

Deram-nos lugar — honra aos estrangeiros. O meu vizinho era um homem velho que falava muito bem francês. Explicava-me os poemas à medida que as declamadoras profissionais recitavam em voz cantante, acompanhadas por instrumentos tradicionais. Houve poemas de juventude de Ho Chi Minh, outros de Khac Vien, de Dinh Thi, de To Hun, de Che Lan Vien. Na sua maioria cantavam a vitória, a revolução. As pessoas escutavam, atentas, em todo o caso sem se privar de trocar impressões, o que não perturbava as recitadoras. As crianças bebiam-lhes as palavras, de boca aberta, fascinadas. Espectáculo caloroso de um povo de velha cultura, comungando com os seus poetas. Foi com esta visão que no dia seguinte abandonei Hanoi a caminho de Saigão.

(C) Le Monde

Nacional

PARA ACABAR COM AS "BICHAS" DO LEITE

RACIONALIZAR A DISTRIBUIÇÃO

Todos os dias, durante as primeiras horas da manhã, as «bichas» junto dos estabelecimentos que vendem leite, vão aumentando e com elas as queixas dos milhares de consumidores que sofrem as consequências da má distribuição de um produto de primeira necessidade.

Neste caso, como em muitos outros, o problema da existência do intermediário explica o caos da actual distribuição. Os pequenos e médios comerciantes, assim como os retalhistas, não recebem o leite directamente das cooperativas (da província), mas estão sujeitos aos jogos dos monopólios.

A título de exemplo, informamos que o Instituto da Acção Social Escolar importou dois milhões de litros de leite para o abastecimento das escolas primárias para o período de Outubro de 1975 a Junho de 1976. Como algum desse leite estava a atingir o prazo de validade, o IASE solicitou à Junta Nacional de Produtos Pecuários a colocação imediata do produto no mercado, mas o leite acabou por ser entregue à UCAL.

«Bicha» do leite, o primeiro e mais desesperante cuidado da dona-de-casa

Atendendo à anarquia que se verifica na distribuição do leite esterilizado e ultrapasteurizado, o consumidor, o pequeno e o médio comerciante têm todo o interesse em que seja um organismo a centralizar todo o leite que chegue a Lisboa e arredores a fim de que se processe uma racionalização no circuito.

CONTRA A OFENSIVA "PORNO"

PAIS DE MENORES ORGANIZAM-SE EM "GRUPO DE CHOQUE"

Os vendedores de literatura e fotografias pornográficas que expõem livremente a «mercadoria» por toda a Lisboa poderão sofrer, em breve, as consequências da sua audácia: pais de menores começam a formar um «grupo de choque» destinado a varrer da cidade os escaparates onde a pornografia ocupa o melhor espaço. O grupo ameaça destruir pela violência, já que «a Polícia anda cega».

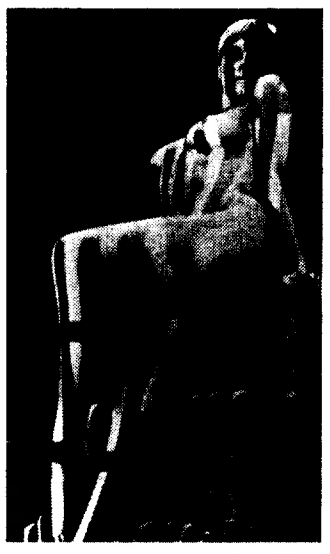
A formação deste «grupo de choque» foi facilitada pela publicação de um anúncio num jornal da tarde, através do qual se pedia a adesão de elementos para a milícia. Eis o texto:

«AOS PAIS — Um grupo de pais de meninas em idade escolar pede a outros pais nas mesmas condições a sua adesão a um grupo de choque que se destina a destruir pela violência (já que a Polícia anda cega) certos postos de venda de publicações pornográficas explorados por indivíduos/as que esquecendo que a rua é também das criancinhas, expõem, mesmo em desafio à lei e ao respeito pelas crianças e pelas mulheres decentes, fotografias de actos sexuais aberrantes e viciosos, degradantes e atentatórios de toda a moral. A começar pelo Rossio, Rua da Prata, Martim Moniz (junto ao Hotel Mundial), etc».

OS VENDEDORES REAGEM

Em contacto com alguns vendedores — uns desconheciam a existência do «grupo de choque»», outros «já tinham ouvido falar» — recebemos as informações mais díspares.

— Sabe qué é proibido expor isso aqui na rua?



«Porno» em Lisboa: basta estender a mão

— Ninguém me disse nada... É o meu negócio. Tenho mulher e filhos. Um gajo tem de se safar.

Outro vendedor, com a banca recheada de sexo, pretendeu que aquilo não era pornografia, e avançou algumas teorias sobre o que é e não é «porno», debruçou-se em questões de erotismo e acabou decidindo que vendia tratados de sexologia. Coisa séria, escrita por cientistas. Enfim, um homem por dentro do negócio.

Por último, uma mulher que vendia jornais e lotaria à mistura com material pornográfico fez questão de defender a sua banca afirmando que nada daquilo tinha sido roubado — estava ali um grande empate de capital — e, imoral e sem-vergonha, seria a dos falsos moralistas que quisessem lixar-lhe a vida. Pagava licença.

Na «loja», um tampo de mesa mal apoiado, viam-se livros e revistas cujos títulos e capas faziam parar muito boa gente. Menores, adultos, chefes de família. Pornografia para todos os gostos e à medida da raiva dos pais que se constituem em «grupo de choque».

Maquinaria para a campanha agrícola

A Secretaria de Estado da Estruturação Agrária informa que as unidades colectivas de produção podem apresentar ao IRA os seus pedidos de aquisição da maquinaria agrícola necessária para a próxima campanha.

A aquisição far-se-á mediante pedido aos Centros Regionais de Reforma Agrária, que já receberam instruções sobre o processamento a seguir, prazos e créditos a conceder. Os interessados devem portanto contactar directamente os Centros Regionais de Reforma Agrária.

Não quer o secretário de Estado da Estruturação Agrária deixar de salientar a importância de que esta medida se reveste para o avanço da Reforma Agrária e a satisfação que dá às justas reivindicações dos trabalhadores agrícolas.

EX-PÁROCO CASOU NA "SUA" IGREJA

LEIRIA, 16 — A Sé Catedral de Leiria acaba de ser cenário de um acontecimento com foros de certo ineditismo, se considerarmos que, até agora, não há conhecimento de outro igual ter sucedido nesta diocese ou mesmo noutra localidade do país, atendendo às circunstâncias verificadas.

O caso em si passaria despercebido, se se tratasse de mera rotina e não despertasse o interesse, a curiosidade e até certo ponto a surpresa de muitas pessoas pelo sucedido precisamente pelo facto de envolver individualidade muito conhecida no meio citadino, pelas funções até há pouco exercidas na comunidade religiosa.

Trata-se do casamento do ex-pároco da mesma Sé Catedral, onde se manteve vários anos, rev. Jacinto de Sousa Gil de 42 anos de idade, natural deste concelho, que por motivos pessoais viria a resignar da actividade eclesiástica a que se se dedicara com certo fervor, resignação essa confirmada pela própria cúria romana.

A noiva, de quem se enamorara, é senhora também muito conhecida no meio local, D. Maria Irene Carlos Martins Lopes da Silveira Zúquete, viúva, bem colocada, sensivelmente da mesma idade, a exercer as funções de directora do Jardim Infantil da Paróquia «O Ninho», instituição que recebe muitas crianças cujos pais, na sua quase totalidade, estão empregados durante o dia e de que foi uma das fundadoras.

De registar o desejo manifestado e satisfeito do noivo, apesar de controverso, da cerimónia do casamento se efectuar no próprio templo e freguesia que ele paroquiou, vindo a ser celebrante o actual pároco da Sé, seu sucessor, rev. Inácio, visivelmente emocionado e não menos embaraçado, segundo versão dos presentes. No acto tomaram parte vários convidados e não faltaram também muitos curiosos a inteirar-se do invulgar acontecimento, não só no templo como nas ruas por onde os noivos passaram a caminho da sua residência nesta cidade onde se fixaram.

SEGUNDO FONTES FIDEDIGNAS

Ministro Almeida Santos quereria extinguir o "Correio do Povo"

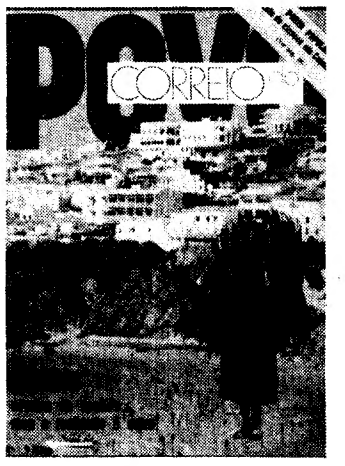
Está nas congeminações do actual titular da pasta da Comunicação Social o desaparecimento da revista «Correio do Povo», que de há meses a esta parte vem sendo feita naquele Ministério. O mesmo informador, fonte considerada fidedigna nos meios progressistas, indicou-nos ainda que, para o efeito, o ministro Almeida Santos já se teria avistado, no seu departamento, com o chefe de Redacção daquela publicação, a quem transmitiu essa ideia.

«Correio do Povo» veio, com a sua criação, preencher um vazio na Imprensa portuguesa, adquirindo rápido prestígio quer a nível informativo, quer no plano formativo. Revista criada por elementos identificados com o processo revolucionário é, hoje lida pelos camponeses do Alentejo, pelos vidreiros de Leiria e por muitos outros trabalhadores portugueses que, nos seus Sindicatos, encontram pontualmente a referida publicação.

Seja como for, são milhares as vozes que se levantam contra esse projecto do actual titular da pasta da Comunicação Social, porque «Correio do Povo» tem já lugar certo do Minho ao Algarve, e uma rubrica onde o leitor expõe as suas preocupações e dá conta das suas aspirações.

Atentemos nos homens que fazem a revista: António Tavares-Teles, chefe da Redacção. Refugiado político no Brasil até à queda de João Goulart e, mais tarde (até ao 25 de Abril) nas mesmas condições e com estatuto da ONU em Bruxelas. António Teles partiu com a ideia e levou a cabo a concretização do seu plano.

Na Redacção vamos, ainda, encontrar homens identificados com a Revolução, como Teixeira da Mota, Batista da Silca e João César de Sousa. O mesmo relativamente ao corpo de colaboradores, que inclui Diamantino Trindade e Rocha da Silva entre outros, sem esquecer os reporteres-fotográficos e os colaboradores que periodicamente ali davam à luz prosa, que parece não ser muito do gosto de Almeida Santos, quer em tempos Blasco Hugo Fernandes e Virgílio Ferreira, quer no último número uma evocação de Manuel Mendes.



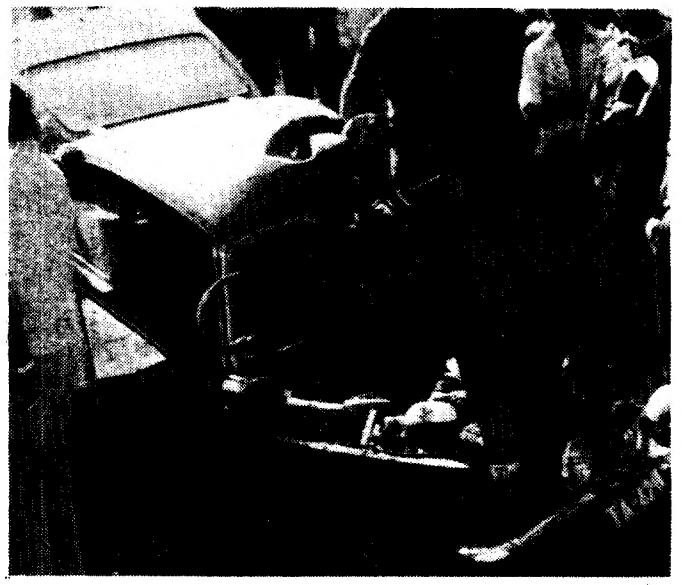
A edição de 30 de Setembro transcreve passos do «Segundo livro do bairro», bem como uma notícia acerca da Reforma Agrária (expropriadas 203 herdades), duas páginas à memória dos patriotas espanhóis há dias executados e uma ampla reportagem sobre os acontecimentos de Cujancas. Atentemos ainda na «Dinimização Cultural no Bairro da Boavista», a cerimónia de posse do VI Governo Provisório e uma ampla reportagem sobre o Algarve (capa), onde a realidade é outra (os portugueses são colonizados pelos estrangeiros e os lucros vão para fora).

Os trabalhadores não podem permitir que Almeida Santos liquide «Correio do Povo», uma vez que a revista se identifica com os interesses dos explorados.

SANGUE, PRECISA-SE (SEMPRE)

Foi prolongada até ao próximo dia 25 a permanência do posto móvel de colheita de sangue que se encontra estacionado no jardim de Campo de Ourique. Segundo a Direcção-Geral de Sangue, a decisão de manter no local o posto deve-se à «solicitação do público, que vem acorrendo em maior número».

Em tempo: podem dar sangue todos os indivíduos com idade compreendida entre os 18 e os 65 anos. Cada dador, antes de dar é submetido a exame médico.



O acidente verificou-se no passado dia 11, eram três e meia da tarde, num dos cruzamentos da estrada florestal entre São Pedro de Moel e a Praia de Vieira de Leiria. Um monte de ferros retorcidos esconde os corpos de três vítimas: Silvério Filipe, de 61 anos, proprietário (condutor do veículo), Lúcio Filipe, de 48 anos e Armando Filipe, de 56. Há ainda a registar um ferido em estado grave, António Filipe, de 66 anos. Tratava-se de quatro irmãos, que seguiam, todos, neste automóvel.

Nacional

CONSELHO ECONÓMICO

PLANO DE EMERGÊNCIA EM DISCUSSÃO

A elaboração de um plano económico de emergência foi a questão debatida no período anterior à ordem de trabalhos do Conselho de Ministros de ontem, que contou com a presença de todos os titulares, à excepção do ministro das Finanças, que se fez representar pelo secretário de Estado, dr. Victor Constâncio.

O debate desta questão surgiu na sequência da comunicação ao País do Primeiro-Ministro. A fim de preparar e enquadrar soluções no domínio do plano de emergência, reuniu também ontem o Conselho Económico. Na reunião, deliberou-se que participem ordinariamente nas reuniões do C. E. os seguintes ministros, que podem fazer-se acompanhar de um ou mais secretários de Estado do respectivo departamento: Primeiro-Ministro, ministro dos Negócios Estrangeiros, ministro das Finanças, ministro dos Transportes, ministro da Indústria e da Tecnologia, ministro do Comércio Interno, ministro do Comércio Externo, ministro do Equipamento Social e Ambiente, ministro da Agricultura e Pescas, ministro do Trabalho e ministro da Cooperação.

Extraordinariamente poderão participar nas reuniões do Conselho Económico outros ministros ou pessoas cuja presença seja considerada útil ao Conselho, sempre que o Primeiro-Ministro entender necessário.

No plenário de ministros foi também discutido um diploma do Ministério da Indústria e Tecnologia que propunha a criação no âmbito deste Ministério, do «Comissariado para a Indústria Metalomecânica Pesada» sob a forma jurídica de uma empresa pública personalizada. Dada a necessidade de enquadrar as soluções preconizadas num plano integrado de controle e animação industrial e de as harmonizar com os organismos já criados e em projecto, foi deliberado que o projecto seja apreciado previamente ao nível do Conselho Económico, voltando depois ao Conselho de Ministros.

O Conselho de Ministros discutiu e aprovou vários diplomas. Assim, aprovou um diploma da Presidência do Conselho de Ministros que imputa a obrigação de pagamento dos subsídios de férias e de Natal a que tenham direito os gestores ou técnicos requisitados ao abrigo do Decreto-Lei n.º 719/74, ao Estado ou à empresa de origem, conforme se encontrem na situação de requisitados ou nesta empresa, respectivamente em 1 de Junho e 1 de Dezembro de cada ano.

Foi também aprovado o projecto de diploma do Ministério das Finanças que abre um crédito de 30 mil contos ao M. E. S. A. para ocorrer a encargos provenientes da campanha de desinfecção dos abastecimentos de água e melhoria das captações em ordem a prevenir a propagação de epidemias por via hídrica.

SUBSÍDIOS PARA AQUISIÇÃO DE ADUBOS

O Conselho discutiu e aprovou um projecto de Decreto-Lei do Ministério do Comércio Interno que autoriza o Fundo de Abastecimento a inscrever no seu orçamento uma verba global de um milhão e duzentos mil contos destinada a fazer face aos encargos com a parte do preço do adubo vendido para o mercado interno às unidades de produção geridas por trabalhadores e pequenos e médios agricultores que o Estado suporta, ou seja, a diferença entre os preços resultantes da aplicação da tabela a que se refere o número 2 da portaria número 527/75 e os que anteriormente vigoravam. Prevê-se que o Ministério da Agricultura e Pescas defina por portaria a qualidade de pequeno e médio agricultor, bem como a quantidade máxima do adubo que cada um dos beneficiários poderá adquirir e as entidades competentes para a atribuição daquela qualidade. A atribuição dos subsídios será fiscalizada pela Direcção-Geral da Fiscalização Económica.

Prevê-se que o Banco de Portugal redesconte os títulos de crédito respeitantes a operações de vendas de adubos efectuados pelos fabricantes na presente campanha. A Direcção-Geral de Preços proporá o montante do subsídio a atribuir por tonelada, correspondente ao acréscimo de encargos do seu transporte para as Ilhas Adjacentes. Assim se regularizou a situação criada pela publicação da portaria n.º 527/75, ao deixar de prever as fontes de financiamento desde logo necessárias para a cobertura da redução do preço ao consumidor.

O Conselho de Ministros apreciou e discutiu em todas as suas implicações a situação resultante de decisões tomadas e que podem ser interpretadas como pondo em causa a aplicação das disposições dos decretos-leis números 294/75 e 362/75 e ainda do decreto número 506/75, relativos à política de moralização das remunerações da Função Pública, reafirmando a sua concordância com o espírito que presidiu à sua aprovação pelos Governos Provisórios anteriores. Segundo o comunicado do Conselho de Ministros, «esta posição não invalida, porém, a necessidade de se proceder a um enquadramento legal das referidas decisões, tendo em conta a realidade resultante do não funcionamento em tempo oportuno da Comissão Interministerial, cuja criação foi prevista no Decreto-Lei n.º 362/75, pelo que determinou a sua imediata constituição tendo em vista a habilitar o Governo a reparar, no mais curto prazo, situações injustas resultantes da ausência de uma definição precisa do conceito de remuneração acessória e complementar».

ADIADA A ABERTURA DAS AULAS

VÍTOR ALVES CONFIA NUM ANO "EM TUDO NOVO"

O Ministério da Educação e Investigação Científica emitiu um comunicado sobre o adiamento da abertura das aulas em alguns estabelecimentos de ensino. É do seguinte teor: «Uma vez mais vai ser frustrada a justa expectativa da população escolar e dos pais dos alunos relativamente à abertura de todos os estabelecimentos de ensino na data anunciada.

«O Ministro da Educação e Investigação Científica lamenta ter de informar o País de que pelas razões abaixo mencionadas, a abertura de algumas escolas terá de ser sujeita a uma dilação, que se espera venha a ser curta, embora nem todos os factores influentes dependam apenas da maior ou menor diligência dos serviços do seu Ministério.

«São razões, entre outras de menor relevo: atrasos, não imputáveis à actual equipa ministerial, na colocação de professores; o incêndio ocorrido nas instalações da Comissão Central de Colocações, com a consequente destruição de processos burocráticos; a indisponibilidade, que não foi possível remover até agora, de algumas instalações indispensáveis; o afluxo de estudantes e docentes retornados das ex-colónias, que ultrapassou as previsões que oportunamente foram feitas; a greve de alguns serviços essenciais do Ministério da Educação e Investigação Científica, particularmente grave por se situar num domínio da função pública, que afecta grandes massas da população portuguesa.

«O ministro da Educação e Investigação Científica confia em que, com a compreensão e cooperação de todos os trabalhadores ligados ao Ensino, e de todos os estudantes, o novo ano escolar acabará por ser, segundo o voto do seu Primeiro-Ministro, um ano em tudo novo.»

COSTA GOMES E AS "MANIFS" A UNIDADES MILITARES

DISCIPLINA CORROÍDA

. As manifestações de apoio às unidades militares, frequentemente não significativas «em si mesmas» e, para mais, «empoladas pelos meios de Comunicação Social», estão a corroer a disciplina das F.A. e a criar divisionismos no seu seio — estigmatiza um comunicado distribuído ontem pela Presidência da República e trazendo a assinatura do general Costa Gomes na qualidade de chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Eis o texto divulgado à Imprensa:

. «Tem vindo o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas a observar, com certa preocupação, a escalada de manifestações — muitas vezes pouco significativas em si mesmas, mas empoladas pelos meios de Comunicação Social — que apoiam ora umas ora outras unidades militares.

«Este tipo de actuação das massas populares, por muito bem intencionado que seja, cria confusão nas populações e provoca divisionismo e indisciplina nas forças militares.

«As Forças Armadas portuguesas estão ao serviço da Revolução. Para a defenderem eficazmente precisam de se manter coesas, unidas e operacionais, portanto conscientemente disciplinadas. Disciplina consciente significa aceitação da necessidade de cumprirem as missões de que são encarregados, para poderem constituir um autêntico baluarte capaz de se opor a acções contra-revolucionárias, venham de onde vierem.

«Apela-se para as forças políticas verdadeiramente interessadas na implantação do socialismo em Portugal no sentido de evitarem manifestações de apoio às unidades, pois que, neste momento, corroem a disciplina e criam divisionismos e abrem uma brecha favorável ao regresso do fascismo.»

EXONERAÇÕES E NOMEAÇÕES NA COMISSÃO DOS EXPLOSIVOS

Por despacho do general adjunto do chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, de 5 do corrente, e resolução do E. M. G. F. A. só ontem no entanto, publicada na folha oficial) foram exonerados do lugar de vogais que desempenhavam na Comissão dos Explosivos (dependente do E. M. G. F. A.) os coroneis na situação de reserva Daciano Pereira de Barros e José Vasco Lobato de Faria Roncom.

Ao mesmo tempo que se verificam estas exonerações duas nomeações, pressupõe-se que para os lugares deixados vagos: as do coronel de Artilharia na situação de reserva Mário Martins Cabrita Gil e do major de Infantaria Arnaldo Dias Ribeiro, também na situação de reserva e, este, na qualidade de oficial do Comando Geral da P.S.P.

Ainda sobre a Comissão de Explosivos: foi considerada sem efeito a nomeação de um outro oficial, o coronel de Infantaria, na situação de reserva, Américo António Osório e Cruz, datando de Maio de 1975.

CARRO ROUBADO

Na madrugada do passado dia 14, desapareceu no Cacém perto da residência do seu proprietário, o automóvel Fiat 600 D Matrícula HD 28-77, a um funcionário do nosso colega «Diário Popular».

O nosso camarada agradece a quem souber do seu paradeiro o favor de telefonar para a sua residência pelo telefone 2942192 ou para o jornal onde exerce a sua profissão 329291.

Ora diga-nos

COMO FESTEJASTE O DIA DA CRIANÇA?

. . A criança, tal como a mulher, enquanto elemento considerado secundário da sociedade patriarcal, necessita ainda — para que se lembrem dela, do que lhe é devido — de ter a sua existência assinalada por um Dia Mundial: o 12 de Outubro. Em Portugal, as crianças eram intencionalmente esquecidas antes do 25 de Abril, até por um só dia (Para os governantes fascistas era logicamente descabido festejar «um dia da criança» quando por esse País fora diariamente morriam crianças por falta de higiene e assistência de toda a espécie, tornando Portugal um dos países de maior índice de mortalidade infantil). De há dois anos a esta parte, qualquer coisa se faz pela criança neste dia. Ontem, em Lisboa, o Mercado do Povo foi cenário dessa comemoração.

«Eu acho que o Dia Mundial da Criança é um dia para as crianças conviverem com outras crianças e com os adultos também. Para se conhecerem, para brincarem. E conviver é importante para mais tarde construirem um Portugal novo — assim se pronunciou sobre o dia de ontem Rui Miguel Furtado, de 11 anos, aluno do primeiro ano do Ciclo Preparatório.

«Eu não fui à festa do Mercado do Povo. Não tinha conhecimento dela. Acho que gostaria de lá ter ido, mas não podia: sou atleta do Clube Rio de Janeiro e tivemos uma prova».

«Eu nem sabia que ontem era esse dia. Foi o Fontoura lá na escola que me disse. Sim, acho que gostaria de ter ido à festa. Talvez ver teatro» — opiniou o José António Ferreira, de 9 anos, aluno da quarta classe.

«Eu cá ontem fui à bola. Não ligo ao teatro nem a essas coisas. Pois, acho que o Dia Mundial da Criança é importante para conviver, mas... («Mas, esclareceu um garoto que estava por ali, «ele é sócio do Belenenses. Por isso é que ontem foi à bola. Já sabia que metia quatro...»)

SINDICATOS DOS ELECTRICISTAS DO SUL

CONVOCATÓRIA

A TODOS OS DELEGADOS ELECTRICISTAS

CAMARADAS :

Conforme deliberação do Plenário anterior a Direcção convoca todos os Delegados Sindicais para novo Plenário a realizar sexta-feira, dia 17-10-75, pelas 20.30 horas nas instalações do Sindicato, Av. Almirante Reis, 74G, 4.º em Lisboa, a fim de dar continuidade aos trabalhos já iniciados.

ORDEM DE TRABALHOS :

Continuação do ponto n.º 2 — Discussão sobre a interpretação de alguns artigos dos Estatutos do Sindicato aprovados em Assembleia Geral de 2 de Junho de 1975.

NÃO FALTES!

Lisboa, 15-10-75

A DIRECÇÃO

Nacional

ANTÓNIO BICA NOS CAMPOS DE AVIS

. O dr. António Bica, secretário de Estado da Estruturação Agrária, visitou ontem as herdades de Camões, Rabaço, Carapeto, Brás Varela, Paínho e a Cooperativa 1.º de Maio, ocupadas por trabalhadores e que, na sua maior parte, se encontravam completamente abandonadas. A visita teve por finalidade mostrar aos militares a realidade de ocupações que alguns dizem ter sido «selvagens».

António Bica foi, por isso, acompanhado pelo major Pita Baptista, na altura representante do brigadeiro Pezarat Correia, comandante da Região Militar do Sul, que não pôde deslocar-se pessoalmente, dado ter compromissos com o Conselho Superior da Revolução.

Durante a visita aos campos de Avis onde, inclusivamente, se encontra em funcionamento uma creche para os filhos dos trabalhadores, o major Pita Baptista mostrou-se surpreendido com o que lhe era dado observar e que prova a justeza das posições dos camponeses.

Em seguida, o representante militar e o secretário de Estado reuniram-se com trabalhadores e dirigentes sindicais na Cooperativa 1.º de Maio e, mais tarde, na Casa do Povo.

Entretanto, e de acordo com o texto de uma moção aprovada pelos trabalhadores da Guérin, J. J. Gonçalves, Ford Lusitana, Fassio e Motope, «a partir do próximo dia 20 do corrente será dada luz verde às unidades colectivas de produção para aquisição de máquinas e alfaias agrícolas necessárias às sementeiras de Outono».

António Bica informaria ontem, os trabalhadores das herdades colectivas que deverão enviar uma nota das suas necessidades até ao próximo dia 17, a fim de que, no dia 20, comecem a ser distribuídas as máquinas necessárias. Os interessados devem contactar directamente os Centros Regionais de Reforma Agrária.

Crédito agrícola de emergência

. Segundo o Ministério da Agricultura e Pescas «dos cinco milhões de contos para o crédito agrícola de emergência apenas 40 mil contos foram utilizados até anteontem».

Esta informação limita-se a um esclarecimento sobre afirnações feitas no programa «Teleforum», da RTP, do passado domingo e dedicado à Reforma Agrária.

Acentua-se no esclarecimento que está «prevista para começar no dia 20 a concessão de créditos para compra dos tractores e alfaias impresindíveis para a execução das sementeiras de Outono.»

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Arcos de Valdevez em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8/55853, arquivo 4, para o estabelecimento nas freguesias de Gondoriz e Aguiã, concelho de Arcos de Valdevez de uma linha aérea a 15 kV com 727 metros do poste n.º 29 da linha para o posto de transformação de Gondoriz-Boia da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez ao posto de transformação de Aguiã-Outeiro da mesma entidade.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 30 de Setembro de 1975.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8/55352, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Almada, de uma linha mista provisória a 15 kV, com 376 m (parte aérea, com 251 m e parte subterrânea, com 125 m) do poste n.º 3 da linha Mutela-Igreja I ao Posto de Transformação do Liceu Nacional de Almada.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 2 de Outubro de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Em LAGOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE de LAGOS

ALVERCA, ALHANDRA, VILA FRANCA

"MANIFS" PELO PODER POPULAR

. Ao mesmo tempo que em Évora largos milhares de soldados e trabalhadores se integravam numa manifestação dos S. U. V.'s, ontem, ao fim da tarde, princípio da noite, três dos principais centros populacionais do Ribatejo viviam em plena rua idênticas jornadas de luta, concretizando manifestações a favor da criação, do avanço e da luta pela instauração de uma vida colectiva orientada pelo exercício do poder popular: Alverca, Alhandra e Vila Franca de Xira.

Em qualquer destas três localidades as manifestações eram convocadas pelas comissões de moradores locais. Em Alverca, a jornada começou com uma concentração junto à estação dos caminhos-de-ferro. Seguidamente, os manifestantes passaram com suas palavras de ordem e seus dísticos pelas artérias principais da localidade.

Em Alhandra, cerca das 18 e 30, uma concentração junto da estação dos caminhos-de-ferro. Ainda aí, um trabalhador usou da palavra para assinalar o significado da movimentação pública que ia começar. Depois a multidão passou as ruas principais da localidade até juntar-se na Praça 7 de Maio, onde houve um comício.

Em Vila Franca de Xira, idêntico itinerário. Ao fim da tarde os manifestantes concentraram-se no largo da estação. Quando o contingente se tornou suficientemente numeroso (largos milhares de pessoas), passou-se pelas ruas da vila, para uma concentração, depois, na Praça Afonso de Albuquerque, ao pé do Município. Entre a multidão, numerosa, marinheiros da Escola da Armada desta vila. Viam-se cartazes com dizeres alusivos ao poder popular.

Falaram vários oradores. No uso da palavra, um elemento da C. A. de Vila Franca de Xira exprimiu a adesão da Câmara à manifestação.

«Apoiamos as palavras de ordem contra a reacção dentro e fora dos quartéis», disse «contra os saneamentos à esquerda, por um Conselho da Revolução autenticamente revolucionário e pela unidade dos trabalhadores (operários e camponeses), soldados e marinheiros.»

. A multidão gritava as palavras de ordem habituais: «Avançar, avançar, poder popular», «Reaccionários, fora dos quartéis, já», «Soldados, marinheiros, sempre, sempre ao lado do povo», «Por uma assembleia popular de Vila Franca de Xira».

A propósito da assembleia popular de Vila Franca de Xira, o elemento da C. A. da Câmara que discursou à multidão declarou publicamente que a Comissão dava o seu incondicional apoio a todas as tarefas tendentes à concretização da iniciativa.

CONSERVAS PORTUGUESAS RECUPERAM

UM MERCADO DE 33 PAÍSES

. Segundo elementos agora tornados públicos, pode-se afirmar que as conservas portuguesas conquistaram (ou reconquistaram?) o mercado mundial. Efectivamente, tanto a Itália como a Alemanha Federal e a Inglaterra compraram-nos nada mais nada menos do que 1 134 607 quilos de conservas. Quanto aos volumes de produção e exportação no passado mês de Julho, temos os seguintes números: Açores produziu 328 105 e exportou 350 730; Madeira produziu 187 586; Póvoa de Varzim produziu 1 168 622 e exportou 199 935; Matosinhos produziu 1 076 913 e exportou 793 139; Peniche produziu 227 613 e exportou 2850; Lisboa produziu 47 199 e exportou 6925; Setúbal produziu 524 413 e exportou 135 685; Lagos produziu 96 549 e exportou 75 992; Portimão produziu 628 800 e exportou 167 405; Olhão produziu 215 622 e exportou 171 306; Vila Real de Santo António produziu

480 920 e exportou 160 637, ficando deste modo estabelecido um resultado final de conserva produzida em 4 982 342 quilos e exportada em 2 064 602. Registe-se que foi a conserva de sardinha que mais se produziu — 2 749 576 quilos, exportando-se 1 327 153.

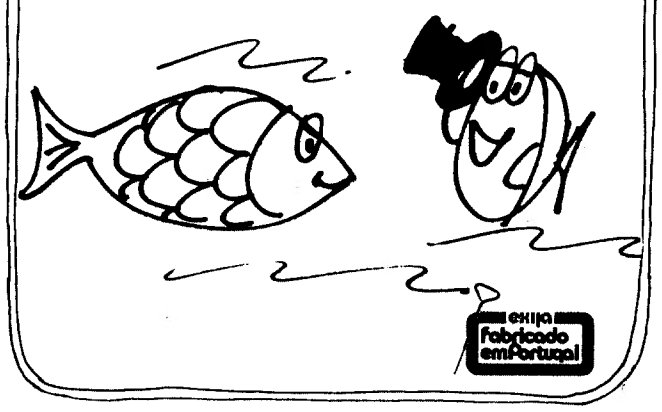
Dos onze centros conserveiros, só em cinco foram produzidos 61 197 quilos de conservas em salmouras, tendo sido exportados apenas 1825 para a Espanha.

Quanto a peixe congelado, exportou-se 139 642 quilos, sendo o Canadá também neste mês, o país que mais adquiriu, ou seja, 54 606, e a sardinha o peixe que, naquelas condições, mais saiu (59 496), ficando a seguir o polvo (23 990), tainha (13 000) e carapau (8054).

Trinta e três países estão, de momento, a comprar conservas portuguesas.

Conhece o "atum de se lhe tirar o chapéu"?

É verdade: abre-se uma lata (ou mais) de atum de conserva (de qualquer das muitas variedades existentes no mercado) e depois cozinha-se um prato delicioso: a frio, a quente, ou no forno... As receitas são bem variadas e todas rápidas e económicas.



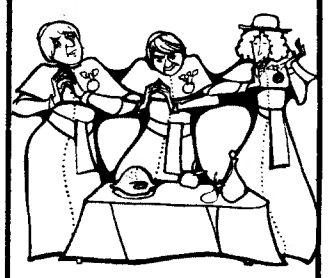
exija fabricado em Portugal

ADOQUE grupo de teatro

(ao Martim Moniz)
Tel. 87 42 80

HOJE

Às 20.30 e 22.30 horas



A.C.I. DOS CARDEAIS

2.º MÊS DE ÊXITO!

(Não ac. men. 18 anos)

CIDADE MARGINAL

SOLDADO MORTO MAS NÃO ACTO POLÍTICO

Encontra-se completamente posta de parte pelas autoridades policiais, a versão que admitia «o ajuste de contas de carácter político» no assassinato do soldado da Força Aérea, António Manuel Beltran Alves, de 22 anos, ocorrido, na madrugada de sábado, nas proximidades de S. João do Estoril, poucas horas depois de ter participado numa assembleia do M. F. A., na Base Aérea da Granja do Marquês, em Sintra. As duas hipóteses que irão agora orientar as investigações serão a tentativa de furto e, mais remotamente, o crime passional. Recorde-se que o jovem estava no seu carro, com a namorada, quando os agressores rodearam a viatura e forçaram o vidro lateral, após o que um deles disparou, atingindo-o em cheio na cabeça, com um tiro de caçadeira.

PEDIR A MORTE E FUGIR

Uma patrulha da P. S. P. surpreendeu o tipógrafo Carlos Estêvão, de 19 anos, natural de Luanda e residente num hotel em Cascais, a tentar transaccionar liamba no Rossio. Os agentes deram-lhe voz de prisão e o jovem, em resposta, gritou: «Vá, atirem, metam-me uma bala na cabeça que eu não me importo!». Mas, fazendo das palavras escudo, ainda tentou a fuga, não indo, porém, mais longe do que a Rua 1.º de Dezembro, onde seria detido. Foram-lhe apreendidas algumas gramas de liamba e uma pistola de alarme, marca «Walther».

BANCO ASSALTADO EM MIRA DE AIRE

A Polícia Judiciária continua a ignorar a identidade e o paradeiro dos cinco homens que, armados de pistolas e metralhadoras «FBP», assaltaram, ontem à tarde, a filial do Banco Totta e Açores, em Mira de Aire, de onde levaram cerca de mil e duzentos contos. Apesar de no interior do cofre se encontrarem cerca de cinco mil contos os assaltantes somente retiraram aquela importância, após o que correram para um carro (Ford Escort, de cor branca, matrícula IM-50-16, disparando constantemente e desaparecendo velozmente em direcção a Fátima.

WALTER ROSA NA TELEVISÃO

. O ministro dos Transportes e Comunicação eng. Walter Rosa, vai esta noite à Televisão, fazer uma comunicação ao País, conforme haviamos anunciado já anteontem. A exposição prender-se-á com problemas do seu sector, aliás um dos que o almirante Pinheiro de Azevedo, tambem anteontem focou com mais pormenor.

O ministro aparecerá no pequeno «écran» depois do Telejornal das 20 e 30.

Nacional

EDUCAÇÃO E ENSINO

DIRECÇÃO DO SINDICATO ABANDONA ASSEMBLEIA

A proposta aprovada anteontem à noite no Plenário dos Professores do Ciclo Preparatório e do Ensino Secundário entra em contradição com as decisões anteriormente tomadas pela classe e já negociadas (e algumas delas a ser levadas à prática) com o M.E.I.C. — declara a Direcção do Sindicato dos Professores da Zona da Grande Lisboa que durante a assembleia, viria a abandonar a mesa por defender que a presença apenas de 450 pessoas no plenário não justificaria capacidade deliberativa à assembleia. Esta na sua maioria pensou o contrário. A Direcção, além de abandonar a mesa, retirou a sua proposta, convocando, entretanto, para a próxima terça-feira uma reunião de delegados sindicais na respectiva sede.

A proposta aprovada pelos 450 professores presentes na assembleia afirmando que a recusa do M.E.I.C. «em considerar todos os professores que leccionaram no ano lectivo anterior como parte integrante do ensino docente» vai criar situações de desemprego dentro da classe, exige a colocação dos professores não reconduzidos, obedecendo, porém, aos seguintes critérios: garantia de emprego na docência aos professores que leccionaram em 1973/73 na mesma escola; caso não haja vaga, nas escolas mais próximas; que às vagas existentes concorram aqueles que tendo leccionado em 74-75, queiram mudar de escola».

A assembleia marcou um prazo de resposta ao M.E.I.C.: termina no próximo sábado.

RUI GRÁCIO NA TV

A RTP transmite hoje, às 22 e 40, uma entrevista com o dr. Rui Grácio sobre os principais aspectos do Ensino Secundário Unificado (7.º ano da escolaridade).

Os programas para este ano, novo no sistema de ensino, começaram a ser distribuidos hoje em escolas técnicas das capitais de distrito.

ENGENHARIA CONTINUA EM GREVE

PORTO, 16 — «A nossa luta não é, em particular, contra qualquer ministro ou secretário de Estado. É uma questão antiga que se arrasta desde antes do 25 de Abril e que passou, sem resolução, por diversos Ministérios» — foi afirmado no decorrer de uma conferência de Imprensa que teve lugar ontem à tarde na Faculdade de Engenharia, com a finalidade de explicar aos órgãos de Informação as razões que motivaram a greve dos assistentes daquela Faculdade, iniciada na passada segunda-feira.

Como já aqui referimos, a greve insere-se num processo de luta pela satisfação de direitos previstos na lei, como sejam a actualização dos vencimentos com efeito retroactivo desde Janeiro deste ano, o pagamento de regências e horas extraordinárias respeitantes ao ano lectivo de 1974/75, o pagamento de regências a assistentes eventuais anteriores a Maio desta ano e, também, a autorização para assinalar contratos com novos assistentes que fazem falta para completar o quadro de docentes daquela faculdade.

Esclarecidos que foram vários pontos da luta agora iniciada, foi lida aos jornalistas uma proposta aprovada ontem de manhã, no decorrer de uma assembleia de assistentes, do seguinte teor: «Considerando que a moção aprovada pela assembleia de assistentes em 17-9-75 não mereceu, da parte do M.E.I.C. qualquer resposta, que, neste momento, se deverá centrar no estabelecimento de uma data llimite para resolução dos problemas apontados, a assembleia de assistentes decide: a continuação da greve a todo o serviço docente, até à obtenção de uma resposta do M.E.I.C., considerada satisfatória pela assembleia, após o que se decidirá da opção a adoptar; independentemente da resposta citada, decide fixar, desde já, em 30 de Novembro, a data limite para pagamento de regências e horas extraordinárias referentes a 1975, dos 3.º, 4.º e 5.º anos (primeiro e segundo semestre) e 2.º ano (primeiro semestre), concluindo regências para assistentes eventuais anteriores a 24 de Maio de 1975; decide convocar uma assembleia de assistentes para o dia 12 de Novembro próximo, onde será feito o ponto da situação e decididas as formas de luta ainda em suspenso».

PROGRAMAS PARA O ENSINO UNIFICADO

Os programas do 7.º ano de escolaridade (1.º do Secundário Unificado) encontram-se já a ser distribuídos podendo ser levantados em cada distrito, na Escola Técnica da respectiva capital, à excepção dos disttritos de Viana do Castelo, cujos programas serão distribuidos na Escola Técnica Alberto Sampaio em Braga, e Coimbra, onde os programas serão distribuídos no Liceu D. Duarte e no Instituto António Aurélio Costa Ferreira.

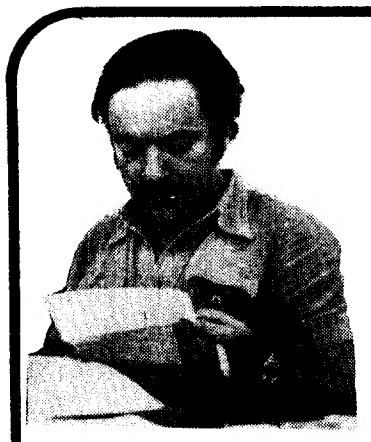
No Porto, os programas são distribuídos na Escola Técnica Oliveira Martins.

ENSINO SUPERIOR NOS AÇORES

Com vista ao planeamento e arrranque do Ensino Superior nos Açores foi criado um grupo de trabalho constituído por elementos propostos pela Junta Regional dos Açores, e pelo secretário de Estado do Ensino Superior e Investigação Científica.

São consideradas tarefas prioritárias o estudo urgente de uma legislação destinada a criar o Instituto Universitário dos Açores; estudo das condições locais e de todos os elementos relacionados com a implantação do referido Instituto; contactos com as entidades do ensino superior cuja colaboração seja necessária; organização e planeamento das primeiras acções e cursos a iniciar.

O grupo é constituído pelo dr. José Enes, engenheiro Eduardo Moura, dr. Ricardo Ferreira, dr. Álvaro Monjardino, dr. Francisco Carmo, dr. Carlos Medeiros e ainda (por parte do M.E.I.C.), pelo professor dr. Manuel Larajeira e o engenheiro Roberto Carneiro.



O repórter de serviço

ARMANDO PEREIRA DA SILVA

ABRAÇO A CRISTÓVÃO

Cristóvão Santos, meu amigo feito em 24 horas, aqui te evoco comovidamente ao ver, na televisão, o reverso da imagem que em Timor me mostraste. A vida, no dito mundo que o português criou habituou-nos nos últimos tempos a um ritmo diabólico, e nem sequer foi já possível o meu mais longo regresso à longínqua ilha que fizeste tua.

A milhares de quilómetros de distância, no outro lado do mundo, recordo aquela noite cálida e brilhante em que, do pequeno fortim da baia de Díli, me contavas na tua voz serena alguns dos mistérios do Oriente ao mesmo tempo que a história breve desse monstro escuro e apetecível que estava ali à nossa frente: a ilha de Ataúro. E recordo a figura simpática do «soba» dessa fatia de terra pobre, velho colonialista cheio de viver que arrastava a sua longa experiência oriental pelas cervejarias de Díli onde contava histórias cheias de piada sobre os homens que estão na proa da vida política portuguesa.

Ataúro, agora, é a plataforma de retirada de Portugal, cemitério de erros ainda não esclarecidos. De Ataúro vi, na TV, a tal outra face do conjunto: o perfil misterioso e por ora inacessível da ilha de Timor, Díli escondida em frente. No meio da vegetação equatorial me apresentaste às direcções centrais da Fretilin e da UDT (hoje transformada em frente anticomunista após o fracasso da sua tentativa de golpe). Ali me conduziste à sede da juventude estudantil progressista, pró-Fretilin, onde convivemos com jovens revolucionários dos mais activos, entusiastas e decididos que encontrei; ali, na única noite que em claro passámos em Timor, me mostraste as grandezas e muita miséria de um povo que parecia ainda indeciso quanto ao seu futuro, pouco tempo após as primeiras acções violentas no jogo de roleta russa que é a luta pela libertação em tais paragens dominadas pelo braço de ferro do imperialismo internacional.

Na breve subida para o hospital e para o palácio do governador, à vista de Díli e no fim da quase única estrada asfaltada, me contaste um pouco da tua vida, radicado na ilha longínqua após uma breve experiência de jornalista nos quadros do «Diário de Lisboa», na época heróica (para este jornal) que marcou o fim da década de sessenta.

Através da TV tive um breve sinal da tua existência, após se ter calado a voz que quase diariamente, desde que nos encontrámos, fazias ouvir nas colunas deste jornal, via telex: havias dado sinal de vida como porta-voz da Fretilin. Ficaras agarrado ao grande e ingénuo amor da tua vida, certo como nós todos de que o povo vencerá.

Optaste como um revolucionário. Um grande abraço, Cristóvão.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS ESCLARECE

A DISTRIBUIÇÃO DE LUCROS NO BANCO DE PORTUGAL

O Ministério das Finanças distribuiu um comunicado a propósito de um seu recente despacho autorizando a distribuição de 15 mil contos de lucros do Banco de Portugal pelos empregados.

Eis o texto na íntegra:

«1 — Referiram-se alguns órgãos da Comunicação Social a um «recente despacho do ministro das Finanças em que é autorizada uma distribuição de cerca de 15 000 contos aos empregados do Banco de Portugal».

Porque dessas referências se podem extrair ilações menos exactas, entende o Ministério das Finanças fornecer os seguintes esclarecimentos:

2 — De acordo com o Decreto-Lei n.º 452/74, de 13 de Setembro do ano passado, que nacionalizou o Banco de Portugal, após essa nacionalização e até à entrada em vigor da respectiva lei orgânica, continuaria aquela instituição de crédito «a reger-se pelos preceitos legais que, como sociedade anónima, lhe eram aplicáveis, bem como pelas normas constantes dos seus estatutos e doos contratos celebrados com o Estado, na medida em que não contrariassem as disposições do diploma nacionalizador».

3. Nos termos do artigo 37.º dos estatutos do Banco de Portugal, mantidos, por conseguinte, em vigor, os lucros líquidos reverteriam para o Estado, depois de reduzidos 5 por cento para o fundo de reserva legal, 10 por cento para o fundo especial de reserva e 10 por cento como participação ao pessoal.

4 — De acordo com tal disposição estatutária, propôs o conselho de administração, no relatório de 1974, ao Ministério das Finanças a respectiva distribuição dos lucros líquidos.

5 — O ministro das Finanças de então ordenou, em 10 de Março de 1975, que aos trabalhadores do Banco de Portugal fosse distribuída a sua participação estatutária de lucros relativa a 1974.

6 — Houve, entretanto, uma mudança ministerial e o problema foi reapreciado pelo novo ministro das Finanças, eng. José Fragoso, que, por despacho de 8 de Setembro último, confirmou a decisão anterior, ordenando a distribuição desses 15 000 contos aos trabalhadores do Banco de Portugal, ou seja, 7 contos a cada um.

7 — Foi novamente o assunto apresentado ao actual titular da pasta do Ministério das Finanças, o qual, por seu despacho de 30 de Setembro, e como não podia deixar de ser, confirmou as decisões dos seus predecessores.

8 — E, como não podia deixar de ser, porquanto;

a) os despachos dos anteriores ministros criaram direitos adquiridos para os trabalhadores do Banco de Portugal, que não era lícito anular;

b) tais despachos corporizam uma decisão justa pois que, embora para o futuro os trabalhadores do Banco de Portugal não tenham participação nos lucros, haveria que regularizar a situação anteriormente adquirida;

c) como diz o povo, quem dá e torna a tirar ao Inferno vai parar. Aqui ainda com a agravante de que se praticaria uma injustiça.»

PORTO

CARGA EXPLOSIVA NA SEDE DA L.C.I.

PORTO, 16 — Em comunicado distribuído ao fim da manhã de ontem, a Liga Comunista Internacionalista (LCI) dá conta de mais «uma provocação fascista e capitalista» com o rebentamento em frente da sua sede de uma carga explosiva, cerca das 5 horas da madrugada.

O comunicado salienta que «esta acção insere-se em todo um conjunto de ataques que bandos reaccionários a soldo do capital, actuando com a descarada cobertura do comandante da Região Militar do Norte, têm ensaiado contra o movimento operário e as suas organizações». E mais adiante acentua: «Os fascistas do C.D.S. convoca um comício no próximo sábado no estádio das Antas. A L. C. I. apela a todos os trabalhadores, fardados ou não no sentido de participarmos unidos contra a realização de tal comício que não pode servir senão para incentivar ainda mais os representantes da burguesia contra a classe operária, suas lutas e organizações».

NADO-MORTO COM DUAS CABEÇAS

Uma criança com cinco quilos e duas cabeças nasceu anteontem, morta, no Hospital Distrital do Funchal.

As dificuldades de parto obrigaram a uma intervenção cirúrgica (cesariana). Era o primeiro filho de uma jovem, de 21 anos, residente na Ribeira Seca.

Angola-Seguros de Automóveis

A Comissão de Coordenação e Reestruturação da Indústria Seguradora informa todos os proprietários ou utentes de veículos automóveis circulando actualmente em Portugal com contratos de seguro emitidos em Angola que se deverão dirigir às Companhias de Seguros no prazo máximo de 30 dias, a fim de regularizarem a sua situação.

Nacional

AUXÍLIO À REFORMA AGRÁRIA

Qual vai ser a decisão dos trabalhadores do B.E.S.C.L.?

«No plenário em que foi decidido emprestar 3 mil contos aos trabalhadores agrícolas e dar 100 contos à Renascença e à República estavam mais de 400 trabalhadores. Número considerado normal nos plenários do B. E. S. C. L. Não foi a comissão de delegados que decidiu mas o plenário e só o plenário poderá rectificar ou ratificar esta decisão» — afirmou um dos elementos da comissão de delegados do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

A atitude tomada pelo plenário dos trabalhadores do B. E. S. C. L. de Lisboa, da zona Sul e ilhas levantou enorme celeuma nas filiais do Porto, de Faro e ainda de Coimbra. As argumentações são as habituais: «que foi uma atitude tomada nas costas dos trabalhadores, que é um acto divisionista, etc». A filial do Porto vai mesmo mais longe: afirma que procederá «judicialmente e por todos os meios à sua disposição contra qualquer indivíduo ou grupo que tenha a veleidade de fazer levantamentos de dinheiro do Fundo Social do B. E. S. C. L.».

Na conferência de Imprensa dada esta manhã por elementos da Comissão de delegados do B. E. S. C. L. (Lisboa) foi bem clarificado que esta decisão vincula apenas a zona de Lisboa, Sul e ilhas. E adiantaram: «Caso se mantenha a decisão do plenário da zona Sul e ilhas (a ser de novo convocado) e as zonas do Porto e Coimbra não concordarem, há que resolver se deverá ser devolvido o montante das «surdas» respeitante a cada zona, isto é, dar o seu a seu dono ou deverá dividir-se «per capita» esse mesmo montante, incluindo todos os trabalhadores no activo, reformados e viúvas e enntregar o total respectivo a cada zona».

O QUE É O FUNDO SOCIAL?

O Fundo Social dos trabalhadores do B. E. S. C. (em constituição), resulta de uma luta travada a partir de fins de 1974 contra a distribuição por parte da ex-administração fascista de 7200 contos «surdas» por apenas 167 «quadros», quando no B. E. S. C. L. existem cerca de 4600 trabalhadores.

Neste momento, existem depositados no B. E. S. C. L., em nome do Fundo Sociaaaal dos trabalhadores do B. E. S. C. L. (em constituição) à volta de 5 mil contos, provenientes do montante líquido das «surdas», mais juros da conta a prazo e ainda à volta de 80 contos, lucro da venda do livro «Sabotagem Económica — Dossier B. E. S. C. L.». Este montante só poderá ser movimentado pelos plenários.

Qual a aplicação desse dinheiro? — esta tem sido uma questão debatido ao longo de meses. E no plenário da zona de Lisboa foi decidido **emprestar** 3000 mil contos os trabalhadores agrícolas. Não se tratava de fazer desaparecer o Fundo Social, mas de o movientar enquanto se faziam os estatutos.

Mas ao que parece, as filiais do Porto, Faro e Coimbra pretendem exactamente o contrário. Discutir os estatutos, o que levará meses. Aprová-los ou alterá-los. Enfim, tempo mais do que suficiente «para que os trabalhadores agrícolas morressem à fome».

Isto, se não houvesse «ajudas de outros trabalhadores que não levantam tantos problemas» como seja a decisão dos trabalhadores da Cuf em relação aos adubos, ou da «luz verde» dada pelos trabalhadores da Guerin, Ford Lusitana, Fassio ou J. J. Gonçalves em relação às máquinas agrícolas ou dos Sindicatos dos Rodoviários, Ferroviários ou Metalúrgicos, etc.

Todos estes trabalhadores, que contestam a entrega do dinheiro, fazem-no pelo processo utilizado.

Todos eles estão com a Reforma Agrária!.

VINTE MIL CONTOS PARA A CÂMARA DA MAIA

. PORTO — Durante a reunião normal da Câmara Municipal da Maia, foi anunciada a comparticipação do Estado de 2040 contos, destinados à aquisição de viaturas para recolha de lixo. Embargo a obras sem licença, e adaptação do velho edifício da Quinta da Gruta a ginásio para os alunos da escola preparatória foram outros pontos da agenda de trabalhos da reunião municipal. Foram igualmente adjudicados levantamente topográficos de várias zonas onde se prepara a construção de moradias.

O eng.º Luis de Almeida anunciou que os Serviços Municipalizados vão contrair um empréstimo na Caixa Geral de Depósitos da ordem dos 20 mil contos, para abastecimento de água. A esse respeito, o director-delegado proferiu algumas palavras, afirmando que «com a participação do Estado e o financiamento próprio vai ser posta a concurso a construção de redes que importa em 23 mil contos». Nos próximos três meses, prevê-se a ligação da conduta Gondomar-Ermesinde, ao Alto da Maia; a ligação entre Águas Santas e Paço e a vila da Maia (prevê-se que funcione no prazo de seis meses). Uma terceira ligação englobará as populações de Brás Oleiro, Corim, Alto da Maia e Nogueira.

Precedendo o encerramento da reunião, registou-se diálogo com os munícipes presentes, tendo sido apontadas carências sentidas pelas freguesias do concelho da Maia.

Desembarque de armamento no Funchal

. O navio «Ponta de S. Lourenço» encontrava-se esta manhã no porto do Funchal, em operações de descarga que suscitaram a curiosidade popular: um «jeep» e caixotes com armas.

Segundo constou, o material destinar-se-ia à P. S. P. e ao R. I. F. — Regimento de Infantaria do Funchal.

No interesse de confirmar a notícia, estabelecemos contacto com entidade militar e com o comandante da Polícia. Ambos responderam pela negativa.

POR SEIS ESCUDOS E NOVE CENTAVOS

MONOPÓLIO SUECO TRANSFERE FÁBRICA DEFICITÁRIA

— 189 trabalhadores em luta pelo direito ao trabalho vigiam o Hotel Ritz

As trabalhadoras de uma fábrica de confecções de Alhandra, a Cintideal, mantêm-se em vigilância há longas horas, no Hotel Ritz, procurando evitar a fuga do presidente do Conselho de Administração do monopólio sueco proprietário da firma, enquanto aguardam o reatar das negociações quanto ao futuro desta. Os 189 trabalhadores da Cintideal lutam pelo direito ao trabalho, depois da tentativa da administração sueca para transferir a empresa para as mãos do gerente português e dos trabalhadores, pela quantia simbólica de uma coroa — seis escudos e nove centavos, ao câmbio de 30 de Setembro. A concretizar-se tal acordo, realizado na Suécia mas sem validade em Portugal, os trabalhadores estariam, a curto prazo, no desemprego, e sem possibilidades, sequer, de pagar as indemnizações que a lei lhes concede.

O actual diferendo resulta das novas condições de trabalho criadas no nosso País, pela luta reivindicativa dos trabalhadores, após o 25 de Abril, e da táctica de cerco económico a Portugal que vem sendo sistematicamente desenvolvida pelo capital monopolista internacional.

Quando os trabalhadores da Cintideal — Fábrica de Cintas e Confecções conseguiram obter um aumento de cerca de 100 por cento dos salários, que, anteriormente, rondavam os 80 escudos diários (com exclusão dos domingos), passou a verificar-se uma quebra da produção, por falta de encomendas e material, que eram, na sua quase totalidade, administradas pela sede da Ab Eiser na Suécia.

A Ab Eiser é um monopólio internacional, com ramificações em todo o Mundo, e detém 90 por cento do capital (200 contos) da Cintideal, no qual participam mais duas empresas suecas, a Ab Ramona Konfektion e a Idealkorsetter, com cinco por cento cada.

As relações entre a empresa-mãe e a filial portuguesa baseavam-se na sobre-exploração da mão-de-obra barata, facto que se verificou amplamente no nosso País durante o fascismo, particularmente nos sectores dos têxteis e da indústria electrónica. A Ab Eiser fornecia matéria-prima à Cintideal, e absorvia depois toda a produção, à sombra do sistema de «draw back».

A redução das encomendas por parte dos suecos, no ano passado, ocasionou progressivos prejuízos à Cintideal, levando os trabalhadores a alertar a administração sueca para o facto. Com efeito, entre Janeiro de 74 e Junho deste ano, o prejuízo global atingiu os seis mil contos.

Os administradores não atenderam as diversas tentativas de solução da crise, propostas pelos trabalhadores em Portugal, designadamente no que respeita à procura de novos mercados, e ao controlo da rentabilidade da produção.

Em fins de Setembro, o gerente português, Rogério Mendes, foi chamado à Suécia, onde lhe foi colocada a alternativa: encerramento da fábrica, ou transferência para os trabalhadores. Na emergência, o gerente optou por esta última hipótese, firmando um acordo que transferia as quotas da Cintideal para a sua posse, pelo preço de uma coroa sueca, e assegurava um empréstimo de cerca de 4300 contos, correspondente aos débitos para com a Ab Eiser, amortizável em seis anos, ao juro de cinco por cento.

No dia 3 de Outubro, em plenário, os trabalhadores rejeitaram a hipótese de transferência da empresa nas condições apresentadas pela administração, depois de terem discutido os termos do acordo, «por verificarem que, desse modo, ficariam sem a garantia das indemnizações legais, de harmonia com o contrato vertical para a indústria têxtil» em vigor, e que atingiam um valor superior a 24 mil contos.

Dispondo a empresa portuguesa de apenas dois mil contos do activo, susceptíveis de realização imediata, os trabalhadores, depois de recusarem qualquer valor legal ao acordo assinado, exigiram que a Ab Eiser assegurasse o pagamento das indemnizações, no caso de encerramento da fábrica, com o correspondente despedimento colectivo. De outra forma, o monopólio sueco deveria assegurar a laboração normal e o emprego dos trabalhadores.

Esta alternativa foi colocada ao presidente do Conselho de Administração da empresa mãe, Sven Engblom, em reuniões efectuadas a partir de segunda-feira, na presença de elementos da Comissão de Trabalhadores da Cintideal e da direcção do Sindicato dos Têxteis e Lanifícios do Sul, e de dois representantes do Ministério do Trabalho.

O patrão-mor da Eiser manteve-se irredutível na sua posição: ou encerramento sem as indemnizações legais, ou transferência da sociedade para os trabalhadores, nos termos do acordo.

Perante isto, os trabalhadores solicitaram a intervenção imediata e urgente do Ministério do Trabalho, «no sentido de que lhes seja garantido o direito ao trabalho e ao respectivo salário, com a continuação da administração sueca em Portugal, ou, na sua impossibilidade, a garantia pelo grupo Eiser ou pelo Estado sueco», que detém 50 por cento do capital deste monopólio, «das indemnizações totais que legalmente lhe são devidas».

Na exposição feita, solicitava-se a comparência de representantes do Ministério na reunião de ontem, que se previa fosse a última, responsabilizando-o pelos prejuízos que resultassem de uma solução desfavorável aos trabalhadores. A laboração da fábrica parou, e os trabalhadores (que, na sua esmagadora maioria, são mulheres), concentraram-se frente ao Hotel Ritz, na firme disposição de não deixar partir Sven Engblom sem estar resolvido o diferendo.

Nenhum dos Ministérios coctactados (Trabalho, Negócios Estrangeiros, Comércio Interno, Comércio Externo), nem o gabinete do Primeiro-Ministro, acedeu a intervir no assunto. A irredutibilidade de posições conduziu à suspensão das negociações no início da reunião, que foram reatadas, sem conclusões válidas, durante a noite de ontem,, que terminou cerca das quatro horas da madrugada, já com a presença de um delegado do Ministério do Trabalho.

Defrontando a vigilância das trabalhadoras, que chegou a agredir, o presidente da Eiser adiou a partida para a Suécia, mantendo-se em contacto com a sede da empresa, via telex. Hoje à tarde realiza-se nova reunião, no Hotel Titz, mostrando-se os trabalhadores dispostos a levar até ao fim a luta pela satisfação integral dos seus direitos.

OS ELEITOS

"B" SIGNIFICA "SOCIALISTA" NO SINDICATO DOS ENGENHEIROS

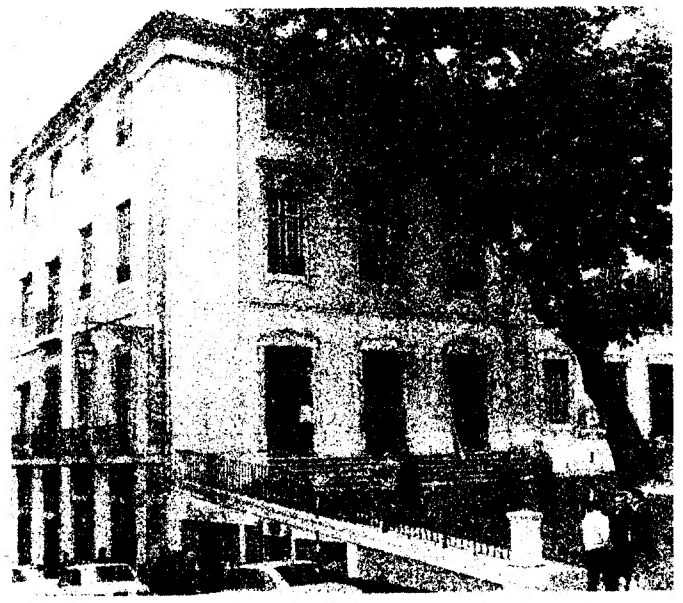
A lista B foi eleita, ontem, no Sindicato dos Engenheiros para o triénio 1975/78, vencendo por 837 votos, contra 247 da lista A, sua oponente. Independentes e adeptos do P.S. integram a lista vencedora, enquanto a vencida se manifestava afecta ao M.D.P./C.D.E.

Para o Conselho Disciplinar daquela ex-Ordem foram eleitos os engs. Fausto Costa, Cardoso Ferreira e Mesquita de Oliveira, respectivamente com 674, 672 e 657 votos.

A lista B, que apresentou a candidatura sob a palavra de ordem «Por um Sindicato livre e democrático», pretende construir uma vida sindical livremente orientada pela vontade da maioria dos seus associados, num sindicato onde seja permitida a livre expressão de todas as correntes de opinião, considerando essencial a participação com os restantes trabalhadores no processo de socialização em curso. A independência, o não conformismo, o não cupulismo burocrático e a integração nos processos e meios de luta dos trabalhadores para uma sociedade socialista livremente constituída, são outros tantos pontos do programa da lista eleita.

Trabalho

PARA LEI REACCIONÁRIA TRIBUNAIS REVOLUCIONÁRIOS



. «O Sindicato dos delegados chama a atenção a todos os delegados, juizes, advogados e funcionários para que a posição correcta perante a justa contestação popular dos tribunais não está em pedir a protecção policial para decidir e executar tais decisões, mas em deixar de aplicar a lei vigente quando desta resulte um ataque às conquistas e à luta das massas populares» — afirma o Sindicato dos Delegados do Procurador da República, num comunicado sobre a ocupação temporária das instalações da 6.ª Vara Cível de Lisboa ocorrida no dia 6, com palavras de ordem contra os tribunais e acabando por levar o primeiro processo respeitante à ocupação de casas de habitação. Reconhecendo «o significado e a importância política que a instauração de tal processo tem para as massas populares, pelo perigo que representa para a consolidação das vitórias alcançadas», o comunicado lança um alerta para «o meio utilizado e as consequências que de tais actos podem advir, os quais têm de ser devidamente ponderados para que não possam ser confundidos com outros totalmente diferentes e se não voltem contra a luta dos seus autores».

«É o caso — afirma-se no documento da manifestação ocorrida ,no Barreiro, em que familiares e amigos dos presos pretendiam libertar cadastrados estritamente de delito comum».

«O Sindicato dos Delegados tem lutado — continua — desde a sua formação pela colocação da Justiça e dos Tribunais ao serviço das massas populares. (...) Repetidamente se tem pugnado pela alteração das leis burguesas e a adopção imediata de medidas que permitam afastar as normas legais capitalistas, que no caso concreto se revelem manifestações injustas ou contrárias ao processo de transição para uma sociedade socialista».

DELEGADOS DA COMETNA, SOBRE O VI:

CAMINHAMOS PARA A SOCIAL-DEMOCRACIA E NÃO PARA O SOCIALISMO

"A social-democracia é porta aberta ao fascismo"

. «Embora o primeiro-ministro dissesse que a fase final da Revolução era o socialismo, verificamos que o elenco que forma o Governo na sua maioria é composto por sociais-democratas, o que significa que ,nós caminhamos para uma social-democracia, e nunca para o socialismo como o primeiro-ministro afirmou» — lê-se num comunicado emitido pelos delegados sindicais metalúrgicos da Cometna (Amadora), reportando-se às declarações de Pinheiro de Azevedo e considerando o VI Governo a que ele preside. O texto «alerta todos os camaradas e delegados das demais empresas, chamando a atenção de todos os trabalhadores para o que se passa com a Revolução portuguesa».

Considerando que «uma social-democracia é uma porta aberta ao retorno do fascismo» e apontando exemplos recentes que poderão comprovar o recuo sensível que está a registar-se no processo político português, os delegados da Cometna dirigem-se aos seus camaradas: «nós não somos irresponsáveis para não compreendermos que é preciso disciplina quando se está em revolução — dizem —, mas a disciplina que defendemos é a revolucionária, e nunca disciplina repressiva, como a da ocupação das emissoras. Já agora perguntamos: quando é que os trabalhadores da Rádio Renascença retomam os seus programas? Ordem, também a defendemos — acrescenta o texto — mas que seja sobre todos os elementos provocadores e contra-revolucionários. Trabalho é o elo principal para a independência do nosso país. Para todos aqueles que estão preocupados com a economia do país, nós dizemos, definam-se todas as forças progressistas e indecisas que nós, trabalhadores, comprometemo-nos a construir o novo País. Esta coisa de dizer que é preciso trabalhar para a evolução económica do país, e que governos apresentam programas para progressivamente alcançar o socialismo, sem apresentar medidas de austeridade para os privilegiados de ontem e de hoje, não convencem os explorados».

Apelando para a unidade dos trabalhadores e congratulando-se com a unidade actualmente registada no âmbito das forças da esquerda revolucionária, os delegados da Cometna declaram peremptoriamente: «Socialismo há só um, aquele que acaba com a exploração do homem pelo homem».

Os delegados da Cometna dirigem-se, enfim, aos generais Costa Gomes, Otelo, Fabião e a todos os oficiais progressistas do MFA; «exigimos» — dizem — «o cumprimento integral da vontade do povo que é o socialismo». Para, a seguir, lembrarem as eleições, «ponto de honra» do Programa do MFA: «esse ponto foi cumprido. Cumpra-se agora a vontade do povo. Não deixeis atraiçoar o povo, porque é um crime o que se está a fazer à vontade do povo e à Revvlução, que após o 11 de Março ficou definida. O final da Revolução é o alcance do Socialismo».

Isto para uma constatação: a de que, hoje, «os elementos que no periodo eleitoral apresentaram um programa de esquerda com o socialismo como meta», hoje «atacam tudo que seja progressista, tudo que se identifique com objectivos de ataque às forças capitalistas».

«É fácil explorar um povo como o nosso, onde elementos através da sua demagogia põem o povo a lutar contra os seus próprios interesses» dizem os delegados sindicais da Cometna, a terminar.

O M.E.S. E A PREVIDÊNCIA

. «Os problemas dos camponeses e dos deficientes das Forças Armadas só não são resolvidos porque os senhores ministros não estão nada interessados em retirar os milhões de contos a minorias exploradoras colocando-os ao serviço da colectividade. E é assim que não se avança no caso específico da Previdência, para a:

«a) nacionalização das instituições privadas e lucrativas, clínicas privadas e termas capitalistas a fim de pôr termo a uma exploração desenfreada própria de estruturas capitalistas;

. «b) extinção de lucros pondo cobro a mensalidades escandalosas que recebem das Caixas de Previdência entre muitos outros os Analistas e os Radiologistas que chegam a atingir duzentos a seiscentos contos por mês;

«c) legislação revolucionária de modo a recuperar os milhões de contos que o patronato roubou às Caixas e aos trabalhadores mesmo que para isso tenham de pagar com as quintas, os andares ou as vivendas».

Esta a posição do núcleo da Previdência do Movimento de Esquerda Socialista, acerca dos probblemas que vêm afectando aquele organismo. No entanto, no comunicado que contém estas palavras, faz-se a inserção do «caso Previdência» adentro das actuais estruturas portuguesas, afirmando-se, a determinada altura:

«Com a ameaça já tradicional do caos e da crise das contas, o VI Governo desvia-se cada vez mais de uma política real e anticapitalista preparando-se para reprimir os trabalhadores na defesa e recuperação dos privilégios perdidos da burguesia atordoada e desesperada pelas ruas».

Saneamento na arboricultora

. .A vasta operação de saneamento à esquerda desencadeada por forças reaccionárias continua a reflectir-se nas empresas, atingindo trabalhadores. Desta feita, foram saneados quatro na Arboricultura, e encontram-se suspensos mais cinco, por deliberação de uma assembleia de trabalhadores da firma, cujo número de presenças foi já ultrapassado por um abaixo-assinado de protesto dos seus camaradas.

O problema foi debatido na última reunião extraordinária do Conselho de Moradores da freguesia de Odivelas, que decidiu «apoiar incondicionalmente a luta dos trabalhadores da Arboricultora, e protestar veementemente contra os saneamentos e suspensões, efectuados com intenção claramente divisionista e de enfraquecimento do poder da classe trabalhadora, ao colocar trabalhadores contra trabalhadores».

J.S. ESTUDANTIL REUNE-SE NO PORTO

Vai realizar-se no próximo sábado, no Porto e na sede da Federação Distrital do Partido Socialista, uma reunião de estudantes socialistas.

A reunião tem início às15horas e está a ser convocada pelo Secretariado Distrital do Ensino da Juventude Socialista e nos seus objectivos insere-se a análise da presente situação e a preparação da actuação da J.S. no ano lectivo que agora começa.

NEM MAIS UM "TUSTO"

Enquanto não forem saneados, os directores suspensos dos T. L. P., Telefones de Lisboa e Porto, não recebem nem mais um tostão dos seus vencimentos, por deliberação dos trabalhadores, ontem reunidos em plenário. Suspensos há dez meses, os ex-directores daquela empresa pública continuavam a auferir ordenados mensais da ordem dos 40 contos, facto que os trabalhadores não levaram a bem. Entretanto, decorre um inquérito para apuramento das responsabilidades, que se encontra bastante atrasado. Em próximo plenário, decidir-se-á a posição a tomar quanto ao saneamento efectivo daqueles elementos.

ELEIÇÕES NOS ESCRITÓRIOS DE FARO

Os trabalhadores de escritório e caixeiros do distrito de Faro vão eleger, no dia 8 de Novembro, os corpos gerentes do seu Sindicato, para o biénio 75/77. As mesas de voto funcionarão, das 15 às 21 horas, em Faro, Tavira e Portimão.

O COMÉRCIO AOS SÁBADOS À TARDE

O litígio que opõe o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa e a União das Associações de Comerciantes do mesmo distrito, acerca do horário semanal de 44 horas terminar, ou não, ao sábado às 13 horas, durante os meses de Outubro e Novembro, foi objecto de um despacho do secretário de Estado do Trabalho, Marcelo Curto, nomeando uma Comissão Técnica destinada a apresentar o seu parecer.

O prazo para que esta Comissão se pronuncie não deve exceder dez dias consecutivos após a nomeação dos seus componentes. Integram a Comissão representantes dos Ministérios da Administração Interna, do Trabalho e do Comércio Interno, do Sindicato e da União envolvidos, e da Federação das Associações Comerciais dos Concelhos do Distrito de Lisboa.

«CONTEM CONNOSCO»

«A luta dos soldados do C. I. C. A. P./R. A. S. P., à qual se juntaram numerosas organizações populares unitárias, é um exemplo do que é capaz a unidade entre os militares progressistas e o povo trabalhador», lê-se num comunicado do Secretariado da União de Sindicatos do Porto-Intersindical em que se analisam os acontecimentos relacionados com os militares da primeira, e mais tarde da segunda, daquelas unidades militares.

Sublinhando que a U. S. P./Intersindical estará sempre, juntamente com todos os trabalhadores e militares revolucionários prontos a dar o necessário apoio ao prosseguimento da Revolução Portuguesa rumo à sociedade sem classes, afirma-se no comunicado, a terminar:

«A reacção e o fascismo podem contar connosco.»

O CAMINHO É SÓ UM

«Os patrões dizem que não podem negociar, enquanto o Governo não disser em quanto é que lhes aumenta as tarifas», afirma num comunicado o Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Setúbal, ao denunciar o boicote das entidades patronais às negociações do Contrato Colectivo de Trabalho.

«O nosso caminho é só um e os nossos camaradas metalúrgicos indicaram-nos esse caminho! Temos que mostrar ao Governo e aos patrões, que a força e a razão está do nosso lado; do lado dos explorados e não do lado dos burgueses, governantes ou não», prossegue o comunicado.

Para uma tomada de posição da classe, realiza-se no próximo domingo no salão-ginásio do Inatel (ex-F. N. A. T.) em Setúbal uma assembleia geral, na qual está presente um elemento da direcção do Sindicato das Garagens.

Geral

ENSINO SUPERIOR

HERANÇA DO V GOVERNO

Pelo dr. ANTÓNIO HESPANHA

O ACESSO À UNIVERSIDADE

Em termos escolares, o V Governo foi um governo de férias. Férias que, no entanto, poderiam ter marcado profundamente as aulas deste ano que vai começar e as aulas dos anos que se vão seguir. Na verdade, foi vasta a sua obra legislativa, também no domínio do ensino universitário. Obra vasta, mas incompleta, pois havia ainda medidas por aprovar; obra sua, sobretudo pela capacidade de decisão e pela eficiência, pois a preparação das medidas aprovadas ou pendentes de aprovação começara muito antes, durante os III e IV — e até durante o II — Governos Provisórios.

Leis são leis, e daí aos actos grande passo vai, sobretudo em Portugal, sobretudo no ensino, sobretudo na Universidade, onde um redobrado sentido de autonomia — susceptível de muitas «leituras»... — torna algo aleatória qualquer tentativa de regulamentação externa. Não é, portanto, só a legislar que os governos funcionam, mas o legislar, para além de marcar a capacidade e a coragem de decidir, corporiza orientações globais e cria instrumentos de trabalho para a administração.

Deste ponto de vista, pode perguntar-se em que é que a legislação universitária do V Governo poderia influir, ao nível dos resultados concretos, na política educativa nacional e como poderia responder às preocupações das Escolas e do País.

Faz agora um ano, era este o quebra-cabeças número um do sector universitário; a maior parte das escolas eram terminantes: não podiam receber todos os alunos do primeiro ano, algumas não deviam mesmo receber quaisquer alunos, de tal modo se encontravam dessoradas em professores ou em instalações. Como a via da selecção — que se explorou até fins de Novembro — não se mostrou viável (contestação generalizada mas, sobretudo, a noção de que a selecção por concurso de entrada além de desautorizar todo o ensino pré-universitário, reforça as vantagens culturais e educativas das classes privilegiadas) resolveu-se não admitir alunos do primeiro ano. Esta medida, anunciada ao País já por Rodrigues de Carvalho, só se tornou possível porque entretanto sugerida por Pereira de Moura e desenvolvida pelo trabalho conjunto dos conselhos directivos de algumas escolas — aparecia e ganhava corpo a ideia de criar um ano de integração, através do trabalho «cívico», dos estudantes universitários na problemática económica, social e cultural do seu País; deste País que ia custear os seus estudos, deste País cujo destino — isto era fundamental — ia estar, em boa medida, dependente da lucidez (a todos os níveis), empenho e competência destes moços e moças que agora pretendiam entrar na Universidade.

Ao nível político imediato, o haver ou não primeiro ano era uma questão muito «quente». Mas, numa perspectiva global da Revolução Portuguesa, muito mais importante era a questão do «serviço cívico». Na verdade, o que estava principalmente em causa não era o problema de 28 000 jovens que sofreriam um ano de atraso nos seus estudos (e os que tinham feito quatro anos de serviço militar? e os que tinham tido toda uma vida de atraso, por não terem podido estudar?); nem tão pouco o que poderia acontecer nas escolas se todos entrassem (embora, se eles entrassem, a paralização das escolas, por saturação absoluta, fosse inevitável). O que estava aqui em causa, dominando todo o problema «técnico» da superlotação escolar, era o problema **político** de saber o que é que o País pedia às Universidades. E esse, punha-se assim: o País apenas queria **mais** diplomados (admitindo mesmo que o diploma garantia a competência técnica), viessem donde viessem, sentissem o que sentissem, quizessem o que quizessem? Ou o País queria **outros** diplomados, vindos doutro lado (doutras classes sociais, doutras regiões). Sentindo doutra forma, (sentindo a vida, a vida do nosso povo aonde ela se vive e não apenas a sua versão livresca e escolástica querendo outras coisas (querendo empenhar-se na construção do seu País e não apenas conseguir prestígio e dinheiro)?

Numa perspectiva revolucionária, a resposta não podia ser senão uma: o que o País necessitava era que as Universidades **colaborassem na tarefa de democratizar a sociedade portuguesa**. E isso não tinha nada a ver com o problema dos 28 000 candidatos ao primeiro ano que provinham das mesmíssimas classes donde já provinham 95 por cento dos universitários em Portugal que reforçariam, na Universidade — e, depois, na vida — a mesmíssima visão do mundo burguês, individualista e alienada dos problemas do povo trabalhador que ainda caracteriza a «classe dos doutores». O problema destes não era nem mais nem menos do que o problema destes, o **seu** problema; respeitável, é certo, mas não mais do que o problema dos que não têm casa, dos que não têm trabalho, dos que não têm dinheiro para pensar sequer em ir para a Universidade. Reduzido a estes limites, o problema dos 28 000 podia ser, com justiça, confrontado com os problemas que iria criar — aos 28 000, aos restantes 60 000 e, em última análise, a todo o sistema de eensino superior — a sua entrada na Universidade.

«Missões estrangeiras apreciaram o Serviço Cívico»

O outro — o problema do acesso à Universidade, do ponto de vista do interesse nacional — esse foi o que se procurou resolver (a) com o «serviço cívico», (b) com o decreto — aprovado pelo V Governo (mas não promulgado) — sobre o acesso ao ensino superior e (c) com outro decreto — também aprovado pelo V Governo, e também não promulgado — criando a Universidade aberta.

A democratização do ensino superior é um objectivo complexo e de largo fôlego; passa, nomeadamente por muitas coisas que nada têm a ver com o sistema de ensinno (saúde, habitação, enquadramento cultural, correcção das assimetrias regionais, distribuição de rendimentos, etc.); todavia, em termos mais imediatos, o que se pretendia era: (i) uma correcção sensível da origem social dos universitários, pela promoção do acesso à Universidade dos filhos das classes trabalhadoras e dos próprios trabalhadores; (ii) uma promoção do ensino universitário nas regiões culturalmente mais deprimidas (o que também tem que ver com o primeiro objectivo); e (iii) uma revolução cultural no meio estudantil, pondo os problemas em contacto com o trabalho manual e com o povo trabalhador, valorizando a inteligência activa e criadora e o espírito de empenhamento social dos jovens.

O último objectivo era aquele que, fundamentalmente, animava o «serviço cívico» que foi, todavia, a primeira medida a ser institucionalizada — durante o IV Governo —, embora com grande atraso e com grandes hesitações de organização e mesmo de concepção. Apesar de tudo — e graças à obstinação quase heróica de meia dúzia de pessoas — ele começou a avançar, contra a descrença e o boicote activo de quase todos, mesmo dos partidos (P. S. e P. P. D.) que estavam no Governo e que aí o aprovaram com compromisso expresso de apoio por parte das organizaçõees partidárias. Menos de uma semana passada, já a Juventude Socialista e Juventude Social-Democrata faziam abertamente coro com os detractores clássicos do «serviço cívico» (M. R. P. P., nomeadamente). Mas o «serviço cívico» ainda avançou o suficiente para despertar a atenção de missões internacionais que nos visitaram e que, sobre ele, deixaram nos seus relatórios palavras de incitamento caloroso, pelo que ele representava de inovador e de original (missões Marmoz e Pellegrin, da O. C. D. E. e missão Botti, da UNESCO).

Não seria ainda este ano que o «serviço cívico» produziria resultados, até porque o período de prestação foi muito curto; mas não tenho dúvidas de que tudo haveria de esperar do contacto dos jovens estudantes com o povo trabalhador, contacto estabelecido no trabalho quotidiano, par a par com os problemas concretos que a vida põe e que a Escola ainda ignora. Não sei o que vai ser feito do serviço cívico; um alto responsável já declarou que ele iria ser modificado, pois a maioria dos estudantes não estava de acordo com ele. Creio que se trata de um raciocínio radicalmente errado. As medidas revolucionárias não se referendam, porque se se referendam, é certo que perdem, de tal modo pesam contra elas os hábitos criados, as ideias feitas, as comodidades (de toda a ordem estabelecidas; hábitos, ideias e comodidades que elas precisamente visam destruir. De qualquer modo, a haver referendo, os ouvidos não seriam decerto os estudantes, mas **os outros**...

O primeiro dos objectivos antes enunciados — a modificação da origem social dos universitários — é um objectivo a longo prazo. Mas uma coisa é certa (embora, a partir da semana passada inconstitucional, ao que parece...): essa modificação passa necessariamente pela consagração de medidas de descriminação positiva que favoreçam os filhos dos trabalhadores. A mera expansão dos efectivos escolares não provoca a modificação sensível da estrutura social dos estudantes universitários, como o prova cabalmente a nossa experiência recente. Isso é natural, dadas as tremendas desvantagens — desde logo culturais, mas também económicas, sociais, de alimentação e cuidados sanitários, ambientais e habitacionais — dos filhos das classes desfavorecidas. A que há que juntar a alienação cultural a que os obriga a escola burguesa, em que quase todos os temas de interesse pedagógico são recortados dos horizontes mentais e culturais das classes médias urbanizadas. Medidas discriminativas integradas numa estratégia suspensatória a favor das classes trabalhadoras (vantagens, no acesso, aos estudantes trabalhadores, preferência absoluta dada aos estudantes oriundos das classes trabalhadoras no caso de estabelecimento de **numerus clausus**, ampliação das vias profissionais de acesso ao ensino superior) esmaltavam o projecto de decreto-lei apresentado ao V Governo e por ele aprovado com pequenas alterações. Tratava-se de um conjunto de soluções progressistas, mas cheias de realismo, soluções que eram acompanhadas por outras destinadas a valorizar o «serviço cívico», instituindo um sistema de cursos propedêuticos, ministrados por ensino à distância, e destinados a possibilitar uma pré-orientação escolar, bem como o domínio antecipado de certos instrumentos básicos de trabalho.

Se os ventos que têm soprado no hemiciclo de S. Bento colherem este projecto, certo é sabido que tais soluções cairão como as muralhas de Jericó. Na verdade, apesar do voto do PCP e do PS, o PPD e o CDS conseguiram impedir a consagração, na Constituição, de um preceito que expressamente legitimava intervenções correctivas do tipo das anteriormente citadas. Assim, a correcção profunda da estrutura social dos seus estudantes de que a nossa Universidade e a nossa sociedade urgentemente carecem fica ao cuidado do formal princípio de que «o Estado reconhece e garante... a igualdade de oportunidades na formação». O que é o mesmo que dizer que a destruição do capitalismo (ou mesmo a sua reforma) fica ao cuidado do princípio do «laissez faire»... Portanto, com este princípio reaccionário — imposto pela... «minoria» (PPD e CDS) à... «maioria» (PS e PCP) de Constituinte... —, podemos ter a certeza de que a Universidade vai continuar a ser o recreio (mas também a forja do poder) dos privilegiados. E, quanto às soluções progressistas do projecto de decreto-lei, devemos estar conversados...

Finalmente, a Universidade Aberta. O seu estudo vinha sendo feito desde o III Governo — aquele em que muito do que agora estava pronto no domínio do ensino superior começou a ser ppreparado; uma comissão polifacetada editara um primeiro relatório, a partir do qual fora elaborado o projecto de estatuto. O modelo era, noutra escala e com objectivos sensivelmente diferentes, a **Open University** inglesa. Dela se esperava, a longo prazo, um desdobramento regional do ensino superior inatingível doutro modo e o recrutamento para o ensino superior de toda uma clientela (trabalhadores, donas de casa, emigrantes, etc.) para a qual a universidade não estava, até agora, disponível. A curto prazo, estava programada uma vasta acção de formação de professores sem habilitações próprias, combinada, talvez a partir de 1977/8, comacções de formação de funcionários públicos.

Já se vê que a Uniabe iria desempenhar um papel central na estratégia de democratização do ensino. Não só por seu intermédio, se procurava uma real regionalização do ensino superior, como se pretendia obter um instrumento especcializado para a formação universitária dos trabalhadores. Digo «especializado», porque se reconhecia que o acesso dos trabalhadores à universidade punha problemas de ordem psico-pedagógica e institucional que as universidades clássicas não estão em condições de resolver, dada a sua vocação dominante para classes etárias bem definidas. Assim, a Uniabe haveria que inventar um estilo pedagógico próprio, capaz de motivar uma clientela também própria e, sobretudo, de evitar a sua alienação, natural numa universidade em que adultos e trabalhadores tenham que se adaptar ao estilo dos (para os) jovens de vinte anos.

Era esta a panóplia de medidas que, no sector do acesso ao ensino superior, constituiam a «herança do V Governo». Seja qual for o seu destino final, uma coisa é certa: o simples atrazo da sua promulgação terá sequelas visíveis no trabalho organizativo e na própria eficácia destas medidas. E isto é tanto mais grave quanto é certo que algumas delas são, até certo ponto, inevitáveis.

Caxito, nó rodoviário sit... to Luanda, foi transformado numa vil... ros pesados e dos blindados da F.N... e chamada Holden Roberto três s... agressores. Um símbolo Holden j... 11 de Novembro, seja a que preç... ao semanário português «Expresso» Talvez ele já tenha escolhido um ... morta com que sonha. «Cidade Mo...

Para obter, segundo palavras de Pinnock, braço direito de Holden Roberto, em Kinshasa a 21 de Setembro, uma «rampa de lançamento» para os ataques das suas forças mercenárias, os responsáveis da Frente, aconselhados pelo tenente-cooronel português Santos e Castro, antigo «primeiro comandante» dos comandos africanos, não hesitarão em criar o vazio, em exterminar as populações, a tentar quebrar pela força bruta os esforços que faz o MPLA para tirar Angola do marasmo na qual a mergulhou a guerra de agressão.

PRODUZIR

«Nós, M.P.L.A., não temos medo», ripostou o presidente Agostinho Neto, quinta-feira, 25 de Setembro, no decurso de um comício reunindo milhares de habitantes da capital. «Os angolanos resistirão a toda a invasão imperialista. O inimigo

Patrulha mista numa rua de Luan... de libertação. Era a época

pode vir da Europa com os seus aviões. Pode vir da África do Sul. Pode lançar bombas sobre o nosso país. Mas este inimigo que não pense que nós, angolanos, nos submeteremos. Os angolanos resistirão».

Uma das maneiras de resistir, é produzir: «Produzir e resistir» tornou-se em palavra de ordem na maioria das regiões de Angola, aquelas controladas pelo MPLA. Paralelamente a esta palavra de ordem, um balanço sem concessões é feito pelo primeiro ministro do Governo de Transição: Lopo do Nascimento.

«Nós dispomos de meios restritos mas, apesar de tudo, a situação permite-nos honrar os nosssssos compromissos internacionais (...). Todavia, é-nos necessário encontrar meios de diversificar as nossas fontes afim de diminuir a vulnerabilidade da nossa balança de pagamentos. Com efeito, 80 por cento das nossas devisas provêm de exportações de cinco produtos base: petróleo, café, minério de ferro, diamantes e algodão».

Ora, segundo Lopo do Nascimento, somente o petróleo continua a ser exportado regularmente. Porquê? Porque o MPLA tem o controlo, sem parti-

ANGOLA

Por JACK BOURDERIE
(in «Afrique-Asie»)

A ESCOLHA DE LISBOA

...o 53 quilómetros a norte de ...vila morta pelos tiros de morte...N.L.A. A vila foi «desbaptizada» ... semanas antes pelos mesmos ...jurou tomar Luanda antes de ...reço for. «As bombas, afirmou, ...so», não escolhem as vítimas». ...m novo nome para esta cidade ...obutu», por exemplo...

...lhas, de Cabinda, de onde são extraídos em média 10 milhões de toneladas de petróleo por ano, e de Luanda, onde está instalada a única refinaria. Nas outras regiões, a guerra de agressão diminuiu, quase parou, a produção e o transporte de produtos.

Mas não é inútil comparar a carta das riquezas angolanas e a dos combates actuais.

A exploração de petróleo, como vimos, está concentrada em Cabinda e o seu refinamento em Luanda. E, se a Texaco pode anunciar novas descobertas petrolíferas em Santo António do Zaire, região sob controlo da FNLA, falta ainda poder explorá-las e comercializá-las, o que parece difícil numa zona onde toda a vida administrativa, comercial e económica desapareceu.

Por outro lado, as províncias do Uíje e do Zaire e o norte da província de Luanda, consagram-se essencialmente ao cultivo do café, cujas plantações, saqueadas, se tornaram absolutamente improdutivas. Do mesmo modo, está reduzida a nada a cultura do algodão (Zala, Quipedro), do trigo (Mabaia, Nova Caipemba), da cana de açucar (no rio Lifune), a exploração florestal a oeste de Carmona ou a extracção de cobre em Bembe.

As zonas controladas pela UNITA privam Angola do trigo de Munhango, do sisal de Calima, das indústrias alimentares de Nova Lisboa e de Silva Porto.

Mas o MPLA, que controla todos os portos com excepção do Ambriz, Ambrizete e Santo António do Zaire, sem qualquer importância para o comércio internacional, controla deste modo, todas as possibilidades de comercialização, sem contar com a linha de caminho-de-ferro Moçamedes-Sá da Bandeira Cassinga (ferro), a de Lobito Benguela-Marinano Machado, e uma extremidade da via de recepção do cobre zambiano, e o Luso-Teixeira de Sousa bem como Malanje-Luanda. Desta forma, não há praticamente qualquer possibilidade de a F.N.L.A. e de a U.N.I.T.A. assegurarem a exploração ou comercialização de qualquer produto.

Por outro lado, o MPLA tem sob o seu controlo as regiões onde se situam as seguintes produções: o ferro de Malanje e de Cassinga, os diamantes da Lunda, o café do Cuanza-Norte e de Santa Comba, o algodão dos vales do rio Cuango e do Cagandala.

A PROVA

Ele tem, também, sob seu controlo, a quase totalidade das indústrias alimentares, texteis e químicas, cimenteiras, açucareiras e as manufacturas do tabaco, refinação e todos os portos de tráfego polivalente, específico (ferro, madeira) e de trânsito.

Isto quer dizer que todas as possibilidades económicas estão nas mãos do MPLA. Uma vez que se conheça o «realismo» das sociedades exploradoras, pode-se prever uma adaptação do seu comportamento uma vez que estejam presuadidas que o futuro dos seus negócios passa pelo MPLA.

É certo que há factores que entram em jogo para os persuadir. O novo alto-comissário em Angola reconheceu em 18 de Setembro: «Encontro uma grande compreensão e uma perfeita colaboração junto do MPLA». Isto confirma as reportagens dos enviados especiais da imprensa internacional a Angola. Basta citar o «Monde» de 25 de Setembro: «(...) Nos passeios, os cafés esplanadas estão cheios. Ao ritmo lancinante de melodias africanas surgidas de transistores nasalados, portugueses e angolanos bebem vinho verde e comem mariscos. À noite, os poucos restaurantes ainda abertos, assinalam que estão completos. Durante o fim de semana, o centro esvazia se de habitantes que fogem para as praias (...)».

Tantos sinais encorajantes diminuem o êxodo dos portugueses e levam mesmo alguns a regressar a Angola, como nota o correspondente da AFP nos últimos dias.

O MPLA faz prova, em Luanda e nas zonas onde se implanta, da sua aptidão em assegurar os destinos do País. Em contrapartida, a demagogia da UNITA consumiu-se em fogo lento. Enquanto no período contemporâneo dos acordos de Alvor fazia tudo para dar, aos olhos dos brancos, a imagem da força mais «sensata» de todas, a desorganização total das regiões onde se refugiou fez justiça ao seu verbalismo. O massacre de Balombo, onde todos os brancos de uma localidade situada a nordeste de Nova Lisboa, mesmo aqueles que eram favoráveis à UNITA, foram assassinados, aperfeiçoou a imagem de Jonas Savimbi. As declarações de Kinshasa em 19 de Setembro, não deixam qualquer dúvida quanto às afinidades que ressaltam: «É urgente que consigamos encontrar, Holden Roberto e eu, uma estratégia contra o MPLA». Tendo Johnny Pinnock dito que «não renega a UPA dos anos 60», pode-se ver que ressonância pode ter para os brancos de Angola esta declaração de aliança, no momento mesmo em que se perpetram massacres raciais como os de Balombo, que lembram tristemente os ordenados por Holden e mesmo por Pinnock no Norte, no alvorecer da luta armada, que iriam definitivamente comprometer.

Enfim, há um ponto que, mais do que tudo o resto, faz reflectir: os países mais progressistas de África, aqueles cujo nome é sinónimo de verdadeira libertação, não escondem a sua simpatia pelo MPLA considerado como a única expressão do povo angolano e pronunciam-se contra a internacionalização do problema.

A «Horoya» (Guiné-Conacri) — «O papel da FNLA aliada da UNITA (e agora os seus dirigentes falam abertamente) é de aniquilar o MPLA que é a organização que chamou a si os mais pesados fardos da luta contra os colonialistas e que beneficia do apoio do povo e tem um, programa de desenvolvimento progressista para uma Angola independente» — e ao «Moudjahid», que afirma a sua hostilidade «a toda a internacionalização do problema angolano tanto sob a égida da ONU como da OUA», respondem as vozes de Luís Cabral, chefe de Estado da Guiné-Bissau — «O nosso país está pronto a apoiar inteiramente todas as tentativas para levarem a paz a Angola fora de qualquer interferência exterior e convido todos os governos progressistas de África a apoiarem o MPLA» — e Marien Ngouabi, presidente do Congo-Brazaville — «Nós acreditamos que apoiando o MPLA não criamos qualquer divisão (...). Nas vésperas da independência (...) devemos pôr o problema como tal da luta anti-imperialista» — sem falar daqueles de Samora Machel, dos tanzanianos, dos zambianos, etc.

SÓ O MPLA

O MPLA está longe de estar isolado. A África progressista está ao seu lado. Isto dá um elemento suplementar de reflexão aos próprios portugueses.

A menos de trinta dias do 11 de Novembro, data em que deverá ser proclamada a independência de Angola e na qual Lisboa deverá remeter a totalidade do poder para o povo angolano, é bom que seja ouvida a voz do presidente Agostinho Neto: «Creio que o MPLAA inteiro está convencido que todo o compromisso com os pretensos movimentos de libertação será prejudicial para o nosso povo. Não ganharíamos nada fazendo concessões, fosse à UNITA fosse ao FNLA. Já temos experiência de que isso não daria qualquer resultado (...). Estes grupos tribais pretendem confiar o poder a um grupo étnico determinado, favorável a uma qualquer potência imperialista. Mas nós, nós não gostamos dos imperialistas. Mas nós gostamos, em contrapartida, da liberdade e do progresso. Nós queremos que o nosso povo, explorado durante tanto tempo, possa viver em paz. Por todas estas razões nós orgaanizamos o poder popularr, o que implica a participação do povo inteiro na direcção do país».

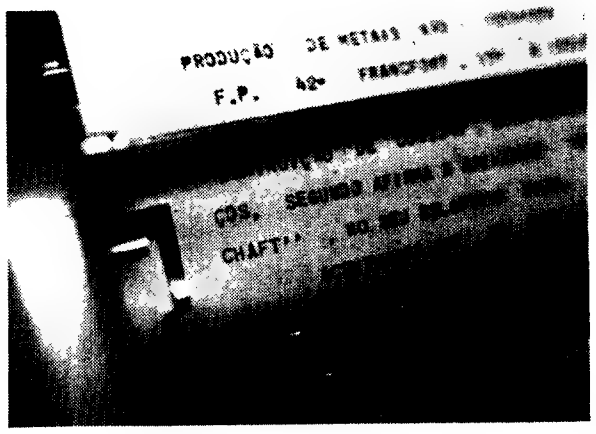
A representatividade do povo angolano, é a do M.P.L.A. que a assegura; a segurança e a reconstrução económica, é o MPLA; a paz, é o MPLA; porque é o MPLA que, de facto, detém hoje o poder.

É bom que os responsáveis portugueses se ponham, então, as seguintes questões: qual será o efeito produzido na Africa independente e progressista perante a recusa de remeter o poder de jure para o movimento que encarna o povo angolano e a sua luta de libertação? Que credibilidade teria a Revolução Portuguesa se, no decurso de uma descolonização que está ao seu perfeito alcance, tentasse remeter Angola para as mãos do imperialismo ocidental pela UNITA ou a FNLA interpostas? Que relações de conjunto poderia Lisboa ter com as suas ex-colónias se Samora Machel, Aristides Pereira e Luís Cabral tivessem de se sentar ao lado de um Holden ou de um Savimbi?

...nda, integrando portugueses e angolanos dos três movimentos ...a em que a «lua-de-mel» do Alvor parecia durar, durar...

Holden Roberto jurou tomar Luanda até 11 de Novembro. Pelo fogo e pela destruição, como os seus homens há meses ensaiaram?

Estrangeiro



Agências de Imprensa

monopólio da informação ao serviço do imperialismo (1)

Por Ralf Bergemann

As notícias de política internacional constituem a página diária de História do nosso tempo que a cada leitor é fornecida. Mas há duas maneiras de contar a História; uma tradicional, que se demora nos personagens de alto coturno, nos heróis, no amontoado de factos não inter-relacionados na sua análise através dos grandes (e pequenos) feitos das «eminentes personalidades». Outra, científica, que atende às eminentes personalidades, reduzindo-as, no entanto, à sua equenina dimensão, que relaciona os factos e os interpreta, que analisa os acontecimentos pelo contributo que estes podem ter para impulsionar ou travar a marcha inevitável do homem para o socialismo. Há, assim, duas maneiras de dar ao leitor os factos diários de política internacional. Uns escolherão novo casamento da Jacqueline, ex-Kennedy, ex-Onassis como preciosa e emocionante notícia do dia. Outros optarão por uma greve de mineiros em qualquer canto recuado do mundo. O mal é que da Jacqueline todas as notícias nos chegam. Mas dos mineiros bem poucas sabemos.

Porquê? Situados na esfera de influência das gências de imprensa imperialistas, só pouco depois do 25 de Abril começámos, em Portugal, a receber parcas informações das agências dos países socialistas. O grosso dos noticiários continua, no entanto, a ser-nos fornecido pela AFP, R, AP e UPI (estas duas através da ANOP). Por isso, os leitores dos jornais portugueses continuam, em matéria de noticiário internacional, a receber uma lavagem ao cérebro, por manipulação imperialista.

O artigo do jornalista oriental Ralf Bergemann, que hoje começamos a publicar, elucida-nos obre o papel das agências de imprensa ocidentais. Concluiremos amanhã nesta mesma página o texto extraído de «Le Journaliste Democratique», revista da OIJ (Organização Internacional de Jornalitas). Na próxima semana, voltaremos a este tema, com mais dois artigos traduzidos da mesma revista: um sobre a imprensa em Cuba, outro sobre a imprensa nos países em vias de desenvolvimento.

Quando, nos finais de 1973, começos de 1974 a crise da energia se acentuou nos países capitalistas, o papel das principais agências de Imprensa ocidentais e as suas relações mútuas de «incitamento jornalístico» e de interesses monopolistas manifestaram-se mais claramente que nunca. Os observadores imparciais da situação da energia puderam constatar que a crise aparecia nessa altura: contudo a sua causa principal não residia unicamente no Médio Oriente, mas na evolução geral da economia capitalista no decurso das últimas décadas.

Em compensação, as agências seguiam de maneira unívoca a linha adoptada pelos grandes monopólios petrolíferos e os Governos capitalistas, que lhes estarão estreitamente ligados. A culpa era imputada aos Estados árabes. Os verdadeiros interesses dos monopólios foram mascarados por um espesso véu jornalístico. A UPI, a AP e a Reuter eram as que mais lançavam sobre os seus clientes uma verdadeira avalancha de informações provenientes dos países árabes sobre este tema, sobre as reuniões da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) e as companhias petrolíferas. O leitor médio devia ter forçosamente a impressão de que a responsabilidade por esta crise não incumbia ao sistema capitalista, mas unicamente ao Médio Oriente.

Para fabricar esta avalancha de informações, houve que reforçar o pessoal destas agências em certos centros de particular interesse no estrangeiro. Foram previstas técnicas prioritárias de transporte. Os «telex» traziam uma rica «documentação» e comunicados de carácter nitidamente tendenciosos interpretavam o discurso político em questão.

As declarações feitas por eminentes economistas ou homens políticos relativas às causas da crise só muito raramente encontravam lugar na informação das agências capitalistas. Sem serem directamente caladas, não estavam colocadas no contexto adequado.

Os práticos da informação têm ainda presente no espírito este género de processo em razão da sua actualidade. Num caso concreto e isolado mostra-se o papel que as agências de Imprensa podem ter no desenvolvimento da situação política actual. Com efeito, a informação torna-se cada vez mais o género predominante na Imprensa e na Rádio.

A criação e a consolidação da comunidade socialista, o êxito obtido pelos movimentos de libertação nacional e, a este propósito, a fundação de um grande número de jovens Estados que escolheram uma via não capitalista, o crescimento do movimento operário nos países imperialistas e capitalistas, e, por consequência, a polarização geral das forças sociais, o poder de obrigar os Governos monopolistas de Estado a adaptar-se cada vez mais ao desenvolvimento actual, caracterizado pela política de paz dos países socialistas e, entre outras, pela revolução científica e técnica tudo isso levou ao acréscimo da procura da informação. Os escritos burgueses aprazem-se em utilizar o termo «explosão da informação». Mas esta terminologia esconde o facto que são as rápidas mudanças sociais, que, nos nossos dias, provocam alterações quantitativas, e, mais ainda, qualitativas, da informação.

INSTRUMENTOS DE ORIENTAÇÃO

Para que esta situação seja coberta no plano ideológico, os meios dirigentes dos Estados imperialistas transformaram as agências de Imprensa ocidentais em instrumentos de orientação dos **mass media** burgueses de conteúdo uniformizado. Esta operação é motivada pelo rápido aumento das somas dispendidas para adquirir e difundir as informações. O antigo adjunto do director-geral da Reuter, Doon Campbell, escreveu: «A principal razão da existência das agências de Imprensa mundial é o custo da aquisição das informações. Os grandes jornais possuem os seus correspondentes próprios em centros, como Washington, Paris, Moscovo e Londres. Nas capitais, onde o número de informações a recolher é menor, têm os seus «stringers». Dispõem igualmente de correspondentes itinerantes, capazes de se deslocarem rapidamente. Mas é raro que possam dar-se ao luxo de seguir os acontecimentos durante 24 horas nas capitais estrangeiras. Têm menos possibilidades ainda de garantir que os seus correspondentes se encontrem permanentemente em milhares de outros locais, onde pode surgir um acontecimento de interesse informativo. Ora, o papel de uma agência é o de ter ali também um correspondente».

As agências ditas nacionais encontram-se numa situação análoga à dos jornais. Jan-Otto Modig, ex-director da TT de Estocolmo escreveu: «Nos últimos anos, várias agências de Imprensa nacionais tentaram arranjar, sozinhas ou em cooperação com outras, correspondentes acreditados em diversas partes do mundo. Mas é evidente que, embora louvável, porque permite transmitir as informações pelos seus próprios canais, este processo só pode servir para completar as informações fornecidas pelos serviços das agências de Imprensa mundiais».

A propósito, examinemos com espírito crítico os termos «agência de Imprensa mundial» e «agência de Imprensa nacional», usados pelos teóricos burgueses. Pode ler-se esta definição, muito frequente: «A agência de Imprensa mundial recolhe informações no mundo inteiro e envia-as para o mundo inteiro. A agência de Imprensa nacional recolhe as suas informações mundiais, sobretudo por intermédio da agência de Imprensa mundial, e, regra geral, recolhe informações no seu próprio país». Menciona-se, contudo, que grande número de agências de Imprensa nacionais difundem as suas próprias informações para o estrangeiro, mas, ao mesmo tempo, exprimem-se dúvidas quanto ao seu alcance.

Esta definição dos termos leva a fazer abstracção do quadro ideológico. Os factos estão há muito em contradição com estas definições, com o auxílio das quais se procura, por vezes, demonstrar «a superioridade das agências de Imprensa mundiais», isto é, da UPI, AP, Reuter e AFP. Mas já há muito que os investigadores burgueses no domínio dos **mass media** devem contar com a agência soviética Tass, entre as grandes agências de Imrensa mundiais. Os «telex» que recebem as informações da Tass encontram-se hoje no mundo inteiro. As agências dos países socialistas, como a CTK de Praga, a ADN, de Berlim, ou a PAP de Varsóvia possuem a sua rede própria de correspondentes e têm contactos com quase todas as agências de Imprensa mundiais. Difundem as suas informações em várias línguas e têm assinantes em grande número de países. A agência de Imprensa da República Democrática Alemã, ADN, fornece mais de metade de todas as informações estrangeiras, sendo a Tass e as outras agências socialistas a segunda fonte de informação. As informações provenientes das principais agências de Imprensa capitalistas representam uma percentagem ínfima para a ADN. As relações de trabalho estreitas entre as agências de Imprensa socialistas — mencionemos entre outras as circulares, a rede fotográfica e a realização comum de tarefas importantes da informação jornalística — fazem com que o termo «agência de Imprensa nacional» seja absurdo, quando referido às agências dos países socialistas.

CADA VEZ MAIS COLABORADORES

A posição de monopólio com os objectivos dos meios dirigentes dos países imperialistas, de um lado, e a crescente necessidade de informações, do outro lado, leva os chefes das agências de Imprensa ocidentais a alargarem incessantemente o número do pessoal e a rede técnica para recolher e difundir as informações. Segundo os diversos dados fornecidos pelas diferentes agências de Imprensa, o número dos colaboradores aumentou 15 a 45 por cento nestes últimos vinte anos.

As novas redes de transmissão, e, há poucos anos, a utilização dos satélites de comunicação e dos computadores agravaram consideravelmente o orçamento. Este não pode ser coberto nem pelas grandes cadeias de jornais ou de rádio como fontes de financiamento das agências e por isso as principais agências de Imprensa imperialistas são obrigadas a recorrer a outras fontes de financiamento. A sua ligação com os bancos, com as grandes empresas industriais é cada vez mais evidente. As inovações técnicas indispensáveis levaram a uma cooperação mais estreita entre as agências e os grandes «trusts», em especial do domínio electrónico que faz parte do complexomilitar-industrial.

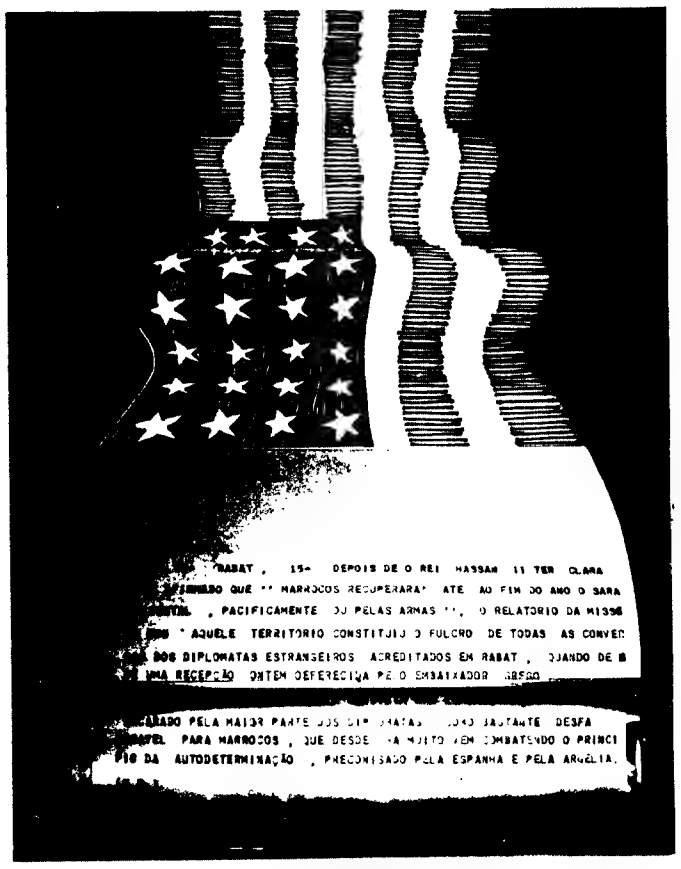
As agências de imprensa dos países imperialistas transformam-se cada dia mais, em instrumentos do sistema político e económico no poder nos seus países e trabalham como seus porta-vozes directos ou indirectos.

As tarefas fixadas e o modo de trabalho das agências são explorados de múltiplas maneiras pelo Estado nos países imperialistas. A vasta rede mundial de informação fornece aos órgãos executivos um fluxo contínuo e largo de informações. As agências de Imprensa superam muitas vezes os canais de informações diplomáticos, pelo menos no respeitante à velocidade, mas também frequentemente nos pormenores, porque o jornalista de uma agência não é obrigado a ter «respeitos de ordem diplomática» para obter informações. Em compensação, o aparelho de Estado capitalista serve-se das suas agências para difundir as suas opiniões políticas, tanto no país como no estrangeiro. A autonomia que todas as agências de Imprensa põem em destaque transforma-se em farsa. Os representantes das agências e dos principais jornais de diversas capitais imperialistas vão quase todos os dias assistir ao «briefing» onde recebem directrizes e informações. A isso acrescenta-se numerosos serviços de informação escrita fornecidos pelos ministérios e pelas sedes de diversos partidos. Claude Hippeau, director-geral da central parisiense da UPI, reconheceu que o empregado da agência era muitas vezes submetido a diversas pressões políticas e governamentais, o que levava a que certos factos fossem apagados e outros postos em relevo. Embora velando pela análise e controlo das informações «... poderemos involuntariamente apresentar uma versão dos acontecimentos que não corresponde plenamente à realidade».

Esta manipulação dos factos reflecte-se sobretudo na Imprensa diária, porque o fluxo de informações que se abate sobre o redactor torna-o forçosamente acrítico no tratamento dos comunicados da agência.

Aos meios dirigentes dos EUA importa sobretudo difundir as suas opiniões políticas por intermédio das agências de Imprensa. O comportamento dos E.U.A. é muito típico. É do conhecimento público que a UPI foi informada antecipadamente da invasão de Cuba pelas tropas americanas de modo que pôde preparar para o «dia D» uma vaga de informações tendenciosas. Os jornalistas das agências fazem hoje automaticamente parte do séquito do ministro americano dos Negócios Estrangeiros, estando integrados no método de trabalho do ministro. Isso manifestou-se claramente na informação dos **mass media** norte-americanos (assim como de outros órgãos de Imprensa ocidentais) a propósito das conversações de Kissinger em Israel e na Síria. Difundia-se insistentemente o mito de «Kissinger — mensageiro da paz», embora na altura os bastidores dos acontecimentos do Médio Oriente se encontrassem noutros pontos, e Kissinger não passasse de um fenómeno parcial da corrente política. Os exemplos ilustrativos das opiniões uniformizadas da Imprensa são múltiplos.

As duas agências americanas (AP e UPI) perderam nos últimos anos grande parte do seu crédito político, nomeadamente devido à guerra do Vietname e à evolução política nos EUA. Por esta razão, a UPI e a AP procuram estabelecer «subagências» nos Estados menos gizados e tentam obter contratos de distribuição.



EMPRESAS NÃO LUCRATIVAS

As agências de Imprensa capitalistas não são em princípio empresas lucrativas. Embora em 1973, por exemplo, a AP tenha tido na Imprensa americana 1265 «clientes pagantes», 3420 na Imprensa e na Televisão, e 166 na Televisão por cabo, os lucros são engolidos pelas indispensáveis inovações técnicas. «Os gastos devem ser cobertos por aqueles que têm um interesse primordial nos seus serviços — tal deve ser o princípio económico da agência», declarou o antigo director-geral da TT, Modig.

Continua na pág 15

Estrangeiro

CAUSOU SURPRESA O CANCELAMENTO DE CONVERSAÇÕES BREJNEV-GISCARD

MOSCOVO, 16 — (R.) — Um véu de mistério cerca hoje o estado de saúde do dirigente soviético Leonid Brejnev quando o seu convidado, o presidente Valéry Giscard D'Estaing, da França, se prepara para partir, numa visita de um dia, a Kiev, a capital da Ucrânia.

O secretário do Partido Comunista soviético cancelou ontem uma projectada segunda série de conversações com o presidente visitante e, depois, não se lhe juntou para assistir a um concerto no Kremlin, surpreendendo tanto funcionários soviéticos como franceses.

Xavier Gouyou-Beauchamps, o informador presidencial francês disse a jornalistas que a conferência adiada se realizaria na sexta-feira de manhã. Uma visita de Giscard D'Estaing a Borodino, a oeste de Moscovo, local da famosa batalha entre os russos e as tropas de Napoleão, marcada para sexta-feira, efectuou-se já ontem.

Contudo, a quarta série de conversações, marcadas para sábado de manhã pouco antes do dirigente francês regressar à Pátria, foi cancelada.

Ao ser-lhe perguntado se o estado de saúde de Brejnev fora a razão disso, Goyou-Beauchamps respondeu: «Não conheço a razão e não creio que seja essa».

A saúde de Brejnev, de 68 anos, secretário do P.C. soviético, há mais de uma década, tem sido, este ano, o tema de constante especulação, embora funcionários do Kremlin se tenham recusado a comentar notícias de que sofre de uma doença crónica.

O informador francês declarou que a alteração, ontem, dos planos fora solicitada pelo lado soviético, acrescentando que Brejnev telefonara de propósito ao presidente francês quando regressava de avião a Moscovo, após uma visita, feita de manhã, à propriedade onde viveu Leon Tolstoi, o famoso escritor russo do século XIX, situada ao sul da capital.

A mudança do programa significa que Giscard D'Estaing passará dois dos cinco dias da sua visita oficial a dar apenas passeios. Gouyou-Beauchamps desmentiu, porém, categoricamente sugestões de que a visita fora muito mal planeada.

«A visita foi muitíssimo bem organizada, mas aconteceu que ambos os lados anuiram com este adiamento» observou o informador do Palácio do Eliseu.

Giscard D'Estaing deverá agora travar duas séries de discussões com Brejnev, na sexta-feira. Fontes francesas disseram que as conversações teriam como tópico principal, como sucedeu no primeiro encontro, na terça-feira, a forma como os dois países tencionam cumprir o estabelecido na cimeira de Helsínquia, que se realizou no Verão passado, sobre contactos entre o Leste e o Oeste.

Um dispositivo de «biofeedback» permite captar electricamente tensões musculares no corpo e transformá-las em imagens e sons, para que a pessoa que está a submeter-se a semelhante experiência possa verificar a intensidade relativa dessas tensões e, com alguma prática, controlá-las, de forma a atingir um certo estado de relaxamento. (Telefoto U.P.I.-Telimprensa).

JULGAMENTO DE 33 GREGOS INCLUINDO PAPADOPOULOS

ATENAS, 16 — (R) — Um severo dispositivo de segurança está hoje em vigor perto da capital da Grécia por causa do julgamento de 33 gregos, incluindo o antigo presidente George Papadopoulos, por acusações relacionadas com os recontros junto da Escola Politécnica de Atenas, em Novembro de 1973, quando 34 pessoas perderam a vida e mais de mil ficaram feridas.

Guardas e gendarmes, fortemente armados e dispondo de carros blindados, acham-se na penitenciária de Korydallos, a dez quilómetros ao Sul de Atenas, onde se efectua o julgamento perante um tribunal civil de cinco juízes.

As acusações incluem as de homicídio premeditado, tentativa de homicídio, de causar graves lesões corporais e de prisão ilegal.

Entre os réus incriminados de homicídio premeditado encontram-se o ex-presidente e o major-general reformado Dimitrios Ioannides, o homem forte do regime militar deposto. Os dois estão sujeitos a serem condenados à pena capital.

Papadopoulos foi sentenciado à morte, em Agosto último, por acusações de alta traição e insurreição, relacionadas com o golpe de Estado de 1967, mas o Governo anunciou que comutará a pena em prisão perpétua.

Os réus foram presos poucos meses depois da restauração da democracia na Grécia, em Julho de 1974, e têm estado presos na penitenciária de Korydallos aguardando julgamento.

O Governo decidiu realizar o julgamento num grande recinto da prisão, cuja transformação em sala de audiências custou cerca de 850 contos, para evitar manifestações e o risco de simpatizantes tentarem libertar os acusados.

A incriminação diz que os incidentes começaram na Escola Politécnica quando o regime militar pediu a intervenção de tropas e de tanques para expulsar cerca de 5000 estudantes e trabalhadores, que se tinham barricado dentro do estabelecimento de ensino, exigindo a demisssão dos governantes militares.

Declara ainda que Papadopoulos, na sua capacidade de presidente da República, chamara o Exército após a Polícia não ter conseguido resolver a situação, e ordenara o emprego de armas contra manifestantes desarmados, o que teve como resultado muitos deles serem mortos ou feridos.

Entre os réus encontram-se sete generais reformados, incluindo o então comandante-chefe das Forças Armadas, general Dimitrios Zagorianakos.

Cerca de cem testemunhas de acusação e mais 80 de defesa deverão depor, durante o julgamento, que se espera dure várias semanas.

LIBERTADOS PELA ESPANHA 16 SOLDADOS MARROQUINOS

MADRID, 16 — (F. P. e R.) — A Espanha libertou ontem 16 soldados marroquinos, aprisionados na área do Saará Ocidental, administrado pelos espanhois, em 22 de Julho último, segundo anuncia a agência noticiosa Cifra.

Num telegrama de El Aaiun, a capital da colónia no deserto, rica em fosfatos, a Cifra diz que os marroquinos foram entregues na fronteira norte do território ao adido militar espanhol acreditado em Rabat, que, por sua vez, os passará às autoridades militares marroquinas.

A libertação dos prisioneiros segue-se a uma recomendação feita anteontem pelas Nações Unidas para que ao povo do Saará Ocidental seja permitido decidir sobre o seu próprio futuro.

O território actualmente administrado pela Espanha, que se comprometeu a descolonizá-lo, é reivindicado por Marrocos e pela Mauritânia, os países vizinhos.

POETA CANDIDATO A SECRETÁRIO-GERAL DA O N U

Ontem, em Madrid, o poeta e filósofo catalão Liberto Gimeno anunciou que se candidatará ao lugar de secretário-geral das Nações Unidas.

O poeta apresentou já as grandes linhas programáticas da sua actuação caso seja escolhido: «Tomar o partido da humanidade, fundamentando-se numa concepção biológica e psicológica do Universo para fazer com que reine a paz e a harmonia entre os povos».

Enquanto espera pela sua eventual eleição, Liberto Gimeno mostra igualmente ambições políticas de âmbito nacional, pensando fundar uma associação política «libertocrata» assente na ciência «parademocrática da libertocracia, que evite às democracias orgânicas e inorgânicas degenerarem em demagogia, segundo o esquema de Aristóteles».

Para sobreviver o candidato a secretário-geral da ONU está entretanto, a fazer a promoção nas livrarias de duas obras suas, uma de poesia e outra de máximas filosóficas.

DETIDAS 10 PESSOAS

BILBAU, 16 — (A. N. O. P.) — A Polícia espanhola anunciou ter detido ontem dez pessoas suspeitas de pertencerem à ETA, apreendendo 23 quilos de explosivos, detonadores e duas pistolas, bem como três copiadoras e grande quantidade de propaganda separatista basca.

Um dos detidos, identificado como Angel Bilbao Urruticoechea, é acusado pela Polícia de ter abrigado Pedro Ignacio Peter Boetegui «Wilson» e José Ignacio Mugica Arregui «Ezquerra», dirigentes da ETA actualmente presos e aguardando julgamento.

RECURSO À LUTA ARMADA ENTRE AS FORMAS DE LUTA DE CLASSES

SOFIA, 16 — (FP) — A tomada do poder pela via pacífica não exclui, para os partidos comunistas nos países capitalistas, o recurso à luta armada — afirma nomeadamente a revista teórica do P.C. Búlgaro «Novo Vreme», que retoma assim pelo seu lado as teses expressas em Agosto por Constantino Zaradov, na «Pravda», órgão central do P.C. Soviético.

«Se os partidos comunistas desejam conduzir a Revolução nos seus países por meios pacíficos» — escreve Dimiter Mitev, num artigo citado ontem pela agência de Imprensa búlgara B.T.A. — «deveriam estar prontos a usar todas as formas da luta de classes, inclusivé a luta armada, porque as classes reaccionárias não renunciam à resistência armada quando se encontram politicamente isoladas e num impasse total.»

No momento em que prosseguem os trabalhos preparatórios da Conferência dos P.C. europeus, o autor debruça-se neste artigo «sobre alguns problemas da estratégia e tácticas do movimento comunista à luz da experiência chilena».

«Podemos dificilmente estar de acordo com o argumento de que a maioria dos partidos comunistas nos países capitalistas seria favorável a uma via conducente ao desenvolvimento revolucionário pacífico. Seria mais correcto dizer que a maioria deles é favorável a um desenvolvimento revolucionário por etapas.»

«Que este desenvolvimento seja pacífico ou não» — continua Dimiter Mitev — «é um problema que não depende unicamente dos comunistas (...). Na sua luta política, o movimento comunista propõe-se aproveitar todas as oportunidades democráticas e constitucionais que lhe oferece a sociedade burguesa.»

A revista «Novo Vreme» conclui que «tornar absoluta a via pacífica do desenvolvimento revolucionário cria ilusões de legalidade entre as forças revolucionárias e as massas, predispondo-as assim ao uso exclusivo das formas legais de luta, em vez de aplicar no momento apropriado todas as formas da luta de classes, o que é em realidade a política do movimento comunista internacional».

Caleidoscópio

■ PARIS, 16 — (R.) — Produtores de petróleo e os seus consumidores industriais e países em desenvolvimento aprovaram a noite passada uma declaração conjunta abrindo o caminho para uma conferência ministerial a alto nível que terá lugar em Paris, em 16 de Dezembro — declararam funcionários franceses.

O acordo foi alcançado após três dias e três noites de árduas conversações preparatórias envolvendo os Estados Unidos, Japão e o Mercado Comum Europeu pelos países industrializados, assim como a Argélia, o Irão, a Arábia Saudita, a Venezuela, a Índia, o Brasil e o Zaire pelos produtores e Terceiro Mundo.

NAIROBI, 16 — (R.) — John Marie Seroney e Martin Shikuku, dois dos principais críticos do Governo do presidente Jomo Kennyata do Quénia, foram colocados sob detenção, após terem sido presos, sob a ameaça de armas de fogo, ontem, à noite, no edifício do Parlamento.

■ CAMBERRA, 16 — (R.) — A crise política australiana agudizou-se hoje quando o Senado bloqueou duas leis orçamentais, privando o Governo trabalhista do primeiro-ministro Gough Whitlam de fundos para continuar com a administração do país.

■ NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 16 — Anop) — Uma missão de inquérito das Nações Unidas acusou o Governo militar do Chile de utilizar a tortura em larga escala como instrumento político.

Segundo um relatório apresentado à Assembleia Geral das Nações Unidas, os oficiais da segurança chilena estão a receber treino especial para a utilização de métodos de tortura, os quais lhes são apresentados como uma «nova ciência».

O relatório inclui os nomes de centenas de chilenos que desapareceram sem deixar rasto e menciona doze oficiais de segurança que torturaram presos políticos.

As torturas efectuadas incluiam a violação de mulheres, muitas das quais acabaram por morrer, vítimas da brutalidade dos agentes.

A Junta chilena recusou-se a autorizar a comissão a entrar no país para efectuar as suas investigações.

■ SÃO JOSÉ (Costa Rica), 16 — (Anop) — Um tribunal militar da Nicarágua anunciou que vai julgar 35 presumíveis militantes da organização clandestina Frente Sandinista de Libertação Nacional (F.S.L.N.).

O tribunal foi constituído pouco depois de um comando sandinista ter ocupado em Dezembro de 1974 uma luxuosa residência governamental em Managua e de ter conseguido em troca dos reféns que fez a libertação de um grupo de presos políticos.

BARÓMETRO SEXUAL

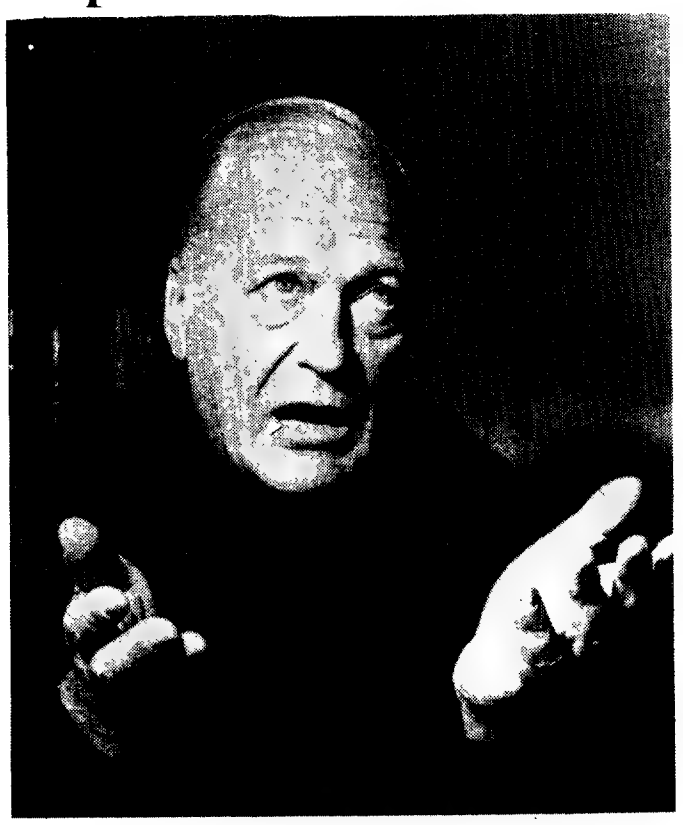
. NOVA IORQUE, 16 — (FP) — As flutuações do índice Dow Jones têm influência na actividade sexual dos aplicadores de capitais — afirmam dois psicólogos norte-americanos num artigo publicado pela revista «New York».

O índice Dow Jones é o barómetro da evolução na bolsa das 30 companhias industriais norte-americanas mais importantes.

Quando desce — observaram Paul e Ann Frish, que dão consultas há 27 anos — os seus padecentes activos no mundo financeiro tendem frequentemente a tornarem-se impotentes.

Os dois psicólogos pensam que as suas observações são demasiado concretas para serem coincidências. Também observaram que as fraquezas do índice empurram os financeiros à infidelidade conjugal e até ao uso de marijuana.

Espectáculos



BISMARCK (CURD JURGENS) ESTA NOITE NA TELEVISÃO

Diz o seguinte a promoção que nos enviou a RTP sobre o episódio de hoje de «A Queda das Águias»:

. «O «Honesto Agente» («The Honest Broker») é o terceiro episódio da série «A Queda das Águias», que a RTP está a apresentar todas as quintas-feiras, às 22 horas.

«A acção decorre em 1887, na altura em que Guilherme II, imperador da Alemanha, está já com 90 anos.

Bismarck o «honesto gente» da Europa, pretende a todo o custo a paz, através de um complicado sistema de tratados internacionais. Ele próprio um velho, opunha-se a quaisquer aventuras expansionistas. Não estava de acordo com a Áustria, que queria ainda sonhar com o império; tinha a certeza de que a Alemanha nunca poderia manter uma guerra em duas frentes. Desejava sim o apoio da Rússia, As suas preocupações voltavam-se para a cabeça coroada. Com o apoio de Vicky continuava à espera de poder ocupar o trono e liberalizar a Alemanha.

«Esta a linha de rumo deste episódio, no qual sobressai o papel desempenhado por Curd Jurgens na inesquecível f i g u r a do chanceler Bismarck. A realização pertence a David Cunliffe.»

TEATRO

SUBSÍDIOS E ELEIÇÕES

Voltam as dores de cabeça à Companhia de Teatro Cornucópia, já que, segundo um texto que nos enviaram, «ainda não atribuídos os subsídios de Outubro, e não estando a Companhia interessada em depender da bilheteira, se ignora até quando poderá permanecer em cena».

Este «permanecer em cena» diz respeito à peça «Os Pequenos Burgueses», de Máximo Gorki que, pelos vistos, **por enquanto** se mantém em cena, no Teatro do Bairro Alto, Rua Tenente Raul Cascais 1, A-B, todos os dias, às 21 e 15, e com matinées aos sábados e domingos, às 16 e às 18 e 30, respectivamente.

Norberto Barroca

Glicínia Quartim

Carmen Dolores

CASA DA COMÉDIA: VITÓRIA DA LISTA «A»

Realizou-se na sede do Clube de Teatro Casa da Comédia, na Rua S. Francisco de Borja, 24, uma Assembleia Geral de Sócios, que se iniciou 30 minutos após a hora marcada na 2.ª convocatória de 29 de Setembro de 1975, para que o número de sócios presentes tivesse fins deliberativos.

Segundo pontos previstos na mesma convocatória, foram apresentadas listas e respectivos programas e procedeu-se à realização de eleições, tendo sido aprovada com 89 por cento dos votos, a lista A, apresentada pelo Grupo de Trabalhadores de Teatro da Casa da Comédia, e constituída por: Carmen Dolores, Glicínia Quartin, Norberto Barroca, José Morais e Castro, Armando Soares, Regina Escudeiro, Rui Santana de Brito e José Carlos Lucas.

OS MILHÕES DE BURTON E LIZ DÃO PARA BRINCAR AOS CASAMENTOS...

O telegrama da Reuter que, em seguida, publicamos, dá-nos conta do re-casamento de Richard Burton e Liz Taylor. Há quem veja, neste reencontro, uma «decisão feliz do destino». Há, por outro lado, quem diga que só pode brincar assim aos casamentos quem é «dono do Mundo» Milionários ambos, com três e seis casamentos às costas, respectivamente, Burton e Liz passeiam os seus milhões por regiões onde esses milhões fazem falta a certos movimentos de libertação.

Enfim, deixemo-nos de divagações e vamos à notícia:

Richard Burton e Elizabeth Taylor voltaram a casar-se, na semana passada, numa vila remota no Norte do Botswa, segundo revelou o comissário distrital africano, Ambrose Masalila.

O comissário da região de Chobe disse à Reuter: «Casei Elizabeth Taylor e Richard Burton no meu gabinete, na sexta-feira passada».

Os Burton, que se divorciaram em 1974, após dez anos de casamento, reconciliaram-se em Agosto e estão a gozar uma segunda lua-de-mel na reserva de caça de Chobe, no Botswana.

As testemunhas do casamento foram dois funcionários brancos da reserva de caça de Chobe.

Depois do casamento, declarou o comissário Masalila, Burton, de 49 anos, e Liz, de 43, foram para o rio da vila tirar fotografias.

Os Burton têm agora um certificado de casamento passado pelo Governo do Botswana. Para um casal sempre à luz da ribalta, os dois não podiam ter escolhido uma região mais remota para se consorciarem.

A vila de Kasane, onde se celebrou a cerimónia de casamento, acha-se situada na remota fronteira triangular entre o Botswana, Zâmbia e Rodésia, a cerca de 80 quilómetros das cataratas de Vitória.

Os dois famosos astros têm passado a maior parte do tempo na reserva de caça, passeando a cavalo ou em Land-Rovers. A maioria dos visitantes ignora que eles lá se encontram.

Burton e Elizabeth chegaram à África do Sul em 25 de Setembro, para participarem num torneio de ténis entre celebridades em Joanesburgo. Seguiram, depois, de avião para a reserva da caça, em 29 desse mês. Espera-se que regressem a Joanesburgo amanhã ou na sexta-feira.

O actor galês e a «deusa» da tela, de olhos côr de violeta, natural de Londres, encontraram-se e apaixonaram-se, há 12 anos, quando iniciaram as filmagens de «Cleópatra». Após um «namoro», cheio de peripécias, a que se deu grande publicidade, casaram-se em 1964. Foi o segundo consórcio de Burton e o quinto de Liz.

CLINT EASTWOOD

UM FUGITIVO. UM LADRÃO. UM ENCONTRO. A AMIZADE. A CAÇA AO HOMEM. A FUGA. UM BANCO. UM CANHÃO. UM PLANO.

A ÚLTIMA GOLPADA

"THUNDERBOLT AND LIGHTFOOT"

COM JEFF BRIDGES

ÓSCAR-75 PARA O MELHOR ACTOR SECUNDÁRIO

e GEORGE KENNEDY

UM FILME ESPANTOSO!

REALIZAÇÃO DE MICHAEL CIMINO

PANAVISION COLORIDO

SÃO JORGE 25 ANOS

HOJE às 21.15 h

ESTREIA

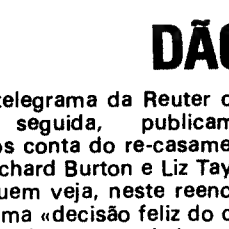
United Artists

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES MAIORES DE 21 ANOS

TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS SALA DE JOGOS



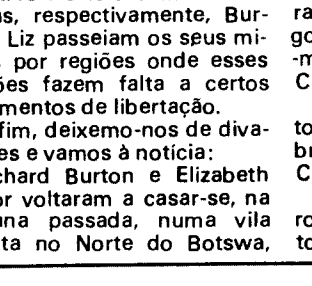
DA ROMÉNIA

MIHAELA

FAMOSA VEDETA DA CANÇÃO MIHAI

FOUR TALAS

MARIA JO com RAUL SILVA e NOBRE COSTA



BENTYBER DANCERS

FERRER TRINDADE e sua orquestra

"COMPLEX 4"

THO BANDEIRA and his group

KIM AND CYRILLE "STRIP-SHOW" SO NO WONDER BAR

SALÃO RESTAURANTE às 23,30 (não aconselhável m./18)

WONDER BAR à 1,00 (interdito a m. 18)

CONSUMO MÍNIMO (Tudo incluído)

Sábados 140.00 Restantes dias 120.00

JOHN DENVER O "MELHOR"

NASHVILLE (Tennessee) — John Denver, o cantor norte-americano que mais discos «pop» vende, ganhou o prémio de Artista do Ano, atribuído pela Associação de «Country Music».

«Back Home Again», interpretada por Denver, foi considerada a «Canção do Ano».

Waylon Jennings e Dolly Parton foram considerados os vocalistas masculino e feminino do ano.

Freddy Fender recebeu o prémio para o disco «single» do ano com «When the Next Teardrop Falls».

Pelo quarto ano consecutivo, Conway Twitty e Loretta Lynn ganharam o prémio para o melhor duo vocal, pelos seus êxitos, entre os quais se conta «Feelings».

O cantor Ronnie Milsap foi galardoado com o prémio para o melhor álbum do ano, com «A Legend In My Time».

Os «Statler Brothers» foram considerados o melhor grupo vocal, enquanto o guitarrista Roy Clark e o tocador de banjo Buck Trent receberam o prémio de grupo instrumental do ano.

Johnny Gimble, violinista há 30 anos, foi considerado o melhor instrumentista do ano.

«PLEXUS» HOJE

Hoje à noite (22 horas) o grupo de Jazz Plexus, regressa à Comuna, à Casa de Teatro da Praça de Espanha, para outro concerto.

Bilhetes a 20$00. Qualquer informação será dada pelo telefone 762624.

CANTIGAS NO CIRCO

Há circo no Martim Moniz. O único que neste momento se exibe em Lisboa. Chama-se «Circo do Povo» e é um circo pobre, mas honesto.

Palhaços, sim, animais, não. Mas tem cantigas. Tem, por exemplo, Fernanda de Sousa (na foto), revelada pela televisão portuguesa e que recentemente apareceu na rádio.

O Circo do Povo está aí, para quem queira. No Martim Moniz.

Televisão

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

"QUEM NOS DIVIDIR, ESTÁ DIVIDIDO DE NÓS"

«Em primeiro lugar queria saudar todos os camponeses do País, todos os operários agrícolas, pequenos e médios agricultores e um grande abraço para os camaradas metalúrgicos, que isto é uma luta que não é dos metalúrgicos, é uma luta que é nossa, é da gente todos. Quem nos dividir, está dividido de nós. O capitalismo é que nos quer dividir. As pessoas, a classe operária, os homens sérios, não são divididos seja por quem for. Nem pelo ministro do Trabalho nem pelos grandes exploradores que sempre nos exploraram e querem agora levantar trabalhadores contra trabalhadores. São esses, sejam ministros ou não sejam ministros. É o objectivo do capitalismo pôr trabalhadores contra trabalhadores, é explorar, aquilo que sempre nos fizeram. Nós, camponeses e metalúrgicos, e assim, todos os operários metalúrgicos ou não metalúrgicos que estão com a Revolução, não nos dividimos: a nossa luta é uma é uma única luta, é a luta da exploração do homem pelo homem, é a luta de bater o capitalismo, varrer o capitalismo, esteja ele onde estiver. Nós efectivamente temos muita confiança nos operários agrícolas, temos muita confiança nos pequenos e médios agricultores, todos esses homens estão com a Reforma Agrária. Temos muita confiança nos metalúrgicos e já disse, tenho dito várias vezes, os metalúrgicos já deram provas suficientes de que estão ao lado dos camponeses e estarão sempre, porque somos irmãos, passámos fome juntos, fomos explorados pelo mesmo inimigo comum, o capitalismo, o fascismo. É esse que nos explorou e quer continuar-nos a explorar, dizendo ainda alguns que são democratas e que são socialistas...

«Eu digo: onde é que está esse socialismo? Socialismo para explorar os trabalhadores? Socialismo para pôr trabalhadores contra trabalhadores? Isso não é socialismo, isso é burguesia! A burguesia, os operários unidos dizemos **não**! E estamos dispostos a estar unidos não aqui, mas sempre, onde quer que for.

«Não é a primeira vez que estamos unidos. Amanhã, se for necessário, viremos todos prá rua, pequenos e médios camponeses, operários agrícolas tanto do distrito de Santarém que representam vinte mil sócios, como trinta mil sócios de Beja, como vinte e cinco mil sócios de Évora, como vinte mil sócios de Portalegre. Nós estamos unidos. E não só isso: os operários agrícolas temos dado exemplo de fome, de miséria, temos estado às catorze, às quinze, às dezasseis, às dezassete semanas sem receber ordenado, e estamos a estar mais tempo. E não só isso: as propriedades ocupadas de alguns dos senhores, que alguns senhores do Governo chamam ocupações selvagens, eu digo: os operários agrícolas não são selvagens, não são ladrões. São selvagens a burguesia e o capitalismo que nos acusa. Sempre vivemos na miséria e querem continuar a explorar-nos e por isso nos fazem esses acusamentos.

«Quem diz essas palavras, sejam eles quem for, é o capitalismo, é a burguesia, são os que defendem a classe exploradora e não a classe explorada.

«Portanto, eu quero fazer um apelo a todos os trabalhadores do País, todos os progressistas: quem quiser a Reforma Agrária, está ao lado dos camponeses, quem não quiser a Reforma Agrária está ao lado do capitalismo e ao lado do fascismo.

É isto que muitas pessoas ainda não viram. Ainda há muitas pessoas que se põem ao lado do capitalismo mas estão enganados. Nós estamos unidos sempre, os camponeses e os metalúrgicos pela Reforma Agrária.

«Nós estamos, custe o que custar, a trabalhar de noite e de dia. De dia, a explorar os nossos próprios braços, e de noite a guardarmos as propriedades que já estão controlados pelos camponeses.

«Um abraço a todos os metalúrgicos. Nós estamos de mãos dadas com eles para tudo o que for necessário».

(Jerónimo Bom, do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Santarém na emissão em que os metalúrgicos e camponeses desmascararam a «habilidade» canhestra do ministro do Trabalho).

AGÊNCIAS DE IMPRENSA

Continuação da pág 12

Entre os interessados, há, em primeiro lugar, as grandes empresas industriais, e, nos últimos tempos, as sociedades multinacionais, como pudemos constatar na informação sobre a crise da energia. É verdade que os correspondentes da Reuter no Ghana devem consagrar certa parte do dia de trabalho às informações relativas à bolsa do cacau e transmiti-las directamente à agência. No momento do encerramento da bolsa de Wall Street, todas as linhas da agência devem estar livres para receber esses números.

O redactor chefe da Reuter, Brian Horton, escreveu a este respeito: «... a rede de computadores na Europa, que, graças à sua rede mundial, a Reuter tem em dia é um auxiliar indispensável do mercado comercial... o cliente de Dusseldórfia pode assim receber imediatamente informações sobre as cotações da bolsa de Nova Iorque, Tóquio ou Londres. Há mais de 20 mil terminais no mundo inteiro, que permitem contactar treze bolsas na Europa e outras de além-mar».

O serviço económico da AP Dow Jones emprega noite e dia em todos os centros do mundo económico quatro mil jornalistas. O jornal alemão ocidental «Industriekurier» escreve a este propósito: «Há muito que se compreendeu nos EUA até que ponto é importante este meio de comunicação, cuja tecnologia de informação é plenamente utilizada nas empresas. Sem as informações imediatas, sem o «clearing», os mercados livres seriam menos capazes de operar com ligeireza... Para realizar lucros e impedir as perdas, há que poder decidir muito rapidamente de modo que é impossível passar sem os **telex**».

As agências de Imprensa imperialistas colocam-se assim plenamente ao serviço dos meios económicos que podem reforçar a sua corrida aos lucros por meio de uma rede mundial de informação. Participam no desenvolvimento que conduz a uma nova concentração e centralização do capital nos Estados imperialistas. Se a situação foi bem compreendida, transformaram-se, no decurso deste processo, em imensas secções de informação das elites monopolistas de Estado, cuja tarefa principal consiste em representar cada vez mais os interesses ideológicos dos seus financiadores. Sem estas premissas, não se poderia compreender por que é que as agências dos países imperialistas subestimam as contradições sociais. As greves e as outras formas de luta de classes são consideradas de modo parcial e não encontram na informação um lugar mais importante do que o necessário para informar o mundo económico ou para desdobrar os argumentos ideológicos a favor dos patrões.

PASTA MEDICINAL Couto
TRATA AS DOENÇAS DA BOCA
USE-A 3 VEZES POR DIA

CENTRO DE PRODUÇÃO Teatro Maria Matos
ÚLTIMA SEMANA
«LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO»
de Miguel Franco
Bilheteira — Tel. 89 70 17
ABEP — Telef. 32 88 23
Não acons. a menores de 13 anos

BATAS ESCOLARES
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA - Dep. Confecções
Av. João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — Lisboa

Aumente as suas vendas
Distribua...
BALÕES PUBLICITÁRIOS
Fábrica Nacional: LATEX - DOURO, LDA.
R. Central Francos, 779
Telef. 65370 — PORTO

INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DE COIMBRA
(FINALISTAS)

CONVOCATÓRIA

Considerando:

1 que as Pequenas e Médias Empresas estão em crise,

2 que elas te pediram apoio através do IAPME e da APC;

Comparece na reunião de dia 17/10/75 às 15 horas na sala de reunião do ISCA.

ORDEM DE TRABALHOS

I — Informações;

II Formas de apoio à pequena e Média Empresa conforme conversações havidas entre o IAPME e a APC;

III Integração dos finalistas na APC.

NÃO FALTES

AJUDA A PEQUENA E MÉDIA EMPRESA, MESMO NUM MINUTO QUE SEJA.

Hoje

«A Queda das Águias»

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **«Nodi Vai para a Escola»** — desenhos animados.
19.25 **Momento Desportivo**
19.55 **TV Palco** — panorama teatral português pelo actor Igrejas Caeiro.
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.05 **Temas e Problemas**
21.30 **«A Queda das Águias»** — um telefilme produzido por Stuart Burge para a B.B.C. e «Time-Life Films» — 3.º episódio — «O Honesto Agente» — realização de David Cunlife. Intérpretes: Curt Jurgens, Gemma Jones e Barry Foster.
22.30 **Falar de Educação**
23.00 **Telejornal** — 3.ª edição
23.15 Fecho

II PROGRAMA

21.00 **Expedição**
21.30 **Telejornal** — em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30.
22.00 **«Serviço Especial»** — série policial com George Sewell, Roger Rowland e Patrick Mower.
22.45 **Impacto** — um programa dos trabalhadores da Planigrafe.
23.15 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

«A Queda das Águias» (21.30)

II PROGRAMA

Série Policial — «Serviço Especial» (22.00)

Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período — 12.45: Abertura e Saber não Faz Mal; **13.00:** Stop — programa da Prevenção Rodoviária Portuguesa por Joaquim Filipe Nogueira; **13.15:** Telejornal — 1.ª edição; **13.30:** 24 Horas na Vida de uma Cidade — Alfama de dia; **14.00:** Fecho. **2.º Período — 19.00:** Ver e Pensar; **19.30:** !O Perigo é a Minha Profissão»; **20.00:** Relatório; **20.30:** Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro; **21.00:** Afinal como é?; **21.30:** Música, Música! — um programa em que coexistem a música clássica e a música ligeira; **23.00:** Telejornal — 3.ª edição; **23.20:** Fecho.

II PROGRAMA

21.00: Abertura e 24 Horas na Vida de uma Cidade — Alfama de dia; **21.30:** Telejornal — em diferido a edição transmitida às 20 e 30 no I Programa; **22.00:** Noite de Cinema — «A Venus Loira» — com Marlene Dietrich, Gary Grant, Herbert Marshall. Realização de Joseph von Sternberg. Ano de produção: 1932; **23.40:** Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

Com toda a franqueza

Por NEVES DE SOUSA

A escalada para Viseu

Em Viseu, concluíu-se a actividade, nesta temporada, da «Com ssão Pró-Cicl smo do Amanhã», grupo de magníficos entusiastas pela modalidade do pedal que conseguiram à custa de uma torrente de esforços, modificar a ideia que muito boa gente tentava implantar e era perfeitamente contrária à verdade do que representa, ao menos em plano de grande aceitacão popular, essa disciplina desportiva que é oferecida porta a porta, a centenas de milhares de entusiastas, sem despenderem um só centavo ou (mesmo), sem abandonarem a porta da sua residência, quase a poderem tocar ali nas «vedetas» da bicicleta.

Perto de 370 concorrentes estiveram, agora, na despedida viseense: o passado, o presente e o futuro passearam de mãos dadas, em manifestação de força que nenhum funcionário oficial, por mais bem ou mal intencionado que seja, pode desconhecer. Foi o corolário dos 27 festivais com que a «Comissão Pró-Ciclismo do Amanhã» replicou ao ostracismo governamental que esteve na base da proibição» da «Volta a Portugal» e, em contrapartida, na passeata inglória e pitoresca a terras da Bulgária...Graças a Deus que, em rebate de consciência (um pouco tardio, acrescente-se...lá apareceu, do dinheirinho público, um subsídiozinho para o fomento ciclista, talvez «roubado» a modalidades muito mais prioritárias (o badminton, por exemplo...) que foi uma espécie de compensação moral para o trabalho insano dos homens que lutaram (e venceram) contra a maré.

Foram 21 festivais, quase de Norte a Sul do País. Movimentaram-se perto de seis mil crianças, dos 3 aos 16 anos. Ate que, nada mais podendo fazer para a implantação de um ponto de vista destituído de objectividade e bom senso, lá apareceram uns 40 contitos destinados a auxiliar a deslocação de duas centenas de moços ciclistas, que, da cintura lisboeta ou da capital, viajaram até Viseu, à grande festa-epílogo com que caiu o pano sobre algumas más vontades, e muito entusiasmo a terçar armas.

E, lembrando-me o que foi dito nas barbas de um (efémero) responsável pelo Desporto português, em recente «encontro» de modalidade praticada por alguém muito querida, fica-se a pensar se o subsídiozinho não teve segunda ideia. É que, no tal conclave a que me refiro, foi proclamado, alto e em bom som, que certa modalidade, apenas não entrara em Bragança, Guarda, e Viseu «porque, aí, nem a Direcção-Geral dos Desportos entrou».

Seria por isso, como que atirando um rebuçado ao miúdo renitente, que apareceu o dinheirito para a festa em Viseu?

Boletim Boletim Boletim Bo

FUTEBOL PORTUGUÊS EXCURSIONA

A ideia partiu do empresário José da Gama, bem conhecido de clubes portugueses e brasileiros: uma digressão de duas selecções nacionais de futebol pelo continente americano, durante a pausa no campeonato cá da terra. Jogos previstos em vários países: Venezuela, Colômbia, Equador, Perú, Argentino, Paraguai, Bolívia e Brasil, com a «tournée» a principiar no dia 5 de Janeiro e a concluir-se cerca de três semanas mais tarde. Viagem e estadia paga para 46 pessoas. Negócio em boas condições, com um óptimo «cachet» para cada exibição dos grupos portugueses: coisa como 800 contos por cada exibição que os «teams» preparados por José Maria Pedroto efectuarem. Agora, a última palavra pertence à Comissão Técnica da Federação, que vai estudar detalhadamente o convite.

E, por falar em selecções, há que citar ter-se processado ontem (nas Antas) novo treino dos grupos federativos. Estiveram em acção 31 jogadores, que esgrimiram entre si, com golos e corridas para todos os gostos. Faltaram (por lesão) os benfiquistas Vitor Martins e Jordão, além do belenense Pietra. Quanto à vinda de Humberto Coelho, ela está em equação, pois nem uma só das companhias de seguros já contactadas se apresenta disposta a aceitar as condições exigidas pelo Paris St. Germain, pela cedência do seu (caro) futebolista. De facto, o clube francês está no pleno direiito de pedir: 600 contos por cada jogo desta temporada em que, vítima de eventual lesão ao serviço da selecção portuguesa, Humberto Coelho não der o seu concurso ao «team» parisiense, fora outro seguro no valor total de 15 mil contos na hipótese de lesão impeditiva para o futebol. Haverá nisto um pouquinho de exagero? Conseguirá encontrar-se uma plataforma conciliatória ou Pedroto irá abdicar de um «imprescindível» que não pode treinar?

ESTRITAMENTE CONFIDENCIAL

Segundo fonte afecta ao grémio de Alvalade, está dada como certa a reaparição do defesa Laranjeira no primeiro jogo do Sporting para o «nacional», depois do interregno que se vai verificar para a «campanha internacional da nossa selecção». Por outro lado, o massagista Manuel Marques começa a admitir que o jovem Palhares sofre mesmo de lesão meniscal. E, como não há duas sem três, aqui fica mais uma novidade leonina: Juca prepara-se para lançar no primeiro «team» um ex-junior de valor, que actua como defesa-médio.

EVENTUALMENTE CHOCANTE

Muito trabalho vão ter os funcionários federativos nestes próximos dias: por encomenda do Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, muitas cartas vão ter que escrever para meter no correio. Só repreensões por escrito são 21, para clubes ou jogadores das três divisões nacionais. E as advertências, são inúmeras.

Carlos Silva e o «plantel» do Atlético: que dirá o jogo na Luz?

Mas vamos ao mais importante: Castro (Desportivo da CUF) foi punido com dois jogos de suspensão; Martinho (do Académico) tem um jogo de suspensão; houve advertências para Artur (Benfica), Florival (Tomar) e Mário João (Boavista); o Sporting de Braga foi multado em 1000$00 por **comportamento incorrecto de parte do seu público;** o Vitória de Setúbal, multado em 500$00 por **demora na entrada em campo, no que é reincidente;** o C. F. Os Belenenses sofre repreensão por escrito por ter derrotado o Benfica, perdão por **demora de entrada no campo.**

No que diz respeito ao inquérito aos incidentes no jogo Atlético-Sporting, ele já foi apreciado tendo o douto conselho resolvido transformá-lo em «Processo disciplinar».

A Associação de Futebol de Setúbal divulgou uma lista de castigos de onde ressalta a de 5000$00 ao Vitória, ao Desportivo da Cuf e ao Barreirense por não terem participado na prova do Campeonato Distrital de Reservas. Numa altura em que os clubes se queixam de que os seus jogadores não têm jogos para efectuar, não há dúvida de que estes castigos chegam na altura própria...

A turma feminina de voleibolistas do Ginásio Clube Vilacondense desistiu do campeonato portuense de seniores (2.ª divisão), ficando sem efeito os jogos em que participara.

ONTEM

Dois golos de Abel e um de Rui Lopes, contra um tento de Campinense, fizeram o desfecho do desafio de ontem, em Guimarães: Vitória, 3-First Portuguese, 1.

PORTUGAL

Foi esta manhã a enterrar aquele que, durante alguns anos, foi dirigente do Comité Olímpico Português e se chamou Raul Worn. Chefe de missão da comitiva portuguesa que esteve presente nos Jogos Olímpicos do México, completava a representação nacional que, hoje mesmo, inaugura a 6.ª Assembleia dos Comités Olímpicos Europeus.

Tinha 67 anos e faleceu subitamente, na 3.ª-feira à noite, quando saía de um cinema.

A família enlutada os sentidos pêsames do «D.L.».

Mudança nos comandos futebolísticos do Casa Pia: dados os recentes maus resultados da turma, a culpa foi atirada sobre o treinador Júlio Lopes, que cede o posto a Domingues. Por seu lado, caso idêntico ocorreu em Aveiro: o técnico Frederico Passos saiu do Beira-Mar e, como estava previsto, o lugar passou para a posse de Fernando Vaz.

Fernando Peyroteu, legenda do futebol português, encon-

Continua na pág. 17

AUTOMOBILISMO: VOLTA AO ALGARVE

Termina hoje o prazo de inscrição para a 5.ª Volta ao Algarve, organizada pelo Racal Clube, de Silves, que pretende, em plena época baixa do turismo, chamar a atenção para o Algarve nos meios internacionais.

Está prevista a participação de diversos pilotos estrangeiros de varias nacionalidades, alguns dos quais já fizeram o reconhecimento do percurso e, naturalmente, da maior parte dos pilotos portugueses.

Este ano a Volta ao Algarve conta com uma mini-volta pontuável para o Campeonato de Promoção. Para esta prova as inscrições terminam no dia 21 do corrente.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 7, DE 19 DE OUTUBRO DE 1975

O Algarve, 1x2 111 11x 121x; Auto-Rádio, 111 1x1 1x1 x111; Badaladas, 11x 221 12x 1211; Barlavento, 1xx 1x1 1x2 1212; Sporting, 1x1 xx1 11x xx1x; Boletim Desportivo, 111 111 111 1111; Cardeal Saraiva, 1x1 1x1 1x2 2x11; A Comarca de Arganil, 111 1x1 1xx 2111; Cavalgada do Ritmo, 1x1 111 12x x211; Estação Rádio da Madeira, 1x1 x11 112 xx11; Música e Desporto, 1x1 1x1 1x1 2x11; O Comércio de Leixões, 111 111 11x 2x11; O Concelho de Estarreja, 1x1 1x1 11x 2x11; Correio dos Açores, 111 1x1 112 2x11; Correio de Coimbra, 1x1 111 111 2x11; Ecos do Desporto, 1x1 xx1 11x 221x; Correio do Vouga, 111 111 111 1x11; A Defesa, 1x2 1x1 1x2 1x11; Às 10 esperam por nós, 1x2 xx1 11x 22xx; Diário de Coimbra, 111 111 111 xx11; Diário de Lisboa, 1xx 1x1 1xx 221x; Ecos de Cacia, 1x2 111 111 x11x; Estrela da Manhã, 1xx x11 111 2211; Eu Sei Tudo, 111 x21 112 x111; Estúdio 64, 111 x11 112 2x1x; Folha do Domingo, 11x x21 11x 1211; Dos fracos não reza a história, 12x 1x1 121 xx11; Gazeta das Caldas, 11x 121 1x1 121x; Madrugada, 1x2 x11 11x 22xx; Movimento, 111 1x1 112 221x.

Jornal Desportivo, 11x 1x1 112 2211; Jornal da Beira, 1x1 xx1 111 12x1; O Jornal de Felgueiras, 11x 1x1 1xx 1x11; Jornal da Graça, 111 111 111 1211; Jornal de Sintra, 1xx 1x1 11x 2x1x; Jornal de Lafões, 1xx 121 11x 111x; Notícias de Viseu, 1xx 121 11x 111x; O Mensageiro, 111 xx1 1x2 xx11; Linhas de Elvas, 121 xx1 111 x11x; Litoral, 111 1x1 xxx 2211;

Maria da Fonte, 111 1x1 112 2211; Miscelânea Musical, 12x 2x1 11x 1x21; Montra do Êxito, 12x 112 x12 11x2; Mundo Desportivo, 111 1x1 1xx 2211;

Música e Desporto, 12x 221 1x2 1x21; O Norte Desportivo, 111 1x1 11x x21x; Notícias de Évora, 111 111 11x x21x;

Notícias de Felgueiras, 11x 1x1 11x xx1x; Notícias de Gouveia, 1x1 1xx 1xx 2x11; Placard Desportivo, 11x x11 1x1 1x1x; Presença Coimbrã, 111 1x1 11x 2x1x; Programa da Manhã, 121 22x 111 x121; Programa Sem Nome, 111 111 1xx 2111; Quadrante Desportivo, 111 111 1xx 1x1x; Quadrante Norte, 111 121 112 xx11; Rádio Altitude, 111 111 11x x211; Panorama, 11x 1x1 12x x111; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Reconquista, 1x1 1x1 1xx 111x; Renovação, 111 12x 112 221x.

Repórter do Dia (Angola), 121 1x1 11x 1x11; Resenha Desportiva, 1xx 1xx 1x2 2x1x; Encontro Musical, 121 1x1 1x2 2111; Só Rádio, 1x1 x11 1x1 22x1; A Voz das Beiras, 121 11x 111 xx11; A Voz do Casa Pia, 1x1 1x1 11x xx1x; A Voz do Domingo, 1xx 111 112 111x; Voz de Lamego, 121 121 11x 2x11; A Voz dos Ridículos, 111 111 1x1 xxx1; Tudo Pode Acontecer-1, 1x1 1x1 112 x211; Tudo Pode Acontecer-2, 11x 111 11x 1211; Tudo Pode Acontecer-3, 1x1 xx1 112 x211; Tudo Pode Acontecer-4, 12x 211 112 12xx; Tudo Pode Acontecer-5, 1xx xx1 11x x211; Alvo Desportivo, 111 111 111 2211; Clube do Ar, 1xx 1x1 1xx 1111; O Comércio do Porto, 1x1 1x1 111 1111; Diário do Porto, 111 111 11x x111; Jornal de Notícias, 1x1 1x1 11x x211; O Primeiro de Janeiro, 111 1x1 1x2 xx11; Rádio Alvo, 11x 1x1 11x xx11; Rádio Sports, 111 111 111 2111; Ritmo e Amizade, 111 1x1 11x 1111.

	RESUMO			BOLAS			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. BELENENSES-FARENSE	83	0	0	12	1	1	
2. ACADÉMICO-BRAGA	40	32	11	6	5	1	
3. UNIÃO TOMAR-CUF	53	25	5	7	4	1	
4. PORTO-SPORTING	62	16	5	9	2	1	
5. SETÚBAL-BOAVISTA	29	43	11	4	7	1	
6. GUIMARÃES-LEIXÕES	77	5	1	10	1	1	
7. ESTORIL-BEIRA MAR	81	2	0	11	1	1	
8. RÉGUA-UNIÃO LAMAS	55	24	4	8	3	1	
9. SANJOANENSE-VARZIM	22	39	22	3	6	3	
10. PENAFIEL-FAMALICÃO	27	27	29	4	4	4	
11. UNIÃO MONTEMOR-ORIENTAL	21	32	30	3	5	4	
12. MARITIMO-CALDAS	73	7	3	10	1	1	
13. OLHANENSE-PORTIMONENSE	55	26	2	8	3	1	

a) Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:

111 1X1 11X 2X11

Desporto

Continuação da pág. 16

tra-se em Portugal, vindo de Angola, onde desempenhava um cargo no Conselho Provincial de Educação Física e Desportos.

Na hipótese de terminar o ciclismo profissional no Benfica (decisão a tomar na assembleia geral da colectividade, marcada para 24 do corrente) é quase certo que Fernando Mendes ingressaria no Sporting, onde também deve entrar o jovem José Martins, em face da Coelima ter desistido das práticas ciclistas profissionais.

Um regresso ao grupo do Farense: vindo de África, aí está Manuel Fernandes que, ao lado de um defesa do Sporting de Huambo (Mário Jorge) se inscreve nos planos próximos de Pedro Gomes.

O Sporting triunfou no Torneio de Abertura» para lutadores dos escalões de juniores e «esperanças». Competiram 32 lutadores de vários emblemas, evidenciando-se. Manuel Gaspar, Vítor Martins, Fernando Ardisson, Rui Correia, Claudino Pires, Vitorino Gaspar, Vítor Nobre, Fernando Maio, Carlos Reis, António Pasauta, José Silva e Artur Esteves..

Nos planos da nova direcção do Ginásio Clube Português inscreve-se a ampliação das instalações da colectividade (permitindo desdobramento de aulas) e conquistas de novos associados.

Bessone Basto regressou à prática do andebol, no Sporting, clube que também recebeu o reforço de Miranda, vindo do Benfica. Mas, nem tudo são rosas para o técnico «verde» Matos Moura, pois Manuel Marques parece persistir na ideia de abandonar a prática da modalidade, em que alcançou galões de «internacional».

O futebolista Caló que somente compareceu a dois treinos na colectividade que pretendia o seu concurso (Estoril Praia) afigura-se desinteressado em voltar aos campos.

A formação de hóquei patinado do Académico do Porto (treinada por Abílio Moreira) ganha alento com o ingresso de cinco bons praticantes: João Barbot e Campos (ex-F. C. Porto), Luis (Nampula) e a dupla Branco-Joel, regressada de África.

OPINIÃO

Alberto da Costa Pereira: o mesmo nome para dois homens do Desporto. Um, porventura o que mais alto subiu no conceito da fácil popularidade, é hoje treinador da turma do Oriental, depois de ter desfilado (do Benfica até à selecção nacional) por palcos de quatro continentes. Outro, agora a um passo de obter o diploma de Medicina, afeiçoou-se ao râguebi: representou primeiro a Académica de Coimbra e enverga, actualmente, as cores do Universitário do Porto. Jogador e dirigente, com opiniões adultas e conceitos vigorosos.

Um dia desta semana, «O Século» foi escutá-lo. E ouviu:

. **Neste momento, o râguebi, no Porto, serve apenas para proporcionar algum prazer a cerca de meia centena de elementos que praticam a modalidade.**

«Só depois da existência de um campo ervado, nas instalações universitárias, é que o CDUP pode vir a colocar-se ao nível dos clubes do Sul e, simultaneamente — e isto para nós é bem mais importante — garantir à modalidade a projecção que tanto ambicionamos.

«Embora a secção tenha recebido por parte da direcção do Centro Universitário tratamento igual ao das outras modalidades, isto é, apoio administrativo e económico, a verdade é que a modalidade deve a sua existência ao nosso entusiasmo e ao extraordinário espírito de amadorismo que todos vivemos. Procuramos solucionar a maior parte dos problemas que nos dizem respeito. Adquirimos a maior parte do material (bot s, calções e meias) e nas deslocações a Lisboa e a Coimbra ou ainda a qualquer outro local (embora o Centro nos ceda 45$00 para a diária, o que nos tempos que correm é muito pouco), pagamos a diferença do nosso bolso.»

. O maior problema que xiste no horizonte do râguebi nortenho é a falta de um campo para ali se praticar a disciplina desportiva. Costa Pereira toma as rédeas do assunto:

. «O problema arrasta-se há já alguns anos. Desde 1969. Após a morte do prof. dr. Jaime Rios de Sousa, que pararam as obras de arrevelvamento do campo, o qual nessa altura era já um campo de buracos. Os trabalhos foram reiniciados em Fevereiro de 1974 e deveriam estar concluídos em Janeiro do próximo ano, mas, pelo que julgo saber, não será possível.

«Até aqui temos sido uns autênticos saltimbancos. Treinamos dentro das piores condições que se pode imaginar. Sempre por favor deste ou daquele clube amigo, ora num lado, ora noutro. E para jogar! (?)

. «Quantos sacrifícios e canseiras passamos. Temos que estar sempre condicionados às horas do futebol, o que nos obriga a andar de lado para lado e, até, a arranjar situações pouco cómodas na Federação e aos clubes que aqui têm de vir defrontar-nos.

«Estou certo que depois de nos entregaram o campo e a manter-se a verba de 120 contos por ano que nos é garantida pelo Centro, o râguebi no Universitário não terá mais problemas.

«Penso que a modalidade tem imensas possibilidades, no Norte, de vir a atingir certa projecção. Depois de solucionado o problema do campo, que considero que deverá ser aberto para todos os jovens de modo a poder-se acompanhar o programa da Federação e com a indispensável colaboração de alguns jogadores seniores, ainda não integrados no processo de divulgação, entre as camadas mais jovens, não só como animadores, mas também como árbitros e dirigentes, a modalidade terá encontrado o caminho ambicionado para atingir a posição que desejamos.

«Devo dizer que temos, neste momento, jogadores habilitados com o curso de animadores, capazes e dispostos a arrancar com a criação de núcleos de râguebi entre os mais jovens (juvenis e iniciados) em qualquer localidade do Norte, de acordo, como não podia deixar de ser, com o plano da DGD (delegação de Coimbra), entidade que nos garantirá todo o apoio. Existem já núcleos, além do Port (núcleo da zona da Boavista), em Viana do Castelo, Esposende e Fão. E, dentro em breve, contamos organizar no Mindelo, Freamunde e Arcozelo.»

. «Espero, pois, que os clubes do Porto, particularmente os que possuem campos relvados, venham a ceder as suas instalações à população escolar, participando, assim, no nosso esforço e venham a servir-se da nossa experiência e apoio, de modo a que o râguebi possa contribuir para um maior e mais fecundo crescimento do desporto amador a nível nacional.»

O dr. Nunes dos Santos, vice-presidente dos «leões», fala do «caso Alhinho» em «Sporting». Extraímos estes dois momentos do seu texto:

. «Por declarações que tive oportunidade de produzir publicamente, não ignoram os sportinguistas haver quem pretenda instaurar a lei da selva no desporto indígena, pelo que determinadas manobras golpistas nem sequer, têm o condão de nos ocasionar a menor surpresa.

«Se até houver um «patriota», que anda para aí arvorado em puritano, que ameaçou mandar «anavalhar» (sic) os meus filhos, se eu, na defesa dos legítimos interesses do clube, continuasse a não querer navegar nas águas dele...»

. Mais adiante, declara o dr. Nunes dos Santos:

. «Quanto ao sr. Carlos Alhinho, cinjo-me a tirar do saco, que está cheio, as singelas observações que seguem.

«De acordo com o contrato celebrado com a anterior direcção do Sporting, o sr. Carlos Alhinho recebeu umas largas centenas de contos do clube, para adquirir o documento de desvinculação ao Académico. O pior é que o sr. Carlos Alhinho recebeu essa farta maquia — e não obteve o documento.

Como o sr. Carlos Alhinho procedeu da forma que deixo expressa duas consequências resultaram do seu comportamento:

. «1 — Tem contas a acertar com o Sporting nos termos do contrato firmado com o clube;

. «2 — Forçou o Sporting a esportular uma avultada quantia, para o clube dispor daquilo que ele tinha a obrigação de, há muito, lhe ter entregue.

«Portanto, o sr. Carlos Alhinho fez o mal e a caramunha.»

RARIDADES

. O atleta brasileiro João Oliveira bateu o recorde mundial do triplo-salto, ao conseguir a marca de 17,60 metros no decorrer de uma prova de atletismo disputada na cidade do México. Aproveitando a elevada altitude e o ar rarefeito, João Oliveira superou em 16 centímetros o recorde anterior, que pertencia, desde 17 de Outubro de 1972, a Victor Saneyev, da União Soviética.

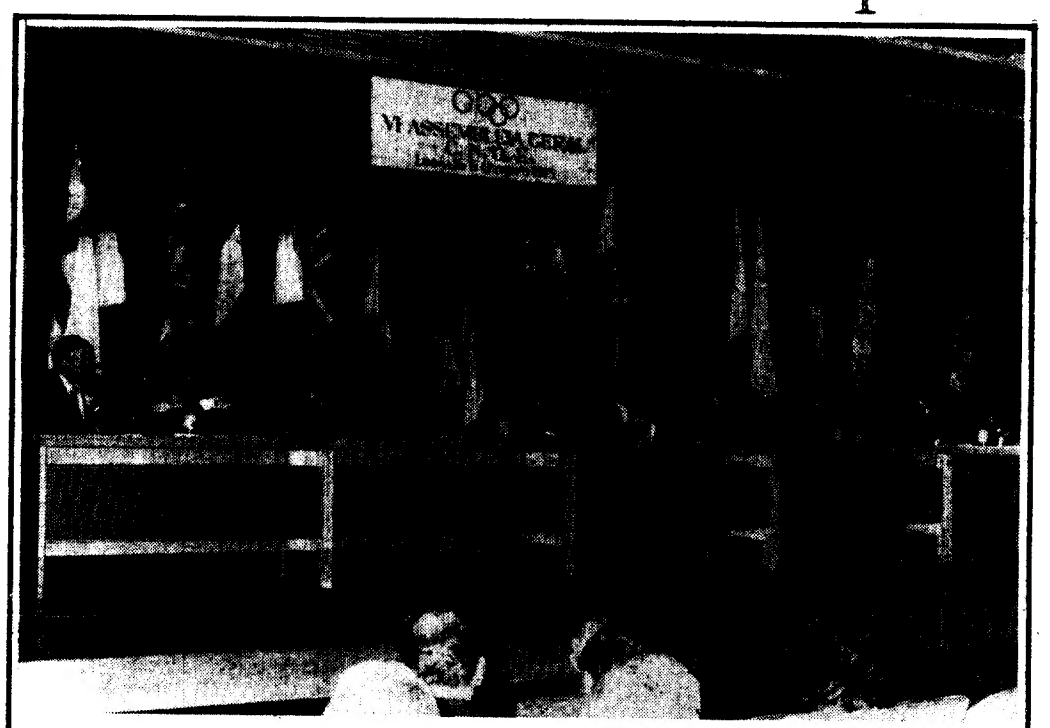
Recorde-se que foi no mesmo estádio da cidade do México que o norte-americano Bob Beamon estabeleceu o recorde mundial do salto em comprimento (com a marca de 8,90 metros) proeza obtida no decorrer dos Jogos Olímpicos de 1968.

. Pelé encontra-se na Colômbia. É o 60.º país que visita com a incumbência de divulgar a prática do futebol.

AGENDA

O Sporting prossegue na tarefa de conquistar, para o atletismo, novos praticantes. Hoje, em Alvalade, rapazes e meninas podem mostrar as suas habilidades, durante um torneio de captação que se processa pelas 21 e 30 e inclui provas de saltos (comprimento, vara e altura), lançamentos (peso) e corridas 100, 400, 800 e 3000 metros.

Tome nota, adepto do hóquei patinado: no próximo dia 18, nas instalações da Física (em Torres Vedras), 350 jovens atletas, de idade compreendida entre os 5 e os 12 anos, vão desfilar, representando os clubes filiados na Associação de Patinagem de Lisboa no festival de abertura do «Torneio de Promoção».



A partir de hoje, em Lisboa

Olimpismo em discussão por vinte e três países

Representantes de vinte e três países começaram hoje (no Auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian) a debater problemas do Olimpismo, dentro da Sexta Assembleia-Geral dos Comités Nacionais Olímpicos Europeus, num conclave que pela primeira vez tem Portugal como cenário.

Na sessão desta manhã, usaram da palavrá o secretário de Estado dos Desportos e Acção Social Escolar (dr. Silva Graça) e o presidente do Comité Executivo dos C.N.O.E. (o conde Jean de Beaumont). A agenda de trabalhos, vasta e com assuntos de interesse, engloba (ainda) almoços no Hotel Altis, recepção oferecida pelo presidente da C.M.L. no Castelo de S.Jorge, um jantar típico na Adega Machado, um outro jantar no Casino Estoril e uma prova de vinhos na Casa do Vinho do Porto. Os congressistas retornam aos seus países na tarde do próximo sábado, após uma pequena maratona na capital portuguesa.

A 1 de Novembro: Congresso das Associações de Andebol, na sede associativa de Lisboa.

Na noite do próximo dia 24, assembleia geral dos associados do Sport Lisboa e Benfica. Na agenda, um ponto importante: a discussão do futuro do ciclismo profissional com o emblema da «águia».

No domingo, a Academia Recreativa Luís Almeida Grandela promove provas de atletismo, destinadas a atletas populares, de ambos os sexos e qualquer idade.

Dividido em duas jornadas (no próximo sábado e a 1 de Novembro) a Philips promove um torneio de ténis de mesa entre os seus empregados: 30 seniores, sete senhoras e 30 veteranos participam nesta agradável competição-convívio, que terá lugar nas instalações do Estádio de Alvalade.

Leça do Bailio vai animar-se, no sábado (às 9 e 30 e pelas 16 horas) como no domingo (a partir das 9 horas) com provas promovidas pelo Núcleo de Amigos do Atletismo de Araújo. Podem concorrer entusiastas de todas as idades.

. Amanhã, pelas 21 horas, diálogo dos federativos do futebol com os órgãos de comunição social, na Praça da Alegria, 25, 2.º.

A 1 de Novembro inicia-se o campeonato lisboeta de voleibol (para seniores masculinos) a que concorrem seis turmas: Benfica, Técnico, Nacional de Ginástica, Lisboa, Ginásio, Veiga Beirão e Atlético. Igualmente na mesma data principia a disputar-se o torneio para seniores femininos (em prova: Benfica, CDUL e Atlético), mais a competição senior masculina da 2.ª divisão, em que inteferem cinco formações (Externato de Moscavide, CDUL, Juventude Colsiana, Almada e Salvaterrense).

No sábado, às 15 horas, colóquio dos clubes nortenhos que têm secções de ténis, na Casa do Desporto (Porto).

. De 17 a 19 do corrente vai efectuar-se em Penacova um encontro nacional de natação em que serão abordados problemas técnicos, o desporto escolar e o desporto federado.

LÁ FORA

. Resultados da segunda jornada da fase semifinal do Campeonato Brasileiro de Futebol: América (R.J.)-Vasco da Gama, 0-0; Palmeiras-São Paulo, 0-0; Internacional-Remo, 4-0; Cruzeiro-Tiradentes, 2-0; Santa Cruz-Corintians, 1-0; América (R.N.)-Curitiba, 3-0 e Guarani-Sport, 1-1. Classificação: Cruzeiro, 4 pontos; Guarani, 2; América, 1; Tiradentes, 1; Corintians, 1; Fluminente, 1; Palmeiras, 1; Atlético, 0; Remo, 0 e Curitiba, 0. Grupo 2: Internacional, 6; Figueirense, 5; Grémio, 4; América (R.N.), 4; Goiás, 3; São Paulo, 3; Santa Cruz, 3; Sport, 2; Vasco da Gama, 2 e Flamengo, 0.

. A contar para o campeonato brasileiro de futebol, o Fluminense derrotou, ontem, no Rio de Janeiro, o Goiás, (por 4-1). O Internacional (de Porto Alegre) lidera o grupo 2 das semifinais, com 6 pontos ganhos em dois jogos (é atribuído mais um ponto pela vitória com diferença de dois ou mais golos). O grupo 1 é comandado pelo Cruzeiro (de Belo Horizonte) com 4 pontos em 2 jogos, e pelo Fluminense (do Rio) também com 4 pontos, mas em 3 jogos. Flávio, do Inter (ex-Porto), reassumiu a «artilharia», com 13 golos, seguido de Roberto, (do Vasco) com 12

A U.E.F.A. suspendeu o jogador «internacional» búlgaro Andrei Gelasvok, por três anos, devido a comportamento violento e insultos grosseiros no jogo de futebol realizado a 1 de Outubro, entre o Slavia (de Sofia) e o Stturm (de Graz, Áustria) efectuado na capital búlgara.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE SETÚBAL

AV. 5 DE OUTUBRO, 87 - 1.º — SETÚBAL

CONVOCATÓRIA

Nos termos do n.º 1 do Art.º 33.º dos Estatutos do Sindicato convoco a Assembleia Geral para uma reunião a realizar no dia 31 do corrente, pelas 21 horas, nas instalações do INATEL, em Setúbal, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto unico — DEMISSÃO DOS CORPOS GERENTES DO SINDICATO.

Setúbal, 16 de Outubro de 1975

Pel'O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Geral

MAIS BOMBAS NA MADEIRA

Às 2.25 da madrugada de hoje rebentou um forte petardo no bairro dos pescadores da Queimada, freguesia de Água de Pena (zona da Matur), na Madeira, destruindo completamente um automóvel. Este carro tinha á matrícula EE-86-47 e era propriedade do guarda-fiscal José Ferreira Borges, cunhado do padre José Martins, de Machico. O atentado explica-se: aq ela era a viatura que o progressista padre Martins usava nas suas deslocações.

A deslocação de ar provocada pela explosão rebentou janelas de várias casas de pescadores.

Pouco antes do rebentamento do petardo foi visto um automóvel a afastar-se do local, aliás pouco frequentado.

De notar que a colocação do engenho explosivo ocorreu após a realização de uma manifestação do povo machiquense contra o governador da Madeira, brigadeiro Carlos Azeredo.

Entretanto, cerca de uma hora antes — por volta da 1.30 — tinha rebentado um outro petardo na zona da Rua Levada de Santa Luzia.

RÁDIO RENASCENÇA

Continuação da pág. 1

Referimos atrás que eram muitos, para não dizermos mulhares, os trabalhadores que respondendo ao apelo lançado pelas forças progressistas se concentravam esta manhã naquele local.

As sua intenções, de harmonia com as declarações que um dos elementos da Comissão de Luta da R.R. prestou ao «DL», não eram, propriamente, de «assaltar» o posto da Buraca. «Trata-se», salientou, «de proteger as instalações e evitar que qualquer grupo minoritário ou provocador tente desselar o posto».

De guarda às instalações, onde o selo de encerramento (provisório) concita todas as atenções, dois agentes da P.S.P. que o mesmo elemento da Comissão de Luta considera uma provocação. E explica-se: «Antes, estavam os comandos e todo o seu aparato repressivo e, agora, dois polícias. Será (perguntou) para nos instigar a violar a selagem? Não embarcamos», apressou-se a adiantar, «em ciladas».

Os trabalhadores da Rádio Renascença estão convencidos que a questão da estação será hoje decidida na reunião do Conselho da Revolução. Se o não for, os trabalhadores tomarão as medidas adequadas que, em princípio, forem decididas em plenário. Porque a R.R., «é de todos os trabalhadores, de todos os progressistas, das unidades militares que estão com a Revolução».

E foram 37 as ADU's que há dois dias, na sede da A.D.F.A., decidiram exigir a reabertura da Rádio Renascença em vias de transformar-se em cooperativa de informação. Foram as praças que ontem, reunidos em Sacavém, lançaram o apelo, a que os trabalhadores responderam firrmemente e em força, para a concentração desta manhã na Buraca.

ANGOLA

Continuação da pág. 1

vais antes da data fixada para a independência.

O dr. Agostinho Neto salientou, aliás, numa altura em que a missão se encontrava ainda em Luanda, que a F.N.L.A. e a U.N.I.T.A. são «movimentos «fantoches» dirigidos do exterior do país», acrescentando que o M.P.L.A. proclamará a independência «aconteça o que acontecer».

SITUAÇÃO MILITAR

A 26 dias da data da independência, travam-se importantes combates entre os movimentos rivais nas frentes de Luanda, do Centro e do Norte.

Na frente de Luanda, a luta caracteriza-se por uma ofensiva desencadeada pela F.N.L.A. na região do Caxito, decorrendo os combates no triângulo Porto Quitiri-Libongos-Caxito. Não se confirma que o avanço da F.N.L.A. tenha progredido até 25 quilómetros de Luanda, como ontem foi anunciado por fontes militares portuguesas. Não se exclui, no entanto, a possibilidade de um destacamento isolado da F.N.L.A. ter • eventualmente avançado até àquela distância de Luanda. Com efeito, nos últimos dias, foram presos pelo menos dois soldados da F.N.L.A. que haviam conseguido infiltrar-se nos subúrbios de Luanda, tendo a sua presença sido detectada e denunciada pela população.

Na frente centro, anuncia-se que o M.P.L.A., após renhidos combates com tropas da U.N.I.T.A., libertou a localidade de Quibala no eixo rodoviário Nova Lisboa-Lobito-Novo Redondo-Luanda, avançando agora sobre Cela, importante centro agrícola do qual depende Nova Lisboa.

Na frente norte, não existem notícias pormenorizadas sobre os combates, sabendo-se apenas que o M.P.L.A. avança na zona dos Dembos.

FOGO NA FÁBRICA

. GUIMARÃES — Três milhares de contos de prejuízo, foi o saldo do violento incêndio, cujas origens que por enquanto se desconhecem, deflagrado nas novas instalações da fábrica têxtil da firma Xavieres, Ld.ª, no Lugar de Carneiros, Fermentões, Guimarães.

As corporações de bombeiros da cidade combateram as chamas ao longo de muitas horas, tendo evitado que se propagassem a toda a fábrica. A secção de acabamentos da fábrica foi totalmente destruída pelo fogo.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

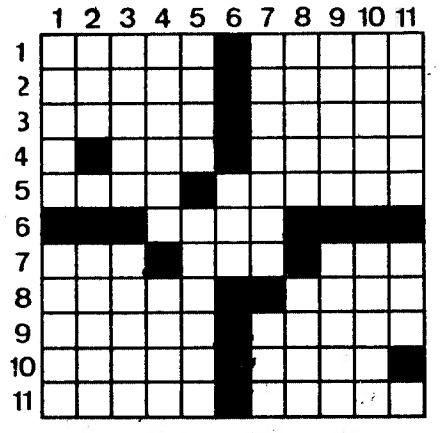
PROBLEMA N.º 11212

HORIZONTAIS

1 Nome de peixe. Cunho.
2 Verbais. Dividir ao meio.
3 Da Rússia. Quinhão (pop).
4 Utensílios domésticos. Versejar.
5 Comprar garrotes de um ano para revender dai a dois anos para exportação. Unira por casamento.
6 Mãe de Ismael.
7 Acredita. Pega. Brasil.
8 Brisas. Aquele que.
9 Bálsamo. Multidão.
10 Fechais as asas para descer mais depressa. Palmeira da Amazónia.
11 Esmonca. Espécie de choupo.

VERTICAIS

1 Decorre. Fatiga.
2 Sapo do Amazonas. Sais frequentemente à rua.
3 Apara. Vagueias.
4 Trilhara. Transfiro para outro dia.
5 Pegadeiras. Pressa (pop).
6 Cabelos brancos.
7 Dera marradas. Irmã da mãe.
8 Estimais. Pronome relativo.
9 Quinhentas folhas. Asna.
10 Apanhar. Movem os remos.
11 Ave trepadora. Estima.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

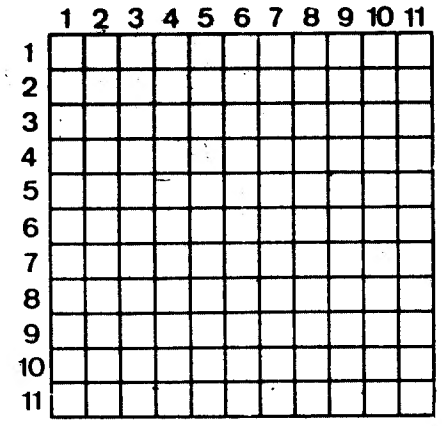
PROBLEMA N.º 7371

HORIZONTAIS

1 Família. Preposição. Doença.
2 Grande afeição. Mestre.
3 Em as. Ruins. Chefe etiope.
4 Remara para trás. Sinal.
5 Espaço de trinta dias (inv). Braco de mar.
6 Alianças.
7 Recuperei. O mesmo que salgado.
8 Classe de tropa. Roi.
9 Passado. Nome de astro. Fúteeis.
10 Irmão de Moisés. Cidade do estado do Maranhão.
11 Arara. Nivelas.

VERTICAIS

1 Deita. Fronteiras.
2 Estimai. Carência.
3 Nome de flores. Fruto silvestre.
4 Camada de erva rasteira. Viração.
5 Sugai o leite materno. Ecoa.
6 Nome de mulher. Boro (s.q.).
7 Antigo golfo Sinus Melas, do mar do Arquipélago. Pátria.
8 Mirar. Batráquio.
9 Nome de mulher. Limpas com água.
10 Faldas. Permanecerá.
11 Macios. Um gosto no meio de muitos dissabores.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11211

HORIZONTAIS:

1 Lavar. Apago.
2 Aba. Cirra.
3 Calam. Horas.
4 Até. Ami.
5 Sena. Asas.
6 Item. Meti.
7 Era. Ado.
8 UM. Or. Co. Mu.
9 Rim. Cré. Tia.
10 Imana. Lar.
11 Moçar. Ásaro.

VERTICAIS

1 Laças. Turim.
2 Atei. Mimo.
3 VALENTE. Mac.
4 Aba. Aero. Na.
5 Rama. Marcar.
7 ACHA. Macela.
8 Pio. Aedo. Ás.
9 Arrasto. Ara.
10 Gramai. Mi.
11 Oásis. OUTRO.

Provérbio: UM VALENTE ACHA OUTRO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7370

HORIZONTAIS:

1 Al. Ares.
2 La. Airas. Ab.
3 Erada. Utava.
4 Irra. Aval.
5 Teu. Anã. Ela.
6 Ac. Amaro. Il.
7 Raspa. Rirás.
8 Doar. Asar.
9 Vãs. Gas. Sim.
10 IV Cabal. Ao.
11 Saras. Resma.

VERTICAIS

1 Aleitar. Vis.
2 Arrecadava.
3 Aru. Sós.
4 Lada. Apa. Ca.
5 Ia. Amargas.
6 Ar. Ena! Ab.
7 Rau. Arrasar.
8 Esta. Ois. Le.
9 Ave. Ras.
10 Avaliariam.
11 Abalais. Moa.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado o vento era fraco dos quadrantes Oeste e caíam aguaceiros em vários locais em especial a norte do Tejo.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	13º
P. DOURADAS	
COIMBRA	13º
PORTALEGRE	9º
LISBOA	15º
FARO	17º
FUNCHAL	19º

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima **22º**

PENHAS DA SAÚDE
Mínima **1,3º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	15,2º
Atmosfera	13,2º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
1.38	**3,5 m**	7..24	**1,5 m**
13.53	**3,7 m**	19.47	**1,3 m**
Dia 17			
2.19	**3,6 m**	7.59	**1,3 m**
14.33	**3,8 m**	20.18	**1,1 m**
Dia 18			
2.55	**3,7 m**	8.32	**1,1 m**
15.10	**3,9 m**	20.48	**1,0 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu com períodos de muito nublado; vento fraco a moderado dos quadrantes Oeste; aguaceiros mais frequentes para o norte do Tejo; melhoria gradual do estado do tempo.

AMANHÃ

NASCER ÁS 8.47
OCASO ÁS 18.57

DIA 20 DIA 27 DIA 3 DIA 10

BARS BOITES restaurantes típicos

DANCINGS

NINA — Danging com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 T.364859/368197.** YUKY STREAP-TEASE JAPPONESA

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Var edades internacionais. **T.261461/164526/264596*264621/264946.**

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T.48384.**

rádio

EMISSORA

1.º Programa

17.00 Rádio Estudantil
18.00 Música variada
19.00 Informação de trânsito
19.05 Falar educação, um programa do I.T.E.
19.35 Melodias
20.00 Jornal da noite
21.00 Painel da noite
22.00 Temas de economia, por Filipe Felgas
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite
03.05 Miniteatro

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir?
18.00 Orquestras de câmara
18.22 Música de órgão
19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada
22.30 Música sinfónica
23.32 Música de Chopin
00.00 Entra o 2.º Programa — a grande música negra, por José Duarte
01.00 Fecho

rádio

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Música de câmara de Beethoven
21.30 5.º programa comemorativo do nascimento de Ravel e da morte de Luís de Freitas Branco
22.15 Música de bailado
23.00 Duas sonatas de Scarlatti
23.10 Música coral-sinfónica
24.00 Junção com o programa estereofónico

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.04 Programa C.D.C.
18.05 Movimento
20.50 Diálogo
21.03 Programa do M.F.A.
21.30 Quando o telefone toca
22.30 Quando o telefone toca
23.06 Mensagens bíblicas
23.30 No mundo aconteceu
00.05 Alavanca
01.00 Madrugada
01.15 Rádio-teatro
06.03 Diário Rural
08.30 Espaço R.C.P.

Modulação de Frequência

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1

rádio

20.30 Boa noite em FM
22.02 Auditório
00.05 Em órbita-2
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
06.00 Diário Rural
07.03 Hora sete

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das **06.00** às **10.00**
e das **22.00** às **02.00**

Rádio Voz de Lisboa

Das **10.00** às **112.00** e das **19.30** às **22.00**

Rádio Peninsular

Das **12.00** às **14.30**

Rádio Graça

Das **14.30** às **19.30**

revista motor

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO A-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Bairrão, R. Prior Crato, 25 (tel. 661321).
ALVALADE
Lusitana, Avenida de Roma, 18-A (tel. 725443); **Rio de Janeiro**, Avenida Rio de Janeiro 4-C (à Avenida dos Estados Unidos da América) (tel. 721409).
AVENIDAS NOVAS
Sá da Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36/42 (tels. 41961/54672).
BAIRRO ALTO
Pinharanda, Rua da Rosa, 94/96 (tel. 321534).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (tel. 311216).
BAIXA
Silva Carvalho, Ruda dos Fanqueiros, 126 (tel. 326575).
CAMPOLIDE
Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (tel. 683438).
CAMPO DE OURIQUE
União, Rua Saraiva de Carvalho, 145-F (tel. 663643).
ESTEFÂNIA
Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (tel. 44438).
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B (tel. 791131).
PENHA DE FRANÇA
Carrondo, Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (tel. 842518).
PICHELEIRA
Mcrluz, Calçada da Picheleira, 140-B (tels. 720703-28395).
SÃO VICENTE
Santo António, Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (tel. (862333).
XABREGAS
Conceição, Calçada de D. Gastão 30/32 (tel. 381279).

TURNO A-2

TODA A NOITE

ALMIRANTE REIS
Lusa, Avenida Almirante Reis, 199-A (tel. 41269).
ALVALADE
Zil, Avenida da Igreja, 9D/E (tel. 711780).
AVENIDA DA LIBERDADE
Galénica, Rua das Pretas, 12/14 (tel. 322588).
AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 238-A (à Feira Popular e Avenida 28 de Maio) (tel. 763016); **CARDEIRA**; Av. Duque d'Ávila, 32-C (esquina da Av. da República) (tel. 43495).
AMEIXOEIRA
São Bartolomeu, Avenida Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (tel. 790969).
BELÉM
Gomes, Rua da Junqueira, 326 (tel. 638193).
BENFICA
Benfiluz, Estrada de Benfica, 444-A (tel. 782606).
CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297-C (tel. 687475).
CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 131-133 (tel. 68660).
CONDE BARÃO
Marcos do Nascimento, Calçada do Marquês de Abrantes, 36-A (tel. 664238).
OLIVAIS
Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (tel. 311237).
RATO
Soares, Avenida Álvares Cabral, 1 (tel. 684282).
PICHF
...eleira, 140-B/C (T.720703, 728395)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R.Elias Garcia, 209 (T.930019); **Flama**, R.Elias Garcia, 78-B (T.932485); **Confiança**, Av. D.Nuno Álvares Pereira, 15-A (T.938149)
DAMAIA
Confiança, E.Militar, lote D (T.9710231)
VENDA NOVA
Girassol, R.Elias Garcia, 17-C (T.974161)
QUELUZ
Zeller, R.da República, 83 (T.950045); **Correia**, L.do Mercado, 3 (T.950906); **Serra e Pinto**, Av. D.António C.de Sá, 50-E (T.957619)
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T.2942181)
MEM MARTINS
Química, E.de Mem Martins, 285 (T.2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Vila (T. 2930155)
COLARES
Abreja (T.299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. C.G.Guerra, 166 (T.213953)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Toda a noite
OEIRAS
Oeiras, L.Henrique Paiva Couceiro (T.2430485)
CASCAVELOS
Central. Até às 24 horas
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.das Caixas de Previdência (T.2472948). Toda a noite
S.JOÃO DO ESTORIL
S.João, Quinta da Carreira, 29-A (T.261186). Toda a noite
MONTE ESTORIL
Lopes, R.Hangar, 3 (T.260008). Até às 22 horas
CASCAIS
A.Costa, R.Freitas Reis, 24-C (T.280214). Até às 22 horas; **Cordeiro**, Av. C.G.Guerra, 40 (T.280170). Toda a noite

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, R.António dos Santos Jorge, 15 (T.234100)
«ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250)
ALMADA
Castro Rodrigues, R.Capitão Leitão, 221-A (T.2750076)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E.Nacional, 244-A (T.2040141)
BARREIRO
Pimenta, R.Cons. Joaquim António de Aguiar, 12 (T.2073443)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, E.das Barrocas, 50-A (T.2494182)
MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)
MONTIJO
Higiene, R.José Joaquim Marques, 142 (T.2310370)
SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)
SETÚBAL
Lisboa, R.Dr. Paulo Borba (T.22248); **Saião**, Av. Portela (T. 22709)
SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 22

ATÉ ÀS 22 HORAS

Nacional, Rua Senhora da Luz, 156-FOZ, **Boavista**, Rua da Boavista, 601, **Cosme**, Rua de Costa Cabral, 564, **S. Brás**, Rua de S. Diniz, 428, **Senins**; Rua de Santos Pousada, 71; **Vitória**, Praça da Liberdade, 34, **Alberto Ferreira**, Rua da Estação, 100, **Antero de Quental**, Rua Antero de Quental, 520, **Antunes**, Rua do Bonjardim, 485, **Pereira**, Rua da Preciosa, 35, **Herculani**, Rua Alexandre Herculani, 384.

A PARTIR DAS 22 HORAS

Nacional, Rua Senhora da Luz, 156-FOZ, **Antero de Quental**, Rua Antero de Quental, 520, **Herculano**, Rua Alexandre Herculano, 384, **Alberto Ferreira**, Rua da Estação, 100.

COIMBRA

Rodrigues da Silva, R.Ferreira Borges, 32 (T.24348); **S.José**, Arcos do Jardim, 41 (T.24697)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARTIN MONIZ
21.30 (10 anos)
«O Crico do Povo»
TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.15 (13 anos)
«Pequenos Burgueses»
A.B.C.
20.30, 22.45 (18 anos)
«P'ra Trás Mija a Burra»
MARIA MATOS
21.15 (13 anos)
«Legenda do Cidadão Miguel Lino»
MONUMENTAL
20.30, 22.45 (18 anos)
«Lisboa Acordou»
VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»
ÁDÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A CIA dos Cardeais»
VILLARET
21.30 e 23.00 (13 anos)
«Pascoal»
CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Piscina»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Malícia»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«A Fúria do Campeão»
PARIS
21.00 (14 anos)
«Punhos de Aço»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«O Monte dos Vendavais»
MOSCAVIDE
21.15 (13 anos)
«2 Samurais para 100 Gueixas»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«O Belo Monstro»
IDEAL
21.15 (18 anos)
«Cuidado com as Curvas»

LINHA DE CASCAIS

Oxford
21.15 (18 anos)
«A Linguagem do Amor»
PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Uma Mistura de Amor»
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«O Garanhão»
S.José
21.15 (13 anos)
«Esta Tarde às 5»

LINHA DE SINTRA

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (18 anos)
«Os Sonhos do Passado»
Carlos Manuel
21.15 (13 anos)
«Vigaristas por Vocação»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
Sociedade
21.30 (18 anos)
«Os Homens que Cantam»
ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Os Contos de Cantebury»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (18 anos)
«A Apaixonada»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«O Corno»

PORTO/Cinemas

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«O Tiro de Ouro»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«A Casa do Pecado»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«A Mãe e a Puta»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«E Vieram 4 Para Matar Sartana»
S. JOÃO
21.15 (13 anos)
«A Linda Pamela»
COLISEU
21.15 (18 anos)
«Como Caçar um Marido»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Balbúrdia no Oeste»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«O Herói do Ano 2000»
JÚLIO DINIS
21.15 (6 anos)
«O Ás do Volante»
VALE FORMOSO
21.15 (10 anos)
«Amor de Perdição»
ESTÚDIO
21.15 (6 anos)
«Um Rei em Nova York»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«Carga Perigosa»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«A Vergonha da Família»
S.TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Chantage»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Agulhas de Ouro»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Tamanho Natural»
SOUSA BASTOS
21.15 (18 anos)
«A Grande Farra»

cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS
S. JORGE
A ÚLTIMA GOLPADA
BERNA E TIVOLI
SPYS
ALVALADE
OS CAFAS VESTES

BERNA
T. 776098 — ESTREIA 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SPY'S
Espiões
Hoje às 14.00, 16.30 e 19.00
Não acons. a menores de 18 anos
PROGRAMA FINAL

APOLO 70
T. 763319 — 14, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BALBÚRDIA NO OESTE
10.ª Semana
Hoje às 24 h
Grupo D- Maiores 18 anos
O CHATO

ROXY
T. 48560 — 14, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Colorido
PECADOS EM FAMÍLIA
13.ª Semana

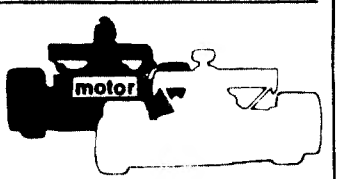
PATHÉ
T. 821933 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A LINGUAGEM DO AMOR
Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE
T. 897480 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.45
Para todos
MELODY
Estreia às 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
OS CAFA VESTES

NIMAS
T. 574362 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
QUE VIVA A REVOLUÇÃO
c/Marcelo Mastroiani

CARLOS MANUEL — SINTRA
21.15
Não acons. a menores de 13 anos
VIGARISTAS POR VOCAÇÃO

Em ARGANIL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na COMARCA DE ARGANIL Rua Oliveira Matos-Praça Simões Dias



UNIVERSAL
T. 774402
15.00 e 21.00 OUTUBRO — 13 anos
17.00 e 23.00 GREVE — 13 anos
Ás 19.00 **LINHA GERAL Para todos**

IMPÉRIO
T. 555134 — 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
2.ª Semana
A BOFETADA
de C. Pinoteau

EDEN
T. 32076914.00, 16.30, 19.00 e 21.15
(Int. a menores de 18 anos)
DUELO DE PUNHOS
c/ Ângela Mão, Jhom Rel

TIVOLI
T. 570595 — Estreia às 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SPY'S
Espiões
15.15, 18.30
Não acons. a menores de 18 anos
TARAS BULBA

CASINO ESTORIL
T. 264621 — 17.00, 21.15
Int. a menores de 18 anos
O GARANHÃO

ROYAL
T. 865037 — 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A BATALHA DE NERETVA

POLITEAMA
T. 326305 — 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
KARATÉ EM HONG KONG

ROMA
T. 727778 — 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
NOITES ÁRABES
2.ª Semana

VOX
T. 720808 — 15.15, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
DISTO É QUE EU GOSTO

SATÉLITE
T. 562632 — 15 17 19 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O CIO (HEAT)
8.ª Semana

MUNDIAL
T. 538743 — 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
ENQUANTO HÁ GUERRA HÁ ESPERANÇA

CINEBOLSO
T. 573407 — 14.30, 16.45, 19, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
FILME DE AMOR E ANARQUIA
Às 12.30 (Não acons. men. 13 anos)
BRANDOS COSTUMES

Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Lobo)

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 14.00, 16.30, 19.00 21.15
Interdito a menores de 18 anos
ANA E OS LOBOS
Um filme de Carlos Saura

CONDES
T. 32252314.00, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O riso dos anos 70, é...
O PROFESSOR NUDISTA
c/ Renata Pozetto, Magali Noel

ODEON
T. 326283 — 15.15, 18.15 e 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
O primeiro filme africano apresentado em Portugal
UM HOMEM DO SENEGAL
A odisseia de um foragido com a vida sempre em perigo
1.º Prémio do Festival de Karloyvary (Chcoslováquia) em 1974

LONDRES
T. 801313 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
LA BAMBINA
Uma nova forma de amor...

S. JORGE
T. 54153/4 — Estreia às 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A ÚLTIMA GOLPADA
15.15, 18.15 — 18 anos
AS MIL E UMA NOITES

AVIS
T. 47163 — 15.30 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O HOMEM ORQUESTRA
2.ª Semana
Um filme de Louis de Funés

CASTIL
T. 530194 — 15.30 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O VÍCIO (TRASH)
3.ª Semana

CINEARTE
T. 660446 — 21.15
Interdito a menores de 18 anos
MINHA MULHER É UM VIOLONSEXO

ESTÚDIO
T. 555135 — 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
EXTRADIÇÃO
c/ Roger Jendley, Anne Wiazemsky

ESTÚDIO 444
T. 779095 — 15.30 18.30 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CONTOS IMORAIS
Este filme contém cenas eventualmente chocantes — 21.ª Semana

EUROPA
T. 661016 — 15.15 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
AS NOVIÇAS
c/ Brigite Bardot e Annie Girardot

RESTELO
T. 610375 — 21.00
Não acons. a menores de 18 anos
QUE NOITE DE NÚPCIAS

MONUMENTAL
T. 555131 — 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
Telef. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 1..
LISBOA-PORTUGAL

A PANELA DE EXPRESSÃO

O País entrou em pânico, alarmado. A ordem pública ficou em perigo, periclitante. As instituições ficaram ameaçadas, gravemente. Receou-se pela sobrevivência de Portugal e a respiração suspendeu-se em todos os peitos. A catástrofe esteve iminente.

E tudo isto porquê? Porque eu, no dia 2 do corrente, escrevi uma nótula intitulada «A Panela a Ferver», comesinha alegoria em que comparava a actual situação portuguesa a uma panela de pressão, cuja água ferve e referve. E ali afirmava que a panela continua a ferver, «o que é bom, mas o perigo de explosão subsiste, o que é mau».

Por ser, pois, o responsável por enormes, numerosos e nefandos crimes, o sr. dr. Almeida Santos, conhecido advogado de Moçambique, menos conhecido escritor e actual ministro da Comunicação Social, ordenou do alto da sua indignação que me fosse instaurado um processo urgentíssimo. E tal como nos tempos de Salazar, sou de novo convocado para a Polícia Judiciária por crimes contra a Lei de Imprensa.

Ai falaste de panela de pressão? Polícia!

. Ai falaste de água a ferver? Tribunal!

. Ai falaste de perigo de explosão? Cadeia!

. Mas, sr. ministro, a ver tantos e tais perigos em tão simples palavras, tais e tantos crimes em vulgares frases, não receia que rebente a panela de expressão?

MANUEL DE AZEVEDO

TIMOR É O MOTIVO

UMA CERTA TENSÃO COM CAMBERRA

. A Austrália vai pedir esclarecimentos a Portugal sobre a acusação formulada pelas autoridades portuguesas de Macau quanto ao fornecimento de armas à Fretilin por civis australianos. Esta informação foi divulgada pelo embaixador daquele país em Jacarta, Richard Woolcott que, num comunicado, acentuou que «a exportação de armas para o Timor Português não será permitida pelo Governo», acrescentando: «Tomámos as medidas necessárias para garantir o impedimento de quaisquer exportações projectadas».

Entretanto, face a uma certa «tensão diplomática» que o comunicado difundido pelo Governo de Macau ameaça suscitar nas relações entre Lisboa e Camberra, foi divulgado, também pelo Governo de Macau, o seguinte comunicado:

. «A pedido do Governo de Timor, o Governo de Macau transmitiu no dia 13.10.75, para as agências noticiosas, um comunicado em que se indicava estarem alguns cidadãos australianos a auxiliar a Fretilin. Desta comunicação surgiram várias especulações, criando-se até o risco de incidentes diplomáticos. Perante esta situação entende o Governo de Macau seu seu dever informar que declina qualquer responsabilidade sobre o teor daquele comunicado, que apenas corresponde à reprodução integral do texto, de acordo com o solicitado pelo Governo de Timor. Este tipo de actuação da parte de Macau é coerente com os seus procedimentos anterioreees, pois desde o início dos incidentes em Timor (11 de Agosto passado) tem servido de elo de ligação do Governo de Timor com o mundo. Mais não se faz do que transcrever para as agências noticiosas os comunicados que o Governo de Timor entende ser seu dever difundir. Este procedimento continuará a ser utilizado no futuro.»

SUV's EM SETÚBAL

O Comité Misto de Luta para o Poder Popular promove hoje, em Setúbal, uma manifestação unitária com a participação dos núcleos SUV e dos militares revolucionários de todas as unidades do distrito. A concentração tem lugar na Praça do Bocage, às 19 e 30.

Segundo um comunicado distribuído pelo núcleo de Setúbal, perante a ameaça burguesa de tomadas do aparelho de Estado «é urgente que os soldados se organizem e mobilizem em torno de objectivos concretos conjuntamente com os operários e camponeses».

A burguesia tenta pelos meios que lhe são característicos desmobilizar a luta dos soldados e [illegible] que está em jogo acrescenta o comunicado, é a transformação do exército burguês no exército revolucionário que leve os trabalhadores à tomada e exercício do poder». Em relação à constituição do AMI, afirma-se que «esta tropa de choque do fascismo» foi criada para consolidar no nosso país os investimentos das organizações do capitalismo internacional.

Sobre a repressão que a luta dos soldados já conheceu em Setúbal, o referido comunicado informa que durante a manifestação de apoio ao documento revolucionário dos oficiais do Copcon, os soldados foram proibidos de participar fardados e ameaçados de prisão pelo furriel de ronda.

SUV's EM ÉVORA

"VENCEREMOS COM AS ARMAS QUE TEMOS NA MÃO"

ÉVORA, 16 — Eram onze horas e a manifestação dos S. U. V. desfazia-se pelas ruas estreitas de uma Évora orgulhosa da força dos seus soldados e trabalhadores. No final da ronda pelos quartéis — os manifestantes passaram pelo antigo R. A. L. 3 e R. I. 16 e terminaram em frente do Quartel-General — toda a gente cantava, em coro com os soldados e marinheiros presentes, uma canção com sabor a profecia: «Venceremos com as armas que temos nas mãos». E durante largos minutos, enquanto a multidão, que encheu a Praça do Giraldo e não coube no largo fronteiriço ao Q.-G., se espalhava em mil direcções diferentes, a pé, em cima de tractores e em autocarros, com bandeiras vermelhas nas mãos, Évora foi a imagem fiel do que é o povo em marcha: imparável, poderoso, feliz. «Venceremos! Venceremos! Com as armas que temos nas mãos!» continuou a ouvir-se pela noite dentro, no desfazer do que foi, ao que nos afirmaram habitantes da cidade, uma das maiores manifestações ali realizadas.

OH ELVAS, OH ELVAS!

Para os amantes dos números: a multidão devia andar pelas 25 mil pessoas. Talvez mais — segundo os mais optimistas. Soldados e marinheiros — mil e quinhentos, a passar. Com uma característica diferente em relação às outras manifestações dos S. U. V. a que temos assistido: os marinheiros apareceram em número muito superior ao que era habitual. Nas suas fardas brancas, boné à «marinheiro», dois homens do mar abriram a «manif.» empunhando, em conjunto com soldados da Escola Prática de Artilharia (E. P. A.) um enorme dístico vermelho com a legenda «SOLDADOS UNIDOS VENCERÃO». Pela primeira vez a C. D. A. P., organização de classe das praças da Armada, participou numa manifestação dos S. U. V., numa indicação clara de que nos quartéis a luta continua e as bases se orientam num sentido correcto: a unidade. A solidariedade não chegou apenas dos marinheiros com os fuzileiros à cabeça: do Porto veio uma delegação do R. A. S. P., de Lisboa veio a E. P. A. M. e o Ralis de Almada o Forte e ainda o B. R. T. Pelo menos que tenhamos visto. Da Região Militar Sul, como era de esperar, o apoio foi generalizado: soldados dos três quartéis de Évora e representações de Estremoz, Beja, Portalegre, Faro, Tavira, Lagos e Vendas Novas, através da E. P. A., mandou a maior representação. Elvas, com o Regimento de Infantaria também lá foi — mas de uma forma triste e pouco numerosa. Três soldados, três. Apenas. Por imposição de um comandante que não vai em S. U. V.'s. Com medo da repressão provável, os três soldados que contactámos nada nos disseram. Apenas representantes do Secretariado dos S. U. V., a quem, naturalmente, estes três homens contaram o sucedido, nos explicaram o que se passara: o comandante do R. I. de Elvas mandara fechar os portões e não autorizara os soldados a deslocarem-se a Évora. Motivo invocado: o comandante da Região, brigadeiro Pezarat, tinha dado ordens nesse sentido (o que é pouco provável, uma vez que em Évora nada disso aconteceu e nas outras unidades também não tinha havido ordens restritivas). Mas o comandante de Elvas fez mais — reuniu os homens e, magnanimamente, autorizou que três soldados, com um «Land-Rover» às ordens e um motorista com guia de marcha, fossem até Évora (desconhece-se se o soldado motorista teve ajudas de custo...). Foram escolhidos aqueles três soldados, que embora tristes pela falta dos muitos camaradas que os queriam acompanhar, vieram contar o que se passava em Elvas, possivelmente por Badajoz estar à vista. Ao que soubémos, talvez esta história tenha vindo dar força a uma ideia já antiga nos S. U. V. de Évora: levar brevemente os soldados a manifestarem-se em todas as localidades onde houver quartéis. Hoje é em Setúbal, em breve em Beja e depois se verá.

NÓS, SOLDADOS

Um ponto a fixar: em Évora, como em todos os locais onde se têm manifestado, os soldados foram acarinhados pelo povo. Aqui, no entanto, bem inseridos na realidade local, as palavras de ordem não se limitaram ao já tradicional «Reaccionários fora dos quartéis», «Portugal não será o Chile da Europa», «Abaixo o Pré de Miséria». Aqui também se ouviu, da boca de trabalhadores e soldados, em uníssono, «Crédito Agrícola, já!» e «A Banca ao Serviço do Povo». Aqui, melhor do que em qualquer lado, se viu como os soldados são filhos do povo e como os soldados devem estar sempre, sempre ao lado do povo. Um exemplo, tirado dos muitos discursos proferidos. Foi um soldado recruta a falar:

«Nós, soldados, ainda não estamos orgganizados. Não existem comissões de soldados, não se fazem plenários de soldados para analisar a situação político-militar e bem assim o modo de actuação nas missões a que somos chamados.

«As condições de vida no quartel nada mudaram — o pré é uma miséria, a alimentação é de má qualidade, os transportes para irmos a casa são caros, não temos salas de convívio, as condições higiénicas são precárias, assim como o serviço de saúde.

«A disciplina é-nos imposta e não consentida e livremente aceite. Continuamos a ser julgados à base do R. D. M. fascista.

«Hoje, no nosso país, ouve-se falar de autoridade de disciplina, de ordem e de paz. Nós, soldados, também o dizemos e exigimos. Mas não é a disciplina e a ordem que os vendilhões de Portugal apregoam.

«Nós lutamos pela autoridade e pela disciplina revolucionárias. São os soldados que a exigem e os reaccionários dos quartéis, que a coberto da social-democracia, nos falam em socialismo poderão ter a certeza que jamais voltaremos as nossas armas contra o povo, do qual também somos parte integrante.

«É por tudo isto que nós apoiamos os S. U. V. A luta do S. U. V. é a luta de cada soldado. E os oficiais e sargentos que se dizem progressistas só o serão se se juntarem a nós e lutarem ao nosso lado pela nossa justa luta.

«Por isso, camaradas, a legalização do S. U. V. é urgente. Vamos unirmo-nos e organizarmo-nos para que os soldados se auto-organizem em comissões de soldados, que serão órgãos de classe, sem qualquer ingerência e controlo dos comandos reaccionários.

«Camaradas trabalhadores:

. «Dentro dos quartéis também se luta. E a nossa luta tem como finalidade que as nossas armas estejam ao vosso serviço e que se virem contra os latifundiários, os monopolistas e todos os exploradores, sempre que necessário.»

. No final da manifestação houve um encontro de soldados com jornalistas. Motivo: explicar que os S. U. V. de Évora são autónomos, embora tenham todo o interesse em contactar com os outros S. U. V. do País com quem, como é óbvio, estão solidários. Defendem, no entanto, que a luta dos S. U. V. deve revestir-se de características específicas de acordo com as realidades do meio geográfico em que se inserem. E foi isso o que aconteceu em Évora, onde as palavras de ordem foram escrupulosamente seguidas, sendo repudiadas algumas que, no calor da «manif.», se começaram a ouvir. Um exemplo: «Pezarat Correia não foi mimoseado com nenhuma palavra de ordem hosttil (ou amigável...)». No final e, portanto sem responsabilidade da organização, já a cantiga foi outra. Em Évora também se ouviu «Pezarat, vai-te embora já!».

Assim vão os S. U. V.

O CAPITÃO É DO POVO

. O capitão Andrade e Silva, que já esteve durante anos em Vendas Novas e agora está em Évora, foi o exemplo vivo de como o povo ama os militares que estão ao seu lado. Na Praça do Giraldo, no seu camuflado, Andrade e Silva, falando alentejano e sentindo o Alentejo, esteve sempre rodeado de camponeses que o iam cumprimentar.

— Atão como vai senhor capitão? Quando é que nos faz mais uma visitinha? A nossa cooperativa já está a funcionar».

E o capitão lá ia respondendo, abraçando uns, acenando a outros, misturado com o povo de que faz parte. Hoje, por exemplo, Andrade e Silva vai visitar uma herdade ocupada por trabalhadores. Há problemas a resolver e os trabalhadores não dispensam a sua presença. Ao que nos disseram, o capitão Andrade e Silva é uma figura do Alentejo que o povo considera sua. E não há quem o arranque dali.

Tome nota

PEDIR ARMAS EM BELÉMM

A história da inventona da noite de 1 de Outubro ainda está por fazer. Mas podemos adiantar alguns pormenores, que mais não são do que pequenos contributos para os historiadores que hão-de vir. Um exemplo: Fernando Oneto, distinto ex-militante da L.U.A.R. esteve nessa noite em Belém. Motivo: pedir armas em nome do Partido Socialista. Estranhando tal pedido — «o golpe (?) estava iminente» — a entidade contactada pediu, naturalmente, uma credencial do P.S., para saber se Oneto estava mesmo mandatado ou não por aquele partido «maioritário». À surpresa do Oneto seguiu-se um telefonema e uma resposta: «Salgado Zenha vem já aí». E a verdade é que veio, embora uma vez interrogado quanto à pretensão de Oneto tivesse respondido que não senhor, viera ali porque tinha uma audiência pedida. Só. Quanto a Oneto, enfim, tinha-se tratado de um pequeno excesso, um problema de sistema nervoso. «Ele já foi à casa de banho e isso passou. Não há motivo para pedir armas» — terá respondido o ministro Zenha. Interessante no meio desta história é saber que o P.S. — ou alguém em seu nome — terá ido pedir armas a Belém...

AO TELEFONE

E já agora que estamos em maré de contribuir para a história da inventona — ou intentona, que se formos a ver bem parece que era isso mesmo — aí vai outra: na Presidência da República, nessa noite, os telefonemas não pararam. Pessoas solícitas avisavam do que se passava. «Ouviram-se tiros em Beirolas. É preciso avisar o sr. Presidente da República». «Agora foi no Alto do Duque. Tiros. Já sabem?» «Há tipos da F.U.R. a sairem das suas sedes com embrulhos debaixo do braço. São armas. Estão a preparar o golpe». Os telefonemas sucederam-se. Alguns deles tinham do outro lado do fio vozes de elementos conhecidos do P.S. Manuel Alegre, por exemplo. Tome nota, leitor, e espere pelos desmentidos.

PEDRO PIRES NA ROMÉNIA

BUCARESTE, 16 — (AGER PRESS/ANOP) — O primeiro dia da visita a Bucareste do primeiro-ministro da República das ilhas de Cabo Verde, Pedro de Verona Rodrigues Pires, foi marcado por um jantar oferecido pelo primeiro-ministro da Roménia.

Aos brindes, o primeiro-ministro romeno, depois de sublinhar que o povo romeno seguiu com grande atenção e interesse a luta heróica levada a cabo pelo povo da República de Cabo Verde, sob a direcção do P. A. I. G. C., para derrubar o jugo colonial e conquistar a independência nacional, afirmou que a visita de Pedro Pires representa uma expressão da evolução positiva dos laços de amizade entre os dois países.